



**UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA**  
**FACULDADE DE TEOLOGIA**

**MESTRADO INTEGRADO EM TEOLOGIA (1.º grau canónico)**

**KEVIN JAMES MAQUINDANG PIZARRAS**

**O migrante e o refugiado  
no projeto pastoral do Papa Francisco:  
Uma leitura teológico-prática a partir  
das Mensagens para o Dia Mundial do Migrante  
e do Refugiado (2014-2024)**

**Dissertação Final  
sob orientação de:  
Prof. Doutor Alfredo Teixeira**

**Lisboa  
2026**

## Agradecimentos

Há um provérbio africano que recorda: «*É preciso uma aldeia inteira para educar uma criança*». Com gratidão, reconheço todos os que fizeram parte da minha caminhada.

Ao meu prezado orientador Professor Doutor Alfredo Teixeira, pela orientação sábia e presença constante.

À Professora Doutora Ana Maria Castelo Martins Jorge (+) e à Dra. Maria da Luz Fernandes, pelo apoio académico e técnico.

Ao Padre Professor Doutor António Gilberto Marqueses, à Dra. Suzette Patosa Nellas e à Dra. Filipa da Silva Pinto, pela ajuda na pesquisa e amizade.

Aos funcionários da Biblioteca João Paulo II e ao Serviço Jesuíta aos Refugiados, em especial à Dra. Verónica Tomás dos Santos, pelo auxílio na recolha de dados.

Agradeço ao Provincial da Província Portuguesa da Congregação do Verbo Divino, na pessoa do Reverendíssimo Senhor Padre José Maria de Freitas Cardoso, e ao Reitor da Comunidade do Seminário Missionário do Verbo Divino em Guimarães, na pessoa do Reverendíssimo Senhor Padre António Augusto Lopes Leite.

Agradeço também à Comunidade do Seminário Missionário do Verbo Divino em Lisboa, à Comunidade Católica Filipina e às Paróquias de São João de Loure, Frossos e Alquerubim, pelas experiências pastorais e humanas vividas.

Às Irmãs SSpS e SSpSAP, aos Leigos Missionários do Verbo Divino, e aos pais e familiares dos confrades *verbitas*, pelo constante apoio moral e espiritual.

Aos meus pais, James e Rowena, que foram trabalhadores migrantes durante muitos anos.

A todos, o meu sincero e profundo obrigado.

# Índice

|                                                                                                          |           |
|----------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----------|
| Resumo .....                                                                                             | ii        |
| Siglas e Abreviaturas .....                                                                              | iii       |
| Introdução .....                                                                                         | 4         |
| <b>Capítulo 1 – As raízes do pensamento de Bergoglio sobre o migrante e o refugiado.....</b>             | <b>6</b>  |
| 1.1. Raízes da família Bergoglio .....                                                                   | 6         |
| 1.2. O pontificado de um padre pós-conciliar .....                                                       | 13        |
| 1.2.1. Uma vida no contexto da receção conciliar .....                                                   | 13        |
| 1.2.2. Centralidade do Evangelho, no espírito do Vaticano II .....                                       | 16        |
| 1.2.3. A opção pelos pobres – entre Roma e a América Latina .....                                        | 17        |
| 1.3. Cultura e «Teología del Pueblo».....                                                                | 23        |
| 1.4. Espiritualidade, ação e doutrina social .....                                                       | 27        |
| <b>Capítulo 2 - O migrante e o refugiado no pensamento do Papa Francisco.....</b>                        | <b>34</b> |
| 2.1. «Sinais dos tempos».....                                                                            | 34        |
| 2.2. Defesa da dignidade humana .....                                                                    | 38        |
| 2.3. «Novas formas de pobreza e fragilidade» .....                                                       | 43        |
| 2.4. Periferias.....                                                                                     | 47        |
| 2.5. Migrantes e refugiados: «carne de Cristo» .....                                                     | 55        |
| 2.6. Cultura da indiferença.....                                                                         | 60        |
| 2.7. Cultura do descarte .....                                                                           | 63        |
| 2.8. Cultura do encontro .....                                                                           | 65        |
| 2.9. Globalização da solidariedade .....                                                                 | 67        |
| 2.10. Cooperação internacional.....                                                                      | 71        |
| <b>Capítulo 3 – A ação pastoral junto dos migrantes e refugiados: contextos, eixos e critérios .....</b> | <b>75</b> |
| 3.1. Os migrantes e refugiados: uma pastoral contextualizada.....                                        | 75        |
| 3.1.1. O contexto da pastoral urbana.....                                                                | 75        |
| 3.1.2. Serviço Jesuíta aos Refugiados: perspetivas sobre um «caso» .....                                 | 79        |
| 3.2. Eixos de ação pastoral .....                                                                        | 81        |
| 3.3. Critérios de ação pastoral .....                                                                    | 93        |
| Conclusão .....                                                                                          | 98        |
| Bibliografia.....                                                                                        | 100       |

## Resumo

A dissertação «O migrante e o refugiado no projeto pastoral do Papa Francisco: uma leitura teológico-prática a partir das Mensagens para o Dia Mundial do Migrante e do Refugiado (2014-2024)» investiga o pensamento e o agir pastoral do Papa Francisco diante do fenómeno migratório contemporâneo. A partir da análise hermenêutica das mensagens papais publicadas entre 2014 e 2024 e de outros documentos magisteriais, o autor identifica o migrante e o refugiado como *locus theologicus*, ou seja, lugar privilegiado da manifestação de Deus e da ação evangelizadora da Igreja. A pesquisa propõe uma leitura teológico-prática sustentada pelo método «ver, julgar e agir», articulando a teologia da migração com a pastoral da misericórdia e a cultura do encontro. O trabalho conclui que o projeto pastoral do Papa Francisco convida a Igreja a assumir uma missão samaritana e inclusiva, comprometida com a dignidade humana, a justiça social e a integração intercultural dos migrantes e refugiados.

**Palavras-Chave:** Cultura do encontro; Magistério; Migração; Misericórdia; Papa Francisco

## Abstract

The dissertation «The Migrant and the Refugee in Pope Francis's Pastoral Project: A Theological-Practical Reading of the Messages for the World Day of Migrants and Refugees (2014–2024)» explores Pope Francis's theological and pastoral vision regarding migration in the modern world. Through a hermeneutical analysis of the papal messages from 2014 to 2024 and related magisterial texts, the study identifies migrants and refugees as a *locus theologicus*, a privileged space for experiencing God's presence and for the Church's evangelizing mission. Using the «see, judge, and act» methodology, the research integrates the theology of migration with the pastoral principles of mercy and the culture of encounter. The study concludes that Pope Francis's pastoral approach calls the Church to become a Samaritan and inclusive community, committed to human dignity, social justice, and intercultural integration.

**Key-Words:** Culture of Encounter; Magisterium; Mercy; Migration; Pope Francis

## **Siglas e Abreviaturas**

|              |                                                         |
|--------------|---------------------------------------------------------|
| <i>AAS</i>   | Acta Apostolicae Sedis                                  |
| <i>CDF</i>   | Congregação para Doutrina da Fé                         |
| <i>CELAM</i> | Consejo Episcopal Latinoamericano                       |
| <i>DN</i>    | Dilexit Nos                                             |
| <i>DSI</i>   | Doutrina Social da Igreja                               |
| <i>DV</i>    | Dei Verbum                                              |
| <i>EG</i>    | Evangelii Gaudium                                       |
| <i>EN</i>    | Evangelii Nuntiandi                                     |
| <i>EUA</i>   | Estados Unidos da América                               |
| <i>FT</i>    | Fratelli Tutti                                          |
| <i>JRS</i>   | Jesuit Refugee Service (Serviço Jesuíta aos Refugiados) |
| <i>GS</i>    | Gaudium et Spes                                         |
| <i>LF</i>    | Lumen Fidei                                             |
| <i>LG</i>    | Lumen Gentium                                           |
| <i>LS</i>    | Laudato Si                                              |
| <i>MV</i>    | Misericordiae Vultus                                    |
| <i>ONG</i>   | Organização Não-Governamental                           |
| <i>ONU</i>   | Organização das Nações Unidas                           |
| <i>TdL</i>   | Teologia da Libertação                                  |
| <i>SJ</i>    | Societas Jesu (Companhia de Jesus)                      |

## Introdução

Desde o início da história da humanidade, o ser humano tem buscado uma vida melhor. A migração não apareceu de repente numa era específica da história, mas sempre foi o contexto em que o ser humano está enquadrado. A realidade dos migrantes e dos refugiados, que não é nenhuma novidade, é um fenómeno global que, de facto, afeta milhares e milhões de pessoas deslocadas. É, na verdade, uma das polémicas mais faladas e debatidas que se torna cada vez mais escaldante na vida quotidiana dos âmbitos da política, da economia e da religião.

A Igreja Católica pronunciou-se com solicitude sobre esta matéria desde o seu início. Ao longo dos anos, a instituição tem proclamado o Evangelho do amor, promovido a vida sagrada de cada ser humano e denunciado todas as ameaças à realização integrada da condição humana. A problemática da migração não é recente. De facto, a Igreja, enquanto instituição tutelar e formadora, desempenha um papel de orientação e cuidado para com os seus fiéis. Neste âmbito, os Papas promovem a defesa dos mais desfavorecidos e necessitados por meio de textos magisteriais e projetos pastorais.

Na figura do Papa Francisco, encontra-se um líder religioso que, por meio de suas palavras e ações, transmite a compaixão divina. A presente dissertação parte de um acontecimento que se renova anualmente: o Dia Mundial dos Migrantes e dos Refugiados. Neste âmbito, o ponto de partida é constituído por um conjunto de mensagens referentes a esta efeméride. Neste sentido, pretende-se desvendar a estrutura teológico-prática subjacente às ações pastorais do Papa e comprovar a sua congruência com o projeto pastoral. A partir daqui, considerando as leituras hermenêuticas e as análises da teologia da migração e do projeto pastoral do Papa, emergem propostas para as Igrejas.

Em primeiro lugar, importa salientar que o cerne deste projeto é o migrante e o refugiado, no âmbito do projeto pastoral do Papa Francisco, com base nas suas mensagens para o Dia Mundial do Migrante e do Refugiado, publicadas entre 2014 e 2024. Anualmente, é definido um tema específico que apresenta múltiplos argumentos e diversos pontos de enfoque que requerem atenção. De facto, o ponto de partida desta investigação reside no projeto pastoral do Papa Francisco, que se reflete nos textos que apresentam diversos conceitos teológico-práticos, fundamentados em citações bíblicas, magisteriais e teológicas, proferidas pelo Papa ao longo dos anos em que a Igreja celebra este dia dedicado aos migrantes e aos refugiados. No entanto, o *corpus* inicial é

enriquecido com outras fontes, como cartas encíclicas e outros textos do magistério do Papa Francisco, bem como comentários teológicos e missiológicos, que apoiam as propostas interpretativas.

No âmbito do projeto teológico em questão, as seguintes questões orientam o presente itinerário de investigação:

Quem são os migrantes e os refugiados e que relação estabelecem com a Igreja, segundo o projeto pastoral do Papa Francisco? Qual a relação entre o fenómeno da migração e a Igreja?

Quais são os principais pontos e temas teológicos comuns às mensagens em diálogo com outros discursos do Papa Francisco?

Como podem as Igrejas encarnar a sua missão na realidade contextual dos migrantes e dos refugiados?

Ao enumerar as questões suscitadas anteriormente, o estudo visa enfatizar a importância e a pertinência das deliberações e práticas pastorais relacionadas com os migrantes e os refugiados que o Papa Francisco procurou encorajar. De facto, há uma propensão para simplificar, ignorar e considerar estes gestos como irrelevantes e não prioritários. Esta é uma tentativa de identificar, examinar, compreender e interpretar os elementos mais significativos das mensagens que o Papa pronuncia. Esta tese poderia, porventura, representar os prolegómenos de uma teologia da migração que emerge do magistério do Papa Francisco. Contudo, não é possível supor que os textos sejam suficientes para abordar tudo o que é necessário saber sobre este assunto de elevada importância.

A metodologia de investigação, que envolve a observação, o juízo e a ação, é claramente fundamental neste trabalho académico. Esta premissa indica que o autor não restringe os seus estudos às palavras e ideias, mas, acima de tudo, incorpora a prática. O trabalho visa constituir-se como uma leitura teológico-prática, razão pela qual atribui especial destaque à teologia das práticas. Os dois primeiros capítulos procuram contextualizar o pensamento e ensaiar uma hermenêutica. Contudo, o terceiro capítulo centra-se na vertente prática, oferecendo uma resposta após a análise hermenêutica. O processo da reflexão teológico-prática deste capítulo pode ser caracterizado como uma proposta de lógicas e critérios de ação.

## **Capítulo 1 – As raízes do pensamento de Bergoglio sobre o migrante e o refugiado**

Neste primeiro capítulo, o objetivo é olhar para o migrante e o refugiado não apenas como uma questão pastoral que desafia a Igreja na atualidade, mas, sobretudo, como um lugar teológico que merece uma reflexão mais ampla e profunda. É de sublinhar o percurso da vida pessoal do Papa Francisco para se pode compreender melhor as fontes do seu pensamento que deram luz à uma teologia das migrações mais relevante e enraizada profundamente nas doutrinas sociais da Igreja.

Na primeira seção, é preciso olhar para as raízes da família Bergoglio como uma família migrante cujas experiências humanas foram muito importantes na evolução do pensamento do jovem Jorge Mario Bergoglio na Argentina. Trata-se de uma viagem no âmbito da memória coletiva de uma família de um povo itinerário.

### **1.1. Raízes da família Bergoglio**

Para uma compreensão aprofundada da personalidade e da doutrina do Papa Francisco, é imperativo analisar o seu contexto familiar, uma vez que as suas origens determinam a sua visão cultural e o seu exercício pontifício. Trata-se de um agregado familiar afetado pelo fenómeno migratório. Considerando que o ser humano é um ser cultural e que apenas é possível compreendê-lo no contexto dos seus marcos culturais, é necessário observar a cultura na qual está inserido para compreender quem é Jorge Bergoglio no contexto em questão.

Desta forma, é possível demonstrar a influência deste fenómeno na vida do pontífice, que se tornou um dos temas recorrentes nas suas mensagens, discursos e gestos simbólicos. A árvore genealógica de Jorge Mario Bergoglio permite identificar a trajetória dos Bergoglio desde o final do século XIX até outras regiões distantes do norte de Itália, especificamente da região do Piemonte italiano<sup>1</sup>.

A migração ocorreu num período em que as migrações eram predominantemente impostas, sobretudo após a queda de Napoleão Bonaparte em 1815 e durante as sucessivas guerras civis pela unificação do território italiano. A crise económica de 1929, a I Guerra Mundial (1914-1918) e a II Guerra Mundial (1939-1945) exerceram uma pressão adicional sobre a situação social e económica, contribuindo para a

---

<sup>1</sup> Javier Cámara e Sebastián Pfaffen, *Darlo todo, darse todo. Retrato biográfico del Papa Francisco* (Madrid: San Pablo, 2015), 18.

continuação das tendências migratórias. Neste contexto, muitos italianos optaram por migrar para o continente americano, particularmente para países como a Argentina, o Brasil e os Estados Unidos da América.

No contexto do período em questão, a maioria dos imigrantes italianos estabeleceu-se sobretudo no Brasil e na Argentina. Foi na primeira metade do século XX que os avós paternos, juntamente com Mario José Bergoglio, progenitor de Jorge Bergoglio, chegaram a Buenos Aires:

Em 25 de janeiro de 1929, numa manhã sufocante do verão portenho, desembarcou no porto de Buenos Aires uma elegante senhora com um casaco com gola de pele de raposa. Era uma roupa inadequada à temperatura ambiente, mas a mulher preferia desmaiar de calor a arriscar o que o casaco escondia no forro: todas as economias da família. O dinheiro que Rosa levava era fruto do esforço de vários anos no Piemonte italiano e também a esperança de uma nova vida na Argentina. Os Bergoglio tinham vendido tudo o que tinham em Turim, incluindo uma charmosa confeitaria da qual viviam<sup>2</sup>.

Ao contrário do que era habitual entre os imigrantes daquela época, que chegavam sem qualquer tipo de contacto prévio e se deslocavam para um estabelecimento hoteleiro destinado a imigrantes, eles instalaram-se na casa de familiares. Instalaram-se no Paraná, que à época era a capital da província de Entre Ríos, onde já se encontravam alguns familiares à sua espera. Este pormenor esclarece a motivação subjacente à decisão de emigrar, a qual foi predominantemente impulsionada pela necessidade de reagrupar a família, e não tanto pela procura de escapar à pobreza, visto se encontrarem em situação estável na Itália, embora temessem a continuidade das hostilidades bélicas.

Na obra *El jesuita: conversaciones con el cardenal Jorge Bergoglio sj.*, os jornalistas Sergio Rubin e Francesca Ambrogetti concedem ao então cardeal Bergoglio a oportunidade de relatar o processo de chegada da sua família à Argentina<sup>3</sup>.

Porque emigrou a sua família para a Argentina?

Três irmãos do meu avô estavam aqui desde 1922 e tinham criado uma empresa de pavimentos em Paraná. Lá, construíram o palácio Bergoglio, de quatro andares, que foi a primeira casa da cidade a ter elevador. Tinha uma cúpula muito bonita,

---

<sup>2</sup> Cámara e Pfaffen, *Darlo todo, darse todo*, 26 – tradução do autor da dissertação. Cf. também, Saverio Gaeta, *Papa Francisco. Su vida y sus desafíos* (Madrid: San Pablo, 2013), 20; Sergio Rubin e Francesca Ambrogetti, *El jesuita: conversaciones con el cardenal Jorge Bergoglio sj* (Buenos Aires: Vergara, 2010), 27.

<sup>3</sup> Um livro cujo prólogo foi feito pelo Rabino Abraham Skorka com o qual o cardeal Jorge Bergoglio mantém amizade. Nesse prólogo, o rabino menciona as lembranças vividas com o seu pai, também imigrante, nascido na Polónia. Juntos publicaram o livro *Sobre el cielo y la tierra* em 2010 em que discutem vários temas. Jorge Bergoglio e Abraham Skorka, *Sobre el cielo y la tierra* (Buenos Aires: Sudamericana, 2013).

parecida com a da confeitaria El Molino de Buenos Aires, que depois foi retirada do edifício. Cada irmão morava num andar. Com a crise de 1932, ficaram sem nada e tiveram de vender até o cofre da família. Um dos meus tios-avós, o presidente da empresa, já tinha morrido de cancro, outro recomeçou e teve muito sucesso, o mais novo foi para o Brasil e o meu avô pediu 2.000 pesos emprestados e comprou um armazém. O meu pai, que era contabilista e trabalhava na administração da pavimentadora, ajudava-o a distribuir a mercadoria com uma cesta, até conseguir um emprego noutra empresa. Começaram de novo com a mesma naturalidade com que tinham chegado. Acho que isso demonstra a força da raça<sup>4</sup>.

O progenitor, Mario Bergoglio, contava apenas com 24 anos de idade quando empreendeu a viagem que o levou de Turim a Buenos Aires, na companhia dos progenitores, Rosa Margarita Vasallo e Giovanni Bergoglio. A embarcação italiana Giulio César, na qualidade de navio substituto, foi o meio de transporte que permitiu a chegada dos viajantes ao destino pretendido, apesar do naufrágio do navio anterior, ocorrido nas costas da Bahia, no Brasil. É inquestionável que Jorge Bergoglio experimentará um sentimento de gratidão por este facto, na medida em que nele vislumbra a manifestação divina, através da qual concebe um propósito para a sua vida: «Você não imagina quantas vezes agradei à Divina Providência por isso»<sup>5</sup>.

Esta é uma família em que a fé estava amplamente difundida e em que se acreditava firmemente que a Providência Divina os orientava. A família residia nas proximidades de uma igreja sob a responsabilidade dos Salesianos. Os vínculos afetivos e religiosos com a congregação permaneceram inalteráveis, mesmo após a mudança para a Argentina. O presente estudo aborda o papel da fé na vida de Jorge Bergoglio, com especial ênfase na influência da sua avó, Rosa, que, segundo o próprio, foi a mulher que mais marcou a sua vida:

Tive a graça de crescer numa família onde se vivia a fé de forma simples e concreta; mas foi, sobretudo, a minha avó, mãe do meu pai, que marcou o meu caminho de fé. Era uma mulher que nos explicava, falava de Jesus, ensinava o Catecismo. Lembro-me sempre que, na Sexta-Feira Santa, ela nos levava à noite à procissão de velas; no final desta procissão, passava o «Cristo jacente», e a avó fazia-nos – a nós crianças – ajoelhar e dizia-nos: «Olhai! Morreu, mas amanhã ressuscita». Recebi o primeiro anúncio cristão precisamente desta mulher, da minha avó! Tudo isto é muito belo! O primeiro anúncio em casa, com a família! Isto faz-me pensar

---

<sup>4</sup> Rubin e Ambrogetti, *El jesuita: conversaciones con el cardenal Jorge Bergoglio SJ*, 28.

<sup>5</sup> Cámara e Pfaffen, *Darlo todo, darse todo. Retrato biográfico del Papa Francisco*, 26.

no carinho que põem tantas mães e tantas avós na transmissão da fé. São elas que transmitem a fé<sup>6</sup>.

Foi ela que me ensinou a rezar, marcou-me muito na fé, contava-me histórias de santos.<sup>7</sup>

Outro aspeto relevante, relacionado com as raízes migratórias da família Bergoglio, diz respeito ao contexto laboral. Tal como o progenitor, que iniciou a sua atividade profissional numa idade precoce, o progenitor educa os seus descendentes, nomeadamente o primogénito, que recebeu o nome de Jorge Bergoglio:

Quando terminou o ensino básico, o pai chamou-o e disse: 'Olha, como vais começar o ensino secundário, é melhor começares também a trabalhar; nas férias vou arranjar-te algo'. Jorge, com apenas 13 anos, olhou para ele um pouco desconcertado. Em casa, viviam bem com o salário do pai, que era contabilista. 'Não tínhamos nada a mais, não tínhamos carro nem íamos de férias, mas não passávamos necessidades', esclarece. De qualquer forma, ele aceitou obedientemente<sup>8</sup>.

Ele iniciou a sua atividade profissional com trabalhos de limpeza, passando por outros tipos de funções mais administrativas e, por fim, a um trabalho num laboratório, função esta mais relacionada com a sua formação académica em Química, função na qual permanecerá por um período mais alargado.

A educação recebida do progenitor teve um impacto significativo no desenvolvimento de Jorge Bergoglio, contribuindo para a sua compreensão da importância do trabalho na vida humana, bem como para a sua perceção das consequências do trabalho para a família e para os valores que este promove.

O cumprimento de horários, a aprendizagem de um ofício, a assunção de responsabilidades, a obediência a ordens, o exercício de capacidades e a sensação de utilidade são elementos que se relacionam diretamente com a estima e a dignidade do ser humano. Jorge Bergoglio manifesta a sua gratidão pelas vivências que foram por si experienciadas: «Agradeço muito ao meu pai por me ter mandado trabalhar. O trabalho foi uma das melhores coisas que me aconteceram na vida e, particularmente, no laboratório aprendi o que há de bom e de mau em toda tarefa humana»<sup>9</sup>.

---

<sup>6</sup> Francisco, «Discurso na vigília de Pentecostes com os movimentos eclesiais», acedido a 15 de janeiro de 2025, [https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2013/may/documents/papa-francesco\\_20130518\\_veglia-pentecoste.html](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2013/may/documents/papa-francesco_20130518_veglia-pentecoste.html).

<sup>7</sup> Cámara e Pfaffen, *Darlo todo, darse todo. Retrato biográfico del Papa Francisco*, 32.

<sup>8</sup> Rubin e Ambrogetti, *El jesuita: conversaciones con el cardenal Jorge Bergoglio sj*, 35.

<sup>9</sup> Rubin e Ambrogetti, *El jesuita: conversaciones con el cardenal Jorge Bergoglio sj*, 36.

A experiência de vida e a consciência precoce da importância do trabalho são elementos cruciais para compreender a preocupação do pastor com os indivíduos que enfrentam o desemprego e não conseguem assegurar o sustento das suas famílias. Em cenários de crise financeira, um número significativo de jovens e famílias inteiras pode ser afetado. Esta situação frequentemente resulta na migração para os principais territórios urbanos, onde procuram oportunidades de emprego e condições de vida mais favoráveis para os seus familiares.

Na sua biografia sobre Francisco, Javier Cámara e Sebastián Pfaffen apresentam diversos testemunhos de pessoas que foram ajudadas pelo próprio quando se encontravam em situação de desemprego, facilitando a aquisição de habitação própria ou a obtenção de emprego.

Em determinadas circunstâncias, já no seu período como Papa, tem feito alusões explícitas à condição migratória do seu agregado familiar, como no seu primeiro *Ângelus* na Praça de São Pedro: «Escolhi o nome do Padroeiro da Itália, São Francisco de Assis, e isto reforça a minha ligação espiritual com esta terra, onde – como sabeis – tem origem a minha família»<sup>10</sup>.

A herança biográfica recebida das terras italianas, Francisco une a herança espiritual, encontrando em São Francisco de Assis um elemento que dê unidade a esses traços. A escolha do nome «Francisco» não se trata de uma decisão arbitrária com o intuito de atribuir uma identidade ao pontificado. Esta opção traduz-se num conjunto de princípios e objetivos que o Papa pretende implementar no governo da Igreja.

Manter laços familiares com indivíduos que permaneceram na região de imigração dos progenitores é uma prática comum. A deslocação a Roma para o conclave de 2005, por exemplo, proporcionou a oportunidade de visitar os familiares, demonstrando o valor atribuído às relações pessoais e familiares: «Senti-me em casa

---

<sup>10</sup> Francisco, «*Ângelus*», acedido a 15 de janeiro de 2025  
[https://www.vatican.va/content/francesco/pt/angelus/2013/documents/papa-francesco\\_angelus\\_20130317.html](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/angelus/2013/documents/papa-francesco_angelus_20130317.html). Cf. Francisco, «Discurso em Assis no encontro com os jovens da região de Úmbria», acedido a 15 de janeiro de 2025,  
[https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2013/october/documents/papa-francesco\\_20131004\\_giovani-assisi.html](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2013/october/documents/papa-francesco_20131004_giovani-assisi.html);  
Cf. Francisco, «Discurso na cerimónia de boas-vindas na Casa Branca em Washington-Estados Unidos», acedido a 15 de janeiro de 2025,  
[https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2015/september/documents/papa-francesco\\_20150923\\_usa-benvenuto.html](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2015/september/documents/papa-francesco_20150923_usa-benvenuto.html);  
Cf. Francisco, «Discurso no Congresso dos EUA», acedido a 15 de janeiro de 2025,  
[https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2015/september/documents/papa-francesco\\_20150924\\_usa-us-congress.html](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2015/september/documents/papa-francesco_20150924_usa-us-congress.html).

falando piemontês. Conheci um irmão do meu avô, os meus tios, os meus primos. A mais velha das minhas primas tem 78 anos e, quando vou visitá-la, sinto como se sempre tivesse vivido lá. Ajudo-a nas tarefas domésticas, ponho a mesa»<sup>11</sup>.

A valorização da família, o cuidado, a promoção e a sua defesa contra os descréditos hodiernos são elementos centrais na vida de Bergoglio. Com base na experiência familiar, é viável proporcionar assistência aos jovens na identificação da força necessária para perseverar no apoio à família, apesar das divergências e dos obstáculos enfrentados:

Pensem nos nossos pais, nos nossos avós ou bisavós: eles casaram em condições muito mais pobres do que as nossas, alguns em tempos de guerra, ou do pós-guerra; outros emigraram, como os meus pais. Onde encontravam a força? Encontravam-na na certeza de que o Senhor estava com eles, que a família é abençoada por Deus mediante o Sacramento do matrimónio, e que é abençoada a missão de ter filhos e de os educar. Com estas certezas eles superaram até as provações mais árduas. Eram certezas simples, mas verdadeiras; formavam colunas que sustentavam o seu amor. A sua vida não foi fácil; havia problemas, muitos problemas! Mas estas certezas simples ajudavam-nos a ir em frente. E assim conseguiram formar uma bonita família, dar vida e criar os próprios filhos<sup>12</sup>.

Durante a visita apostólica aos Estados Unidos, o Papa Francisco sentiu-se em casa, no continente onde nasceu e recebeu a sua formação e cultura, unindo a sua condição de migrante a de tantos outros migrantes que contribuíram e continuam a contribuir para a construção daquele país. Em ambos os momentos cruciais da sua intervenção pública, designadamente aquando da sua chegada ao território norte-americano e do discurso proferido perante o congresso, ele exhibe a sua condição de migrante, reconhecendo-a como uma característica distintiva da sua identidade. Por isso, faz um apelo para superar os medos e preconceitos que a convivência com estrangeiros possa acarretar:

Senhor Presidente. Obrigado pela saudação de boas-vindas que me dirigiu em nome de todos os americanos. Como filho duma família de emigrantes, sinto-me feliz por ser hóspede nesta nação, construída em grande parte por famílias semelhantes. Olho com alegria para estes dias de encontro e diálogo, em que espero perscrutar e partilhar muitos dos sonhos e das esperanças do povo americano<sup>13</sup>.

---

<sup>11</sup> Gaeta, *Papa Francisco. Su vida y sus desafíos*, 23.

<sup>12</sup> Francisco, «Discurso em Assis no encontro com os jovens da região de Úmbria», acedido a 15 de janeiro de 2025, [https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2013/october/documents/papa-francesco\\_20131004\\_giovani-assisi.html](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2013/october/documents/papa-francesco_20131004_giovani-assisi.html).

<sup>13</sup> Francisco, «Discurso na cerimônia de boas-vindas na Casa Branca em Washington-Estados Unidos», acedido a 15 de janeiro de 2025,

Nos últimos séculos, milhões de pessoas chegaram a esta terra perseguindo o sonho de construir um futuro em liberdade. Nós, pessoas deste continente, não temos medo dos estrangeiros, porque outrora muitos de nós éramos estrangeiros. Digo-vos isto como filho de imigrantes, sabendo que também muitos de vós sois descendentes de imigrantes<sup>14</sup>.

Durante a sua viagem ao Equador, em julho de 2015, no Santuário da Virgem de Quinche, o orador exortou a todos os presentes a não esquecerem as suas origens familiares. Esta perspetiva sublinha a necessidade de valorização da história, da cultura e das sensibilidades que caracterizam a vida pessoal e familiar, com o objetivo de superar o sentimento de vergonha por vezes associado a estas situações.

Atualmente, verifica-se uma escassez de informações disponíveis sobre a árvore genealógica materna de Bergoglio, de sobrenome Sívori. Não obstante, é importante salientar que este apelido é atualmente predominante na Argentina e na Itália. Contudo, a linhagem materna é registada de forma menos pormenorizada nas biografias, em comparação com a da linhagem paterna.

Apesar desta lacuna, sabe-se que a sua progenitora era filha de uma piemontesa e de um argentino de ascendência genovesa. Os progenitores da Sua Santidade o Papa Francisco, Mario José Bergoglio e María Regina Sívori, estabeleceram um vínculo afetivo após um encontro ocorrido numa igreja em Turim, tendo celebrado o matrimónio em 12 de dezembro de 1935.

Em conclusão, e no que concerne às raízes migrantes na história de Bergoglio, é pertinente realçar uma dimensão que se manifesta de forma premente na vida dos imigrantes: o desenraizamento, a saudade e a nostalgia do seu lugar de origem familiar. Jorge Bergoglio aborda a origem semântica do sentimento de nostalgia, bem como a sua manifestação no contexto das experiências dos imigrantes no mundo e nas suas relações interpessoais:

Há quem diga que Buenos Aires não olha para o rio porque, como foi construída em grande parte por imigrantes que sofreram com a separação e o desenraizamento, eles preferiram orientá-la para a pampa, que significava o futuro. A origem da palavra nostalgia - do grego nostos algo - tem a ver com o desejo de voltar ao lugar; é disso que fala a Odisseia. Essa é uma dimensão humana. O que Homero faz por meio da história de Ulisses é marcar o caminho

---

[https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2015/september/documents/papa-francesco\\_20150923\\_usa-benvenuto.html](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2015/september/documents/papa-francesco_20150923_usa-benvenuto.html)

<sup>14</sup> Francisco, «Discurso no Congresso dos EUA», acessado a 15 de janeiro de 2025, [https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2015/september/documents/papa-francesco\\_20150924\\_usa-us-congress.html](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2015/september/documents/papa-francesco_20150924_usa-us-congress.html).

de volta ao seio da terra, ao seio materno da terra que nos deu à luz. Considero que perdemos a nostalgia como dimensão antropológica. Mas também a perdemos na hora de educar, por exemplo, na nostalgia do lar. Quando colocamos os idosos em lares de idosos com três bolinhas de naftalina no bolso, como se fossem um casaco ou um sobretudo, de alguma forma temos a dimensão nostálgica doente porque encontrar-se com os avós é assumir um reencontro com o nosso passado<sup>15</sup>.

O recurso à literatura possibilita a compreensão da presença desta dimensão nostálgica em todo o ser humano e de como, atualmente, o descuido desta dimensão afeta a relação do ser humano com o seu passado, com as suas raízes e com a sua história. De certa forma, o afeto que o Papa demonstra pelas pessoas idosas é influenciado pela sua experiência com a avó Rosa e pela percepção da importância dos idosos na história familiar, reconhecendo a sabedoria acumulada e a função de fundamentação das gerações mais novas. Esta perspetiva sustenta que estas pessoas não devem ser privadas da convivência familiar, devendo ser consideradas uma fonte de aprendizagem.

## **1.2. O pontificado de um padre pós-conciliar**

O campo católico encontrava-se a atravessar os primeiros anos subsequentes ao Concílio Ecuménico Vaticano II (1962-1965), quando Jorge Bergoglio iniciou os seus estudos de teologia (1967-1970). Ainda que as alterações propostas pelo concílio tenham sido implementadas de forma paulatina, não se deve descurar os movimentos de renovação anteriores ao concílio, nomeadamente os movimentos bíblico e litúrgico, que prepararam o terreno para as mudanças paradigmáticas representadas pelos documentos conciliares.

### **1.2.1. Uma vida no contexto da receção conciliar**

Walter Kasper, cardeal, localiza a instauração do presente pontificado como uma nova etapa do concílio. Desta forma, no pontificado de Francisco, o espírito do Vaticano II é revitalizado. Francisco é o primeiro pontífice a não participar no concílio, facto que assinala o início de uma nova etapa no período pós-conciliar e na receção do concílio. A sua formação teológica e a sua ordenação decorrem já sob a influência do espírito do concílio. Esta é uma característica distintiva que o distingue dos seus antecessores e que não tem sido devidamente reconhecida nem explorada, sobretudo por ser o primeiro latino-americano e jesuíta.

---

<sup>15</sup> Francisco, «Discurso no Congresso dos EUA», acedido a 15 de janeiro de 2025, [https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2015/september/documents/papa-francesco\\_20150924\\_usa-us-congress.html](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2015/september/documents/papa-francesco_20150924_usa-us-congress.html).

O estudo da teologia e a preparação para o ministério ordenado num contexto de transformação radical das relações entre a Igreja e o mundo são fatores que não poderiam deixar de afetar a experiência de fé e a forma de atuação pastoral e evangelizadora do padre Jorge Bergoglio. É inegável que se tratou de um período de desconstrução, purificação e de busca por novas formas de expressão e de vivência da fé.

Importa recordar três características do concílio apresentava no início das suas sessões: a presença de milhares de bispos, técnicos e observadores na assembleia conciliar; a natureza pastoral do concílio, em vez de dogmática; e a sua condição de primeiro concílio propriamente ecuménico. A instituição eclesiástica encontrava-se a implementar uma nova dinâmica, o que suscitou algumas reservas<sup>16</sup>.

No âmbito dos documentos em análise, vários foram objeto de um aprofundamento e uma difusão consideráveis (*Lumen gentium*, *Gaudium et spes*, *Dei Verbum*), contudo, é nosso desiderato destacar um documento menos conhecido do concílio, o decreto *Christus Dominus*, que aborda o ministério pastoral dos bispos (cf. *Christus Dominus*, 36-43 – o documento produziu consequências de carácter eminentemente prático na missão eclesial local, materializadas na emergência das Conferências Episcopais. Esta é uma vertente da corresponsabilidade inerente à missão da Igreja, colegialidade que o Papa Francisco valoriza significativamente<sup>17</sup>.

Torna-se igualmente pertinente destacar as primeiras décadas do pós-Concílio, período em que ocorreram diversos acontecimentos e foram produzidos documentos, sobretudo como resultado das assembleias gerais dos bispos. No presente estudo, proceder-se-á à análise do Sínodo dos Bispos<sup>18</sup>, realizado no ano de 1971, o qual abordou as seguintes temáticas: «O sacerdócio ministerial» e a «A justiça no mundo», em que a Igreja percebeu os «sinais dos tempos» e constatava a crise de solidariedade universal no contexto de então, assim como o direito ao desenvolvimento, a necessidade de diálogo, as injustiças sem voz, alguns dos aspetos aprofundados na missão da Igreja, no seu anúncio do Reino, cujo objetivo na verdade consistia em aproximar Evangelho e

---

<sup>16</sup> Cf. Giuseppe Alberigo, Jean-Pierre Jossua e Joseph A. Kamonchak, Ed., *The Reception of Vatican II* (Washington DC: The Catholic University of America Press, 1987).

<sup>17</sup> Cf. Thomas J. Reese, Ed., *Episcopal Conferences: Historical, Canonical and Theological Studies* (Washington DC: Georgetown University Press, 2002).

<sup>18</sup> Os primeiros sínodos são fundamentais para aprofundar mais tudo aquilo que foi refletido, discutido e publicado no Vaticano II. É preciso percorrer os conceitos mais importantes em relação às temáticas destacadas neste estudo.

justiça»<sup>19</sup>.

Ademais, a terceira assembleia geral dos bispos, realizada em 1974, versou sobre «A evangelização do mundo contemporâneo». As reflexões suscitadas neste evento foram compiladas pelo Papa Paulo VI na sua exortação apostólica *Evangelii nuntiandi*, publicada em 1975. No mesmo ano, também ocorreu a 32.<sup>a</sup> Congregação Geral da Companhia de Jesus, convocada pelo Pe. Pedro Arrupe em 1974, da qual participou Bergoglio, e na qual foram atualizadas a identidade e a missão da Companhia de Jesus. Em resposta à questão sobre a identidade do jesuíta, o Decreto 1, «Jesuítas hoje», forneceu a seguinte resposta:

Ser jesuíta significa reconhecer que é pecador e, no entanto, chamado a ser companheiro de Jesus, como foi Santo Inácio. Comprometer-se sob o estandarte da cruz na luta crucial do nosso tempo: a luta pela fé e a luta pela justiça que a própria fé exige<sup>20</sup>.

A congregação geral, constituída por dezasseis documentos, representou para a Companhia de Jesus uma atualização imprescindível no contexto do mundo moderno. A existência de um compromisso social com a justiça, fundamentado na fé, bem como a inserção no mundo em solidariedade com os pobres, mediante a inculturação do Evangelho nas diferentes culturas, resultou na renovação das prioridades apostólicas.

Esta mudança acarretou perseguições para muitos jesuítas e, inclusive, a perda de vidas, como evidenciado pelo caso de Rutilio Grande, ocorrido a 12 de março de 1977, e dos seis jesuítas - Ignacio Ellacuría, Segundo Montes, Ignacio Martin-Baró, Amando López, Juan Ramon Moreno e Joaquin Lopez - bem como de uma colaboradora, Julia Elba, e da sua filha, Celina Ramos, assassinados a 16 de novembro de 1989, ambos em El Salvador<sup>21</sup>.

Os elementos do desenrolar da missão evangelizadora da Igreja, sobretudo no contexto latino-americano, estão amplamente presentes na vida de Francisco, podendo ser observados, de alguma forma, no seu pontificado. A análise do seu pontificado, à luz

---

<sup>19</sup> Cf. Segunda Assembleia Geral dos Bispos, «A justiça no mundo», acedido a 15 de janeiro de 2025, [https://www.vatican.va/roman\\_curia/synod/documents/rc\\_synod\\_doc\\_19711130\\_giustizia\\_po.html](https://www.vatican.va/roman_curia/synod/documents/rc_synod_doc_19711130_giustizia_po.html)

<sup>20</sup> Congregação Geral 32.<sup>a</sup> da Companhia de Jesus, Dec. 2, §1-2. A 32.<sup>a</sup> Congregação Geral (CG32) da Companhia de Jesus foi um encontro crucial em Roma, de 1974 a 1975, convocado pelo Padre Geral Pedro Arrupe, que redefiniu a identidade jesuíta com a famosa fórmula: "A missão da Companhia de Jesus hoje é o serviço da fé, da qual a promoção da justiça é uma exigência absoluta" (Decreto 4). Este evento histórico, pós-Concílio Vaticano II, marcou um compromisso profundo com os pobres e marginalizados, integrando a luta por direitos humanos e justiça social na própria essência da evangelização jesuíta, influenciando toda a Igreja.

<sup>21</sup> Cf. Agustina González Nuñez, *Catholicism and Nation in Argentina: A Jesuit View* (Washington DC: Academica Press, 2021).

dos documentos das Conferências Latino-Americanas, constituiria um trabalho de carácter interessante. Nesse sentido, seria pertinente considerar os documentos da Conferência do Rio de Janeiro, em 1955, sobre «As necessidades da América Latina»; da Conferência de Medellín, em 1968, sobre «A Igreja na atual transformação da América Latina à luz do Concílio de Puebla»; da Conferência de Santo Domingo, em 1992, sobre «A nova evangelização, promoção humana e cultura cristã»; e da Conferência de Aparecida, em 2007, sobre «Discípulos e missionários de Jesus Cristo para que os nossos povos tenham vida nele»<sup>22</sup>.

A relação do Papa Francisco com o Concílio Vaticano II e os seus desdobramentos pode ser analisada sob vários prismas. No presente estudo, deliberamos destacar apenas três aspetos que se relacionam com o tema em apreço e que se revelam fundamentais para a sua compreensão: a centralidade do Evangelho, a opção pelos pobres e a caminhada conjunta entre bispo e povo.

### **1.2.2. Centralidade do Evangelho, no espírito do Vaticano II**

No decurso da entrevista concedida a Spadaro para a revista *Civiltà Cattolica*, o Papa Francisco sublinha a importância da revisão das Escrituras e da raiz do Evangelho (Boa Nova) como uma das principais realizações do concílio:

O Concílio Vaticano II representou uma releitura do Evangelho à luz da cultura contemporânea. Produziu um movimento de renovação que vem simplesmente do próprio Evangelho. Os frutos são enormes. Basta lembrar a liturgia. O trabalho de reforma litúrgica prestou um serviço ao povo, relendo o Evangelho a partir de uma situação histórica concreta. Sim, há linhas de hermenêutica de continuidade e descontinuidade, mas uma coisa é clara: a dinâmica de leitura do Evangelho atualizada para os dias de hoje, própria do Concílio, é absolutamente irreversível<sup>23</sup>.

Para Francisco, é imprescindível estabelecer uma correlação entre o Evangelho e a cultura contemporânea, retomando a figura de Jesus como o principal referente para a vida cristã, evitando a propensão para se perder em especulações teológicas, dogmáticas e doutrinárias, como se estas representassem o cerne da fé cristã.

---

<sup>22</sup> Centro de Publicações do Conselho Episcopal Latino-americano (CELAM), *As Cinco Conferências* (Rio de Janeiro: Paulinas, 2014). O Centro publicou um livro com os documentos conclusivos das cinco Conferências Gerais do Episcopado Latino-americano, por ocasião do 50º aniversário do Concílio Vaticano II. Sob o título «As Cinco Conferências», o livro é um instrumento de utilidade não só para os investigadores e estudiosos, «mas especialmente para agentes pastorais que, a pedido do Papa Francisco, buscam estar vitalmente comprometidos no seguimento do Senhor e em uma Nova Evangelização que chegue até os mais distantes e a todas as periferias, as da pobreza e as existenciais», como diz a nota publicada por Noticelam.

<sup>23</sup> Antonio Spadaro, «Entrevista ao Papa Francisco», acedido a 15 de janeiro de 2025, [https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2013/september/documents/papa-francesco\\_20130921\\_intervista-spadaro.html](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2013/september/documents/papa-francesco_20130921_intervista-spadaro.html).

Um dos indicadores que permitem compreender a presença do espírito do concílio na figura de Francisco é a sua referência constante a um regresso ao Evangelho, ou seja, a uma vivência da fé que promova uma transformação da vida e da cultura das pessoas. Na exortação pastoral *Evangelii gaudium* (2013), o objetivo é recuperar o prazer e a alegria de comunicar a “boa notícia” revelada em Jesus, de modo a abranger todas as dimensões da vida pessoal e social daqueles que acolhem este anúncio<sup>24</sup>.

No presente documento, o Papa Francisco expõe o seu programa de pontificado, enquadrando-o na missão evangelizadora da Igreja. O objetivo do Papa é recuperar a dimensão missionária da Igreja, conferindo-lhe um novo vigor e entusiasmo, com base na riqueza e alegria do encontro com Jesus Cristo. No âmbito da análise de múltiplas temáticas associadas a este novo período da evangelização, é imperativo proceder a uma reflexão aprofundada sobre a sua dimensão social.

Francisco define a missão da Igreja como uma «igreja em saída», focada na alegria do encontro com Jesus Cristo e na proximidade com as periferias existenciais e geográficas. O documento, considerado o plano de governo do Papa<sup>25</sup>, sublinha que a evangelização não é uma tarefa opcional, mas a própria essência da Igreja, que deve ser motivada pelo amor e pela «revolução da ternura» (EG 88).

Esta «revolução» é um apelo do Papa Francisco para humanizar o mundo e a Igreja, contrapondo o «pragmatismo cinzento» e a «cultura do descarte». Enraizada na encarnação de Jesus, esta ternura é uma força revolucionária, proximidade e empatia que transforma as relações, aquecendo corações<sup>26</sup>.

De acordo com a análise realizada, verificou-se que, num total de 288 números que compõem a exortação, 81 fazem parte do capítulo IV, que aborda a dimensão social da evangelização (EG 176-258). Verifica-se que praticamente um terço da exortação está direcionado para essa dimensão, abordando diversos aspetos da realidade social.

### **1.2.3. A opção pelos pobres – entre Roma e a América Latina**

A relação estabelecida com os economicamente desfavorecidos encontra-se

---

<sup>24</sup> Cf. Walter Kasper, *Papa Francisco: a revolução da misericórdia e do amor* (Prior Velho: Paulinas Editora, 2015).

<sup>25</sup> Cf. Rafael Luciani, «La opción teológico-pastoral del Papa Francisco», *Perspectiva Teologia* 48, n. 1 (2016): 81-115.

<sup>26</sup> Cf. João Décio Passos, «As reformas do Papa Francisco: conjuntura, significados e perspectivas», *Perspectiva Teologia* 49, n. 2 (2017): 353-374.

intrínseca e indissociavelmente associada ao Evangelho, à medida que Jesus os contemplava como parte integrante da sua missão. Esta obra encontra-se em consonância com o desenvolvimento global da reflexão teológica na América Latina, um contexto caracterizado pela pobreza, desigualdade social e injustiças.

Esta é uma temática que encontra ressonância na vida intrínseca de Francisco, relacionando-o com a doutrina da Igreja, conforme afirmado por Juan Carlos Scannone, o seu docente e mentor, que reflete sobre a conexão entre evangelização, cultura e teologia, constituindo os pilares fundamentais da *Teología del Pueblo*.

A questão dos pobres é um ponto de convergência entre o magistério do Papa Francisco, a doutrina social da Igreja e a Teologia do povo. Não se trata de pura teoria, mas da sua encarnação em práticas existenciais e sociais que tornam realidade «a encarnação do Evangelho» e a «revolução da ternura»<sup>27</sup>(EG 88).

Na primeira conferência latino-americana pós-concílio, em Medellín (1968), destacou-se a opção preferencial pelos pobres, uma opção cuja origem se encontra no Evangelho e não em ideologias políticas, como muitas vezes se acusa aqueles que são mais sensíveis ao sofrimento dos pobres. No contexto da opção manifestada pelos bispos latino-americanos, o Papa Francisco partilha a seguinte reflexão numa das suas entrevistas:

A opção preferencial pelos pobres é uma mensagem forte do pós-concílio. Não é que não tenha sido proclamada antes, mas o pós-concílio enfatizou-a. A maior preocupação com os pobres que irrompeu no catolicismo nos anos sessenta constituía um terreno fértil para qualquer ideologia. Isso poderia levar a distorcer algo que a Igreja pediu no Concílio Vaticano II e vem repetindo desde então: abraçar o caminho certo para responder a uma exigência evangélica absolutamente inevitável e central, como a preocupação com os pobres, o que, na minha opinião, parece maduro na conferência dos bispos de Aparecida<sup>28</sup>.

Esta expressão foi gradualmente adquirindo maior proeminência, especialmente no contexto da teologia latino-americana, frequentemente alvo de desconfiança por parte do magistério, com alguns dos seus teólogos a serem perseguidos e censurados, particularmente durante o mandato do cardeal Joseph Ratzinger à frente da Congregação para a Doutrina da Fé.

Julio Martinez recorda que esta postura foi relativamente superada, salientando que, apesar de Bento XVI não ter utilizado a expressão «opção preferencial pelos

---

<sup>27</sup> Juan Carlos Scannone, «El Papa Francisco y la teología del pueblo», *Civiltà Cattolica* 165 (2014), 571-590.

<sup>28</sup> Rubin e Ambrogetti, *El jesuita: conversaciones con el cardenal Jorge Bergoglio sj*, 83.

pobres» na sua encíclica *Deus caritas est*<sup>29</sup> (2005), é possível identificar, no seu pontificado, pelo menos três ocasiões em que abordou essa opção: a) No discurso aos bispos do CELAM reunidos em Aparecida, quando afirmou: «opção preferencial pelos pobres está implícita na fé cristológica naquele Deus que se tornou pobre por nós para nos enriquecer com a sua pobreza (2Co 8,9)»<sup>30</sup>. b) No discurso proferido aos jesuítas reunidos na 35.<sup>a</sup> Congregação Geral, em Roma, o orador reiterou a mesma ideia de Aparecida, acrescentando novos elementos. «A nossa opção pelos pobres não é ideológica, mas nasce do Evangelho. Inúmeras e dramáticas situações de injustiça e pobreza no mundo atual, e se é necessário comprometer-se a compreender e combater as suas causas estruturais, é preciso também descer até ao coração do homem para lutar nele contra as raízes profundas do mal, contra o pecado que o separa de Deus, sem esquecer, por isso, responder às necessidades mais prementes no espírito da caridade de Cristo»<sup>31</sup>; c) Em 2009, por ocasião da mensagem para o Dia Mundial da Paz, foram lembrados os princípios da DSI «[...] o amor preferencial pelos pobres, à luz da primazia da caridade, testemunhada por toda a tradição cristã, começando pela Igreja primitiva»<sup>32</sup>.

No seu sobre o Papa Francisco, o cardeal Walter Kasper comenta que a crítica do magistério eclesiástico através da instrução *Libertatis nuntius* (1984) diz respeito a aspetos concretos da Teologia da Libertação, não a afetando no seu conjunto<sup>33</sup>. Em resposta às alegações dos marxistas sobre este tipo de produção teológica, Gustavo Gutiérrez sublinha que a análise da sociedade latino-americana não pode ser dissociada da consideração dos seus conflitos e das estratégias para os ultrapassar. Com efeito, a intenção é a utilização das ciências sociais para a compreensão da realidade social, na qual a teologia deve emitir uma reflexão.

A análise da opção preferencial pelos pobres, tal como vivenciada por Francisco,

---

<sup>29</sup> Bento XVI, «Deus caritas est», acedido a 15 de janeiro de 2025, [https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/encyclicals/documents/hf\\_ben-xvi\\_enc\\_20051225\\_deus-caritas-est.html](https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/encyclicals/documents/hf_ben-xvi_enc_20051225_deus-caritas-est.html).

<sup>30</sup> Bento XVI, «Discurso do Papa Bento XVI na sessão inaugural dos trabalhos da V Conferência Geral do Episcopado da América Latina e do Caribe», acedido a 15 de janeiro de 2025, [https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2007/may/documents/hf\\_ben-xvi\\_spe\\_20070513\\_conference-aparecida.html](https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2007/may/documents/hf_ben-xvi_spe_20070513_conference-aparecida.html).

<sup>31</sup> Bento XVI, «Alocação durante a audiência concedida aos membros da Congregação Geral 35.<sup>a</sup> da Companhia de Jesus», acedido a 15 de janeiro de 2025, [https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2008/february/documents/hf\\_ben-xvi\\_spe\\_20080221\\_gesuiti.html](https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2008/february/documents/hf_ben-xvi_spe_20080221_gesuiti.html).

<sup>32</sup> J. Martínez, *Moral social y espiritualidad. Una co(i)nspiración necesaria* (Santander: Sal Terrae, 2011), 126-127.

<sup>33</sup> Cf. Walter Kasper, *El Papa Francisco: revolución de la ternura y el amor* (Santander: Sal Terrae, 2014), 33.

permite uma compreensão mais profunda da sua abordagem. Neste âmbito, é imperativo ter em consideração a perspectiva dos migrantes e dos refugiados como um dos aspetos que atestam a atualidade da pobreza.

Esta perspectiva aproxima-se da defesa semelhante da dignidade dos indígenas, realizada por Bartolomé de las Casas no final do século XV e início do XVI, ao identificar neles a presença de Cristo. Conforme descrito por Gustavo Gutiérrez na sua obra *En busca de los pobres de Jesucristo*: «O pobre é amado por Deus com amor predileto porque “depois do mais pequeno e do mais esquecido, Deus tem uma memória muito recente e muito viva” (Carta de Las Casas ao Conselho, 11531, V, 44b). Esta preferência deve ser, portanto, uma norma de vida para o cristão»<sup>34</sup>.

É possível observar que a aproximação da fé e da prática cristã ao mundo dos pobres é significativa. De forma ímpar, transpondo dualismos e oposições, é exequível identificar, no cerne do Evangelho, a exortação a uma vida de evangelização junto dos mais desfavorecidos e dos que mais padecem.

Decorridos cerca de cinquenta anos sobre o início deste processo, foi possível observar um aprofundamento progressivo da reflexão teológica sobre a realidade concreta dos pobres, o que resultou na promoção de uma série de mudanças paradigmáticas. Contudo, verifica-se igualmente que, na atualidade, muitas destas mudanças não foram acolhidas de forma significativa em todas as comunidades eclesiais locais<sup>35</sup>. Por conseguinte, é imperativo realçar estes dois aspetos no pontificado do Papa Francisco. Através do seu carisma e dedicação, o Papa Francisco procura prosseguir com a implementação do espírito e da letra do Concílio, adaptando-os ao contexto contemporâneo.

#### **1.2.4. Igreja «Povo de Deus», um paradigma da eclesiologia conciliar**

Existem aspetos dos câmbios paradigmáticos produzidos pelo Concílio que, para o Papa Francisco, são considerados como não renunciáveis. Como é sabido, a compreensão da Igreja como a plenitude do povo de Deus já não se restringe à hierarquia, mas é também influenciada por outros fatores (cf. LG 4, 9-17)<sup>36</sup>. A partir

---

<sup>34</sup> Cf. Gustavo Gutiérrez, *En busca de los pobres de Jesucristo* (Salamanca: Sígueme, 1993), 101.

<sup>35</sup> Cf. Lluch, Enrique, *Una economía que mata. El papa Francisco y el dinero* (Madrid: PPC, 2015), Müller, Gerhard Ludwig, *Del lado de los pobres. Teología de la Liberación* (Madrid: San Pablo, 2013), Müller, Gerhard Ludwig, *Iglesia pobre para los pobres. La misión liberadora de la Iglesia* (Madrid: San Pablo, 2014) e Rivas, Fernando, *Defensor pauperum* (Madrid: BAC, 2008).

<sup>36</sup> Cf. João Paulo II, «Pastores dabo vobis», acedido a 15 de janeiro de 2025, [https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost\\_exhortations/documents/hf\\_jp-](https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost_exhortations/documents/hf_jp-)

desta perspetiva, é possível compreender a sua crítica ao clericalismo e ao carreirismo na Igreja. O autor salienta repetidamente a preeminência do sacramento do batismo, no qual os indivíduos são incorporados no sacerdócio de Cristo, uma função comum aos fiéis<sup>37</sup>. Além disso, é imprescindível situar o poder na ótica de Jesus, na qual o poder não tem outro sentido senão o de servir.

Desde a primeira saudação, no balcão central da Basílica de São Pedro, o Papa Francisco enfatiza consistentemente duas categorias: bispo e povo. Esta expressão reporta-se ao dever do conclave de proporcionar um bispo a Roma, apresentando-se como tal. Submete-se à consideração a prática de orações em prol do Papa Emérito Bento XVI. Neste ponto, é possível estabelecer uma primeira chave de leitura que permita compreender a eclesiologia dominante no pontificado de Francisco: «E agora iniciamos este caminho, bispo e povo»<sup>38</sup>. Sob a orientação do bispo diocesano, em comunhão com todas as demais Igrejas e sob a presidência caritativa de Roma, o povo de Deus não se encontra isolado na sua jornada de fé e de construção do Reino.

O bispo, enquanto representante de Cristo, deve ocupar uma posição de destaque, seja à frente, ao lado ou atrás do povo, simbolizando a presença constante e o apoio incondicional de Cristo. A aliança instituída entre Deus e o seu povo é intransigente e perpétua, refletindo a dedicação inabalável de Cristo à sua comunidade. A devoção patente neste estudo é notável, e, não obstante as limitações inerentes à condição humana do pastor, a sua função é simbolizar a presença constante de Deus junto do seu povo, independentemente do contexto histórico que lhe é atribuído.

De acordo com o anúncio profético de Jeremias, o povo deverá sentir que Deus lhes enviou pastores segundo o seu coração: «E vos darei pastores segundo o meu coração, que vos apascentem com ciência e com inteligência (Jr 3,15). Os bispos, os

---

ii\_exh\_25031992\_pastores-dabo-vobis.html e Ecclesia in America, (22.01.1999), [https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost\\_exhortations/documents/hf\\_jp-ii\\_exh\\_22011999\\_ecclesia-in-america.html](https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost_exhortations/documents/hf_jp-ii_exh_22011999_ecclesia-in-america.html).

<sup>37</sup> Cf. Francisco, «Carta do Papa Francisco ao Cardeal Marc Ouellet, Presidente da Pontifícia Comissão para a América Latina», acedido a 29 de janeiro de 2025, [https://www.vatican.va/content/francesco/pt/letters/2016/documents/papa-francesco\\_20160319\\_pont-comm-america-latina.html](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/letters/2016/documents/papa-francesco_20160319_pont-comm-america-latina.html). Nesta carta ao cardeal Marc Ouellet, presidente da Pontifícia Comissão para América Latina, em 19 de março de 2016, Papa Francisco critica o clericalismo como um modo errado de viver a eclesiologia proposta pelo Vaticano II. Designa a religiosidade popular como a chave hermenêutica para compreender a ação que se gera quando o Santo Povo fiel de Deus reza e age. Destaca a importância da enculturação e do acompanhamento dos leigos. Faz um apelo a conservar a dupla memória: de Jesus Cristo e dos antepassados. Por fim, sublinha que a missão do pastor é servir ao Santo Povo fiel de Deus e não se servir deles.

<sup>38</sup> Francisco, «Bênção apostólica *Urbi et Orbe*, primeira saudação do Papa Francisco», acedido a 29 de janeiro de 2025, [https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2013/march/documents/papa-francesco\\_20130313\\_benedizione-urbi-et-orbi.html](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2013/march/documents/papa-francesco_20130313_benedizione-urbi-et-orbi.html).

pastores, são chamados a não ter o coração distante das alegrias e tristezas do seu povo, para saber onde os conduzir, mantendo acesa a chama da fé e da esperança<sup>39</sup>.

O Papa Francisco tem procurado transmitir um testemunho que evidencie as qualidades e tarefas inerentes ao cargo de bispo de Roma. Para além disso, tem incentivado e exortado os bispos a exercerem o episcopado segundo esta eclesiologia, ultrapassando o que foi referido no discurso à Cúria Romana em dezembro de 2014, no qual se refletiu sobre a Cúria Romana e o Corpo de Cristo<sup>40</sup>, chamou de doenças e tentações que enfraquecem o serviço ao Senhor.

As enfermidades em apreço não se limitam exclusivamente aos indivíduos pertencentes à cúria, manifestando-se igualmente na vida de todos os pastores e, de forma particular, na vida de cada cristão. O sujeito em questão não se inibe de empreender uma autocrítica, sendo possível que este discurso tenha sido, até ao momento, um dos mais contundentes dirigidos aos seus colaboradores mais próximos. Esta questão não se prende com acusações, mas antes com a apresentação de elementos que devem ser considerados num exame de consciência sincero e fundamentado, de modo a promover progressos em direção a uma transformação pessoal e pastoral. A autenticidade, proximidade, sinceridade, atenção e preocupação são atributos manifestados na atuação do pastor, demonstrando um cuidado sensível e genuíno. O seu testemunho alcançou uma audiência que transcende as comunidades e instituições eclesiais. Em suma, verifica-se que, tanto no contexto interno como externo da instituição eclesiástica, há um reconhecimento e uma veneração consideráveis por parte dos pares relativamente à sua figura enquanto líder espiritual e moral.

Aos temas do pontificado de Francisco, que continuam o ar fresco que recebeu a Igreja desde a convocação do concílio pelo Papa João XXIII (1958-1963) e dado continuidade com o Papa Paulo VI (1963-1978), soma-se o tema da misericórdia, tema que se soma aos outros três temas anteriores: o Evangelho, os pobres e o povo de Deus. A misericórdia será abordada posteriormente neste estudo como um dos princípios teológicos que fundamentam o pontificado atual.

---

<sup>39</sup> Francisco, «Homilia na Santa Missa crismal», acedido a 29 de janeiro de 2025, [https://www.vatican.va/content/francesco/pt/homilies/2013/documents/papa-francesco\\_20130328\\_messa-crismale.html](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/homilies/2013/documents/papa-francesco_20130328_messa-crismale.html).

<sup>40</sup> Francisco, «Discurso à Cúria Romana para as felicitações de Natal», acedido a 29 de janeiro de 2025, [https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2014/december/documents/papa-francesco\\_20141222\\_curia-romana.html](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2014/december/documents/papa-francesco_20141222_curia-romana.html).

### 1.3. Cultura e «Teología del Pueblo»

A relação de Jorge Bergoglio com a cultura é algo de pertinente em toda a sua biografia eclesial. A cidade de Buenos Aires exerceu uma influência significativa no desenvolvimento cultural, com a herança italiana a desempenhar um papel notável. Para além da aquisição de competências linguísticas em espanhol, foi também sujeito a um processo de aprendizagem da expressão oral em «piemontês», por parte dos seus avós<sup>41</sup>. A formação ministrada pela Companhia de Jesus proporciona uma ampla exposição a diferentes culturas, despertando um interesse significativo pela literatura. Este contacto contribui para a formação de um indivíduo com uma cultura abrangente. Os elementos em questão constituem a identidade, o horizonte de sentido e a forma de relação com o mundo.

Considerando que a existência humana é limitada e que, por conseguinte, não é viável a uma pessoa dedicar-se a uma variedade de assuntos que lhe suscitem interesse, é prática comum organizar esses temas em torno de uma temática principal, que se torna o foco central da investigação e do aprofundamento. Em Francisco, é perceptível que a relação entre o Evangelho e a Cultura constitui o elemento unificador dos demais temas expressos através de variadíssimas formas, tais como as suas palavras, gestos e silêncios.

A relação entre o Evangelho e a Cultura foi uma temática de grande relevância durante o pontificado de Paulo VI, com o qual Francisco apresenta numerosas semelhanças, particularmente no que diz respeito à forma como compreende a relação entre a Igreja e o Mundo, bem como a dimensão missionária da Igreja. O conceito de cultura apresentado na exortação apostólica *Evangelii nuntiandi* estabelece o ponto de partida para o aprofundamento desta relação:

Para a Igreja, não se trata apenas de pregar o Evangelho em áreas geográficas cada vez mais vastas ou populações cada vez mais numerosas, mas de alcançar e transformar com a força do Evangelho os critérios de julgamento, os valores determinantes, os pontos de interesse, as linhas de pensamento, as fontes inspiradoras e os modelos de vida da humanidade, que estão em contraste com a palavra de Deus e com o desígnio de salvação (EN 18).

Neste ponto, é pertinente considerar a influência da sua formação jesuíta, na qual adquiriu um aprofundado conhecimento sobre a relevância deste tema para a espiritualidade e a cosmovisão inacianas. Desde a sua génese, a Companhia de Jesus

---

<sup>41</sup> Rubin e Ambrogetti, *El jesuita: conversaciones con el cardenal Jorge Bergoglio SJ*, 29.

evidenciou uma consciência notória da relação entre cultura e Evangelho<sup>42</sup>.

Neste sentido, é pertinente mencionar o trabalho missionário de Francisco Xavier na Índia e no Japão, de José de Anchieta no Brasil e de Matteo Ricci na China. As «reduções» da tríplice fronteira entre o Paraguai, a Argentina e o Brasil constituem outros exemplos que atestam o valor atribuído aos valores culturais na missão evangelizadora da Igreja, demonstrando a importância da preservação do património cultural e religioso na região.

Durante o seu mandato como reitor do Colégio Máximo e das Faculdades de Filosofia e Teologia em San Miguel, organizou o primeiro Congresso Internacional de Teologia (de 2 a 6 de setembro de 1985), que abordou o tema «*Evangelización de la Cultura y Inculturación del Evangelio*»<sup>43</sup>. Com o propósito de aprofundar a reflexão sobre a relação entre o Evangelho e as culturas, bem como para comemorar várias datas significativas, nomeadamente os quatrocentos anos da chegada dos jesuítas à Argentina (1585-1985), os vinte anos do encerramento do Concílio Vaticano II (1965-1985) e os dez anos da exortação apostólica *Evangelii nuntiandi* de Paulo VI (1975-1985), foi realizado um estudo aprofundado. Este evento contou com a participação de teólogos e personalidades de todo o mundo, além do apoio do Pontifício Conselho para a Cultura, do CELAM e de outras instituições eclesiais.

O segundo elemento que explicita a presença do tema da cultura na vida de Bergoglio é a sua proximidade ao pensamento de Romano Guardini (1885-1968)<sup>44</sup>, sobre o qual deu início a uma tese de doutorado, autor citado em alguns dos documentos do seu magistério e na homilia de posse como bispo de Roma<sup>45</sup>. Romano Guardini é considerado um dos fundadores das correntes filosóficas do personalismo, tendo exercido grande importância nos movimentos de renovação que culminaram no Concílio Vaticano II, em particular no movimento litúrgico.

---

<sup>42</sup> Cf. José Eduardo Franco e Carlos Fiolhais, *Jesuítas: construtores da globalização* (Lisboa: CTT Correios, 2016).

<sup>43</sup> Cf. *Evangelización de la cultura e inculturación del evangelio* (Materiais publicados na base do Congresso Internacional de Teología na revista *Stromata*, LXI Julio – Diciembre de 1985 y LXII Junio 1986). Bergoglio foi o organizador e constam nesta coletânea os seus dois discursos, inicial e final.

<sup>44</sup> Algumas das suas obras mais relevantes sobre este tema, nas suas traduções em espanhol: Romano Guardini, *El movimiento litúrgico*, Madrid 1960; *El espíritu de la liturgia*, Barcelona 1933; *El testamento del Señor: preparación para la Santa Misa*, Barcelona 1955; *El Señor*, Madrid 1956; *La esencia del cristianismo*, Madrid 1959; *Ética para nuestro tempo: reflexiones sobre formas de vida cristiana*, Madrid 1974.

<sup>45</sup> Cf. Francisco, *Lumen fidei*, 22; *Evangelii gaudium*, 224; *Laudato si*, 105,108,115,203,219; «Homilia na Basílica São João de Latrão, capela papal, para a tomada de posse da cátedra do bispo de Roma», acedido a 29 de janeiro de 2025, [https://www.vatican.va/content/francesco/pt/homilies/2013/documents/papa-francesco\\_20130407\\_omelia-posse-cattedra-laterano.html](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/homilies/2013/documents/papa-francesco_20130407_omelia-posse-cattedra-laterano.html) (07.04.2013), 423.

O pensamento do autor encontra-se impregnado pelo tema da cultura, bem como pela importância que o sujeito ocupa na criação, na relação com os outros e com Deus. A teologia divulgativa desenvolvida foi concebida de modo a atingir um público vasto, contribuindo para uma vivência mais profunda da fé cristã, com um compromisso ético e prático com os valores evangélicos. Tal como muitos outros teólogos de renome do século XX, o Papa Bento XVI também demonstrava um interesse significativo por ele<sup>46</sup>.

A presente temática da cultura encontra-se intrínseca e indissociavelmente associada ao tema das migrações, na medida em que o impacto imediato da mobilidade humana consiste, fundamentalmente, no intercâmbio cultural. A análise cultural apresentada por Francisco encontra-se igualmente difundida entre diversos outros pensadores. Neste âmbito, é pertinente destacar a proximidade entre a referida análise cultural e a abordagem contemporânea desenvolvida pelo sociólogo Zigmunt Bauman<sup>47</sup> cuja interpretação da realidade apresenta semelhanças com a de Francisco<sup>48</sup>.

Em diversas das suas mensagens e discursos<sup>49</sup>, o Papa critica explicitamente uma série de elementos da cultura contemporânea, tais como a indiferença, o medo do diferente, o descarte de relações e seres humanos. Em oposição, propõe-se o fortalecimento de outros valores e culturas, tais como a cultura do encontro, do acolhimento, da solidariedade, da compaixão e da fraternidade. Na análise cultural de Bauman, predomina um pessimismo antropológico<sup>50</sup>. Em Francisco, a aposta na capacidade humana, iluminada por Deus, de transformar realidades antropológicas limitadas, está sempre presente. Com base na reflexão sobre a cultura apresentada, será necessário situar o Papa no contexto das correntes filosóficas e teológicas que estão na origem do seu pensamento. Para tal, será necessário questionar a forma como o sujeito percebe a realidade, os critérios utilizados para elaborar os seus juízos de valor e a direção que pretende conferir às pessoas, com base na sua reflexão.

---

<sup>46</sup> Cf. Bento XVI, «Discurso aos participantes em um congresso da Fundação Romano Guardini de Berlim», acedido a 29 de janeiro de 2025, [https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2010/october/documents/hf\\_ben-xvi\\_spe\\_20101029\\_fondazione-guardini.html](https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2010/october/documents/hf_ben-xvi_spe_20101029_fondazione-guardini.html)

<sup>47</sup> Zigmunt Bauman, sociólogo polaco, iniciou a sua carreira na Universidade de Varsóvia, onde ocupou a cátedra de sociologia geral. Em 1968 emigrou, reconstruindo a sua carreira no Canadá, Estados Unidos, Austrália e Grã-Bretanha, onde em 1971 se tornou professor titular de sociologia da Universidade de Leeds, cargo que ocupou por vinte anos. Morreu em janeiro de 2017.

<sup>48</sup> Cf. Zigmunt Bauman, *Modernidade Líquida* (São Paulo: Editora Schwarcz - Companhia das Letras, 2021).

<sup>49</sup> Cf. Francisco, «Discursos e mensagens do Papa Francisco», acedido a 29 de janeiro de 2025, <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches.html>.

<sup>50</sup> A obra de Zigmunt Bauman, particularmente a sua análise da «modernidade líquida», é frequentemente associada a uma perspetiva de pessimismo antropológico e social. No entanto, é mais preciso descrevê-lo como um crítico realista que, embora desconfiado das estruturas sociais modernas, mantinha uma preocupação ética fundamental com o potencial humano.

Como ponto de partida, é coerente afirmar que não se trata de uma tarefa fácil enquadrá-lo dentro de uma única corrente filosófica ou teológica. Bergoglio possui uma formação académica que lhe permite transitar por vários grupos, desde a escolástica até aos contemporâneos. A sua relação significativa com a literatura e com a música clássica é evidente<sup>51</sup>.

Num artigo publicado no jornal argentino *La Nación*, o jornalista José M. Poirier Lalanne discorreu sobre as influências filosóficas, culturais e teológicas subjacentes ao pensamento de Francisco<sup>52</sup>. O autor fez referência ao conceituado teólogo Bruno Forte, que contextualizou a formação filosófica de Francisco no tomismo existencial, destacando a importância da experiência humana em toda a sua complexidade. O jornalista sublinha que o rabino Abraham Skorka o situa mais próximo dos existencialistas religiosos, como Søren Kierkegaard, Martin Buber e Karl Barth, anotando ainda que é imprescindível ter em consideração a influência filosófica e teológica de Romano Guardini, nomeadamente no que diz respeito aos seus aspetos personalista e comunitário.

No âmbito do contexto teológico, é possível situá-lo como um legítimo herdeiro dos documentos produzidos pelos bispos latino-americanos, com especial destaque para o Documento de Aparecida, o qual incorpora, essencialmente, o núcleo do que é comunicado na sua exortação apostólica *Evangelii gaudium*. Neste arcabouço, ocupa uma posição de relevo a teologia produzida após o concílio, nomeadamente a Teologia Latino-americana, a Teologia da Libertação (TdL) e a «*Teología del Pueblo*», esta última como uma das correntes da TdL própria da Argentina. O Cardeal Kasper menciona a relação de Francisco com aqueles que fundaram essa corrente teológica:

O seu principal mestre teológico foi Lucio Gera (1924-2012). O quanto o arcebispo Bergoglio o valorizava pode ser percebido pelo facto de, ao falecer, ter disposto que ele fosse enterrado na cripta episcopal da catedral de Buenos Aires, para assim honrá-lo como pai da teologia argentina<sup>53</sup>.

A distinção fundamental entre a Teologia da Libertação (TdL) e a Teologia da Cultura (Teologia do Povo), conforme conceituada por Scannone, reside na sua metodologia. Enquanto a Teologia da Libertação (TL) é fundamentada em análises das ciências histórico-culturais, a Teologia da Cultura adota uma abordagem distinta,

---

<sup>51</sup> Cf. Francesca Ambrogetti e Sergio Rubin, *O Pastor: desafios, razões e reflexões de Francisco sobre o seu pontificado* (Prior Velho: Paulinas Editora, 2023), 161-175.

<sup>52</sup> Cf. José María Poirier Lalanne, «La filosofía de Francisco», *La Nación* (24.05.2013), acessado a 3 de maio de 2024, <http://www.lanacion.com.ar/1584505-la-filosofia-de-francisco>.

<sup>53</sup> Kasper, *El Papa Francisco*, 32.

distanciando-se das metodologias socio estruturais do marxismo<sup>54</sup>. Esta teologia atribui maior destaque à Igreja através da categoria «Povo de Deus», que o Papa Francisco frequentemente designa como «povo fiel». A análise em questão evidencia uma valorização da religiosidade popular e das expressões culturais da fé, impulsionando a inculturação e referindo-se aos pobres como um lugar teológico.

Conforme exposto por Boff, a problemática fundamental não reside na categorização do sujeito em questão dentro de uma determinada corrente de pensamento, mas sim na observação da sua ação e da sua retórica, que se orientam para a libertação dos oprimidos, dos desfavorecidos e das vítimas de injustiças. Segundo este autor, Francisco apresenta-se abertamente como um pastor, e não como um doutor e teólogo. Ao colocar o Evangelho no centro do seu pensamento, o Papa estabelece uma sintonia com o mundo globalizado de hoje, através da sua inteligência prática e emocional, bem como da sua sensibilidade e abertura de espírito<sup>55</sup>.

#### **1.4. Espiritualidade, ação e doutrina social**

É pouco provável encontrar uma biografia de Bergoglio que não destaque e faça referência ao seu pensamento social, à forma como analisava a realidade do seu país e do mundo, e revele a sua firme posição face aos limites da situação atual da sociedade. A correlação entre interioridade e ação comprometida é, aliás, uma característica importante da espiritualidade inaciana<sup>56</sup>.

À medida que Bergoglio foi ocupando postos de maior relevância e responsabilidades diversas (provincial, bispo, arcebispo, cardeal e papa), os seus gestos e o pensamento subjacente a estes foram tornando-se mais visíveis. Chris Lowney afirma no seu livro sobre Francisco, que «Não é possível liderar outros se não for capaz de liderar a si próprio»<sup>57</sup>. Esta afirmação é corroborada pela compreensão da liderança enquanto chave de serviço.

Os dois anos vividos em Córdoba (1990-1992), durante os quais esteve em reclusão e sem grandes responsabilidades, após ter assumido o cargo de provincial dos

---

<sup>54</sup> Cf. Juan Carlos Scannone, «El Papa Francisco y la teología del pueblo», *Civiltà Cattolica* 165 (2014) 571-590.

<sup>55</sup> Leonardo Boff, *Francisco de Roma y Francisco de Asís. ¿Una primavera en la Iglesia?* (Madrid: Trotta, 2013), 65-68.

<sup>56</sup> Cf. Charles J. Healey, *The Ignatian Way: Key Aspects of Jesuit Spirituality* (New Jersey: Paulist Press, 2009).

<sup>57</sup> Chris Lowney, *Francisco, líder y papa* (Santander: Sal Terrae, 2014), 67.

jesuítas na Argentina, serão fundamentais para o presente trabalho pessoal. Esta fase é descrita por Javier Cámara e Sebastián Pfaffen, na biografia já referida, como um período de introspecção e purificação interior<sup>58</sup>.

Elisabetta Piqué registou os testemunhos de pessoas que viveram com Bergoglio nesse período, as quais afirmam que: «Córdoba foi algo injusto humanamente, mas ele transformou isso num período de gestação. Foi um período de solidão, contudo, para homens notáveis como ele, o exílio pode fortalecer o espírito. Aquele que o quis exilar acabou por lhe fazer um grande favor<sup>59</sup>.

O então Padre Jorge desfrutou de um extenso período para escrever algumas obras, tratar de feridas, acompanhar pessoas, enfrentar o seu próprio sofrimento, de modo a proporcionar à sua vida uma nova dimensão. Esta mudança ocorreu quando recebeu a nomeação de bispo titular de Auca e auxiliar de Buenos Aires, por intermédio do amigo cardeal Quarracino, que reconhecia o seu potencial de liderança. Consequentemente, regressa à prática da liderança com um espírito de pastor depurado e uma perspectiva mais abrangente sobre o mundo.

O sofrimento pode ser enfrentado de diferentes formas, sendo a forma impostas injustamente a pior de todas. Gustavo Gutiérrez defende que é possível encontrar um sentido no sofrimento imposto injustamente: «se, a partir dessa situação extrema, um crente é capaz de viver a sua fé com desinteresse e encontrar a linguagem adequada para falar de Deus, então o Deus da Bíblia pode ser reconhecido autenticamente pelo ser humano»<sup>60</sup>. Esta é uma forma de demonstrar que, mesmo no sofrimento, é possível encontrar Deus e ter uma experiência espiritual.

Durante o seu episcopado em Buenos Aires, dedicou-se de forma incondicional ao cuidado pastoral dos mais desfavorecidos, dos que enfrentam maiores dificuldades. Seja através da proximidade e visita às *villas misérias* de Buenos Aires, ou das suas proféticas palavras a cada ano na celebração do *Te Deum* no dia da pátria (25 de maio), ou mesmo através dos documentos e das declarações da Conferência Episcopal Argentina, da qual foi presidente durante dois períodos, quando procurava fazer chegar a todos o pensamento central da Doutrina Social da Igreja, que numa frase pode ser

---

<sup>58</sup> Cf. Cámara e Pfaffen, *Darlo todo, darse todo. Retrato biográfico del Papa Francisco*.

<sup>59</sup> Elisabetta Piqué, *Francisco, vida y revolución* (Madrid: La Esfera de los Libros, 2014), 120.

<sup>60</sup> Gustavo Gutiérrez, *Hablar de Dios desde el sufrimiento del inocente: una reflexión sobre el libro de Job* (Salamanca: Sígueme, 2006), 52.

resumido como «defesa da dignidade de cada ser humano»<sup>61</sup>.

Ele procura seguir a lógica do exercício do poder como aprendeu na contemplação do Mestre Jesus: «no centro do pensamento social do cardeal está o poder do amor como serviço»<sup>62</sup>. Um serviço que o impele também a denunciar a grande crise pela qual passava naquele momento na Argentina, que consistia numa dívida social. Não teme em dar nomes às injustiças que estão presentes na sociedade argentina, desmascarando-as, fazendo a sua parte para que haja mais respeito ao ser humano. Em setembro de 2011, na Praça da Constituição pronunciou uma homilia com forte denúncia social:

Na escola, ensinaram-nos que a escravatura foi abolida, mas sabem o que é isso? É uma mentira! Porque nesta cidade de Buenos Aires a escravidão não foi abolida; nesta cidade a escravidão está na ordem do dia sob diversas formas; nesta cidade os trabalhadores são explorados em oficinas clandestinas e, se forem imigrantes, são privados da possibilidade de partir; nesta cidade há crianças que vivem nas ruas há anos! [...]. Nesta cidade, mulheres e meninas são raptadas e submetidas ao uso e abuso do seu corpo, a sua dignidade é destruída. Nesta cidade, há homens que lucram e se alimentam da carne do irmão, da carne de todos esses escravos e escravas; a carne que Jesus assumiu e pela qual morreu vale menos do que a carne de um animal de estimação, e isso acontece nesta cidade<sup>63</sup>.

De forma direta e abrangente, o seu discurso aborda uma série de violações da dignidade humana. As denúncias não se esgotam na esfera discursiva. O discurso é um veículo de promoção de ações concretas e de apoio a grupos e instituições que promovem os direitos humanos. Deste modo, é possível compreender o seu compromisso com a erradicação da pobreza, da crise moral, da hipocrisia e da corrupção (política e religiosa), de modo a construir coletivamente um projeto comum de nação, um desenvolvimento nacional que contemple os mais desfavorecidos, os que sofrem e os excluídos<sup>64</sup>.

---

<sup>61</sup> Cf. Conselho Pontifício Justiça e Paz, *Compêndio da Doutrina Social da Igreja* (Cascais: Principia, 2005), Princípio fundamental em que se apoiam os demais princípios da Doutrina Social da Igreja: princípio do bem comum, princípio do destino universal dos bens, princípio da subsidiariedade, princípio da participação, princípio da solidariedade, os valores fundamentais da vida social: a verdade, a liberdade e a justiça, o princípio da caridade.

<sup>62</sup> Aldo Marcelo Cáceres, «J. M. Bergoglio: claves de su pensamiento social antes de ser elegido pontífice», *Moralía Revista de ciencias morales* 36 (2013): 130. Cf. J. M. Bergoglio, *El verdadero poder es el servicio*, (Buenos Aires: Claretianas), 2007, último título escrito e publicado por Bergoglio, antes de ser eleito Papa.

<sup>63</sup> Piqué, *Francisco, vida y revolución*, 190.

<sup>64</sup> Cf. Aldo Marcelo Cáceres, «J. M. Bergoglio: Claves de su pensamiento social antes de ser elegido pontífice», *Moralía Revista de ciencias morales* 36 (2013): 117-135; “Cardenal Jorge Mario Bergoglio. Aproximación a su moral social”, *Moralía Revista de ciencias morales* 32 (2009): 443-478; “El papa Francisco, viento sin ruido”, *Razón y Fe*, 2013, t. 267, n. 1374, 283-290.

No *Te Deum* de 2010, por ocasião da celebração do Bicentenário da Argentina (1810-2010), foi proferida uma declaração da Conferência Episcopal para tal ocasião, cujo título foi *La Patria es un don, la Nación una tarea*. O objetivo consistia em mobilizar a nação para a construção de uma sociedade onde os mais desfavorecidos e vulneráveis não fossem desrespeitados na sua dignidade:

Se toda a nação sofre, os pobres sofrem ainda mais. Esta é uma reivindicação que reiteramos, pois trata-se de uma dívida que persiste e se manifesta nos rostos de milhares de irmãos que não conseguem viver em conformidade com a sua dignidade de filhos de Deus<sup>65</sup>.

No âmbito das questões sociais, Bergoglio centra a sua atenção nos mais desfavorecidos, nos afetados por sofrimento, nos excluídos e nos marginalizados, é patente a sua preocupação com a vida e o sofrimento dos migrantes e refugiados. O seu empenho centrava-se igualmente em salientar a importância de se fomentar a afirmação de uma ética comum e de valores que promovam o bem-estar coletivo, entre líderes políticos e religiosos. A sua melhor caracterização encontra-se registada no documento da 96.<sup>a</sup> Assembleia da Conferência Episcopal Argentina:

Precisamos de líderes que tenham os seguintes valores: integridade moral, amplidão de visão, compromisso concreto com o bem de todos, capacidade de diálogo e de escuta, respeito à lei, discernimento atento aos novos sinais dos tempos e coerência de vida<sup>66</sup>.

Em última análise, é evidente que o próprio Bergoglio compreende que há uma necessidade premente de líderes que demonstrem verdadeiramente uma dimensão humana, que sejam capazes de refletir sobre todos os indivíduos e que não deixem ninguém para trás, excluindo-os da participação na vida social. Esta é uma dimensão de liderança, tanto no contexto político como no religioso, que se encontra em crise. A presente crise evidencia-se pela reduzida ou praticamente nula credibilidade atribuída aos líderes políticos, o que configura um desafio à legitimidade e à estabilidade democráticas.<sup>67</sup>

Num contexto global marcado por uma crise de liderança, caracterizada pela ausência de figuras dotadas de uma trajetória de vida virtuosa, alicerçada em valores

---

<sup>65</sup> Cáceres, «J. M. Bergoglio: Claves de su pensamiento social antes de ser elegido pontífice», *Moralia Revista de ciencias morales* 36 (2013): 125.

<sup>66</sup> Cáceres, “Cardenal Jorge Mario Bergoglio. Aproximación a su moral social”, *Moralia Revista de ciencias Morales* 32 (2009): 476. Cf. Francisco, *Hacia un bicentenario en justicia y solidaridad*, n. 2, (Conferencia Episcopal Argentina, Pilar, 14 de noviembre de 2008).

<sup>67</sup> Cf. John L. Allen Jr., *The Future Church: How Ten Trends Are Revolutionizing the Catholic Church* (New York: Crown Publishing Group, 2012).

inquestionáveis, carismáticas e com competência de liderança comprovada, o Papa Francisco emerge como uma fonte de esperança. No início da sua exortação apostólica *Evangelii gaudium*, o Papa Francisco explicita a tensão existente entre os «valores» atuais, presentes na sociedade contemporânea, e o projeto de Deus para o ser humano.

O grande risco do mundo atual, com a sua oferta múltipla e avassaladora de consumo, é uma tristeza individualista que brota do coração confortável e avarento, da busca doentia de prazeres superficiais, da consciência isolada. Quando a vida interior se fecha nos próprios interesses, já não há espaço para os outros, já não entram os pobres, já não se ouve a voz de Deus, já não se desfruta da doce alegria do seu amor, já não palpita o entusiasmo por fazer o bem. Essa não é a opção de uma vida digna e plena, esse não é o desejo de Deus para nós, essa não é a vida no Espírito que brota do coração de Cristo ressuscitado (EG 2).

Este diagnóstico constitui uma análise precisa dos limites de um antropocentrismo desviado e desordenado, conforme apresentado na encíclica *Laudato si'* (2015). Para corrigir o presente desvio, é necessário um aprofundamento teológico da criação, uma interpretação coerente e atualizada das Escrituras, bem como uma clara separação entre a técnica e a ética. Por fim, é essencial reconhecer o papel de Deus na criação, tendo em conta a sua transcendência.

O seu pensamento social encontra-se igualmente influenciado pela tradição do apostolado social da Companhia de Jesus desde a sua génese, quando Inácio de Loyola e os primeiros companheiros se colocavam ao serviço dos pobres da sua época – pessoas sem abrigo, prostitutas, enfermos, indígenas, pescadores, escravos africanos, entre outros:

Os pobres, os que sofrem, os excluídos e as vítimas da injustiça a quem Deus nos envia estão presentes nas origens do apostolado social, ao longo da sua evolução, em cada uma das suas formas e trabalhos e no seu objetivo final. Que o Senhor, que ouve o seu clamor, aceite também este nosso esforço «por professar um compromisso com a justiça para com os pobres de forma eficaz e profundamente jesuíta, na melhor compreensão possível da sociedade e da cultura contemporânea»<sup>68</sup>.

A sensibilidade de Francisco para com os pobres e os que sofrem encontra-se em consonância com a de Inácio e os seus primeiros companheiros, que, sob a orientação de Inácio, contemplaram os mistérios da vida de Cristo pobre e humilhado, conforme descritos nos Exercícios Espirituais. No que diz respeito ao mistério do nascimento do Verbo, Inácio convida a refletir sobre o facto de que «o Senhor nasceu em suma pobreza e, após ter sido submetido a trabalhos extenuantes, como a fome, a

---

<sup>68</sup> Cf. Peter Hans Kolvenbach, «Características del apostolado social de la Compañía de Jesús», *Promotio Iustitiae* 69, (1998).

sede, o calor e o frio, bem como às injúrias e afrontas, morreu na cruz; e tudo isto por mim; depois, refletindo, tirar algum proveito espiritual»<sup>69</sup>. Tal como demonstrado na epístola de Inácio aos jesuítas de Pádua, onde este discorre sobre a amizade com os pobres, «O nosso compromisso de seguir um Senhor pobre faz-nos, de maneira inteiramente natural, amigos dos pobres»<sup>70</sup>. Existe uma relação direta entre a espiritualidade, a moral e a prática pastoral.

Na sua história dos primeiros jesuítas, John W. O'Malley descreve os ministérios dos primeiros companheiros, que se estruturavam em três dimensões: ministérios da palavra, dos sacramentos e das obras de misericórdia<sup>71</sup>. As denominadas “obras de misericórdia” ou “obras de caridade”, conforme descrito na Fórmula do Instituto da Companhia de Jesus de 1540<sup>72</sup>, proporcionam um amplo espectro de serviços.

A abrangência da função inclui a mediação em conflitos, a assistência aos presos e aos doentes, bem como a prestação de cuidados aos moribundos e aos abandonados, condenados à pena capital. O papel também envolve o acompanhamento de pessoas em situação de vulnerabilidade, como prostitutas e órfãos, etc.<sup>73</sup>. No âmbito do Jubileu da Misericórdia, Francisco tem procurado atualizar a prática e o sentido das obras de misericórdia e das realidades sociais. O sujeito em questão faz, com regularidade, referência às instituições em questão, quer através da explicação em audiências, quer da realização de visitas-surpresa a centros e instituições que prestam apoio aos mais necessitados. Aos participantes da sessão plenária da Congregação para a Doutrina da Fé, recordou a centralidade das «obras de misericórdia»:

Esta atenção às obras de misericórdia é importante: não são uma devoção. É o aspeto concreto de como os cristãos devem levar em frente o espírito de misericórdia. Uma vez, ao longo destes anos, recebi um movimento importante e a Sala Paulo VI estava cheia. E abordei o tema das obras de misericórdia. Parei e fiz a pergunta: ‘Quem de vós recorda bem quais são as obras de misericórdia espiritual e corporal? Quem se recorda delas levante a mão’. Não foram mais de 20 numa sala com 7 mil pessoas. Devemos voltar a ensinar isto aos fiéis, porque é tão importante.<sup>74</sup>

---

<sup>69</sup> Cf. Ignacio de Loyola, *Ejercicios Espirituales* (Santander: Sal Terrae, 1991), n. 116.

<sup>70</sup> Cf. Ignacio de Loyola, «Carta de Ignacio a los jesuitas de Pádua», *Obras de San Ignacio de Loyola* (Madrid: San Pablo, 1991).

<sup>71</sup> Cf. John W. O'Malley, *Los primeros jesuitas* (Santander: Sal Terrae, 1993), 113.

<sup>72</sup> Cf. *Constituciones de la Compañía de Jesús* (Santander: Sal Terrae, 1996), 28.

<sup>73</sup> Cf. O'Malley, *Los primeros jesuitas*, 205-248.

<sup>74</sup> Francisco, «Discurso aos participantes na plenária da Congregação para a Doutrina da Fé», acedido a 29 de janeiro de 2025, [https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2016/january/documents/papa-francesco\\_20160129\\_plenaria-dottrina-fede.html](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2016/january/documents/papa-francesco_20160129_plenaria-dottrina-fede.html).

Francisco, enquanto jesuíta, participa desta tradição: uma fé encarnada na realidade concreta do mundo dos mais desfavorecidos e sofredores. Na sua experiência individual de viver e transmitir essa fé, estão indubitavelmente presentes os frutos dos exercícios espirituais, meditados e contemplados repetidamente, bem como oferecidos a outros em retiros de várias modalidades<sup>75</sup>.

---

<sup>75</sup> Destaque para dois livros: Jorge Mario Bergoglio, *En él la esperanza. Ejercicios espirituales a los obispos españoles (15 al 22 de enero de 2006)* (Madrid: Biblioteca Autores Cristianos, 2013); *Meditaciones para religiosos* (Bilbao: Ediciones Mensajero, 2014).

## Capítulo 2 - O migrante e o refugiado no pensamento do Papa Francisco

Neste capítulo, são enumeradas as maiores temáticas no que diz respeito ao imigrante e ao refugiado segundo o pensamento do Papa Francisco, principalmente de acordo com as Mensagens para o dia mundial do migrante e do refugiado, que também são lidas, ouvidas e refletidas nos seus discursos, nas suas outras mensagens e nas suas homilias. Escolhe-se esse tipo de intervenções discursivas porque elas têm uma qualidade particular: dirigem-se a interlocutores e a situações concretas. É uma apresentação metódica daquelas grandes ideias escolhidas pelo Papa para promover uma pastoral cada vez mais humana, acolhedora e inclusiva.

### 2.1. «Sinais dos tempos»

Uma das características do Papa Francisco é ter sido um homem de discernimento, alguém que está conectado com a realidade e cujos sentidos captam o que está sucedendo com o mundo. Um mundo que está a mudar rapidamente e que se faz necessário entender a lógica que está por detrás destas mudanças e para onde elas se apontam<sup>76</sup>.

«Sinais dos tempos» é uma expressão que tem importantes relações com os evangelhos sinóticos (Mt. 16,1-4; Mc. 8,12; 13,1-37; Lc. 12,54-56), a partir de diferentes hermenêuticas. Luis González-Carvajal, no seu livro sobre os «sinais dos tempos», descreve algumas modalidades de compreensão essa expressão e procura determinar o sentido original dessas passagens, no sentido de situá-las como aqueles fenómenos que são manifestações do Reino de Deus, que são sinais dos «últimos tempos»<sup>77</sup>.

A mesma expressão aparece também como expressão própria do Concílio Vaticano II<sup>78</sup>, embora João XXIII a tenha usado antes na encíclica *Pacem in terris* como subtítulo. Na nova relação que a Igreja estabelece com o mundo, com a modernidade, a leitura dos «sinais dos tempos» é crucial para que ela possa cumprir fielmente a sua missão. No número 4 da Constituição Pastoral *Gaudium et spes* encontra-se

---

<sup>76</sup> As mensagens anuais do Papa Francisco para o Dia Mundial do Migrante e do Refugiado são publicadas nas plataformas de comunicação.

<sup>77</sup> Cf. Luis González Carvajal, *Los signos de los tiempos. El Reino de Dios está entre nosotros* (Santander: Sal Terrae), 1987, 231.

<sup>78</sup> Vaticano II, *Gaudium et spes*, 4a; cf. também 11a e 44b; *Presbyterorum ordinis*, 9b; *Unitatis redintegratio*, 4a; *Apostolicam actuositatem*, 14c e Pablo VI, *Ecclesia suam*, 46.

explicitamente esta expressão:

Para levar a cabo esta missão, é dever da Igreja investigar a todo o momento os sinais dos tempos, e interpretá-los à luz do Evangelho; para que assim possa responder, de modo adaptado em cada geração, às eternas perguntas dos homens acerca do sentido da vida presente e da futura, e da relação entre ambas. É, por isso, necessário conhecer e compreender o mundo em que vivemos, as suas esperanças e aspirações, e o seu carácter tantas vezes dramático (GS 4a).

Conhecer o mundo, a realidade, e manter continuamente um espírito de discernimento, de investigação, de reflexão, para captar a comunicação de Deus, do Reino, que está por detrás dos fenômenos.

Numa meditação matinal sobre o evangelho de Lucas 12,54-59, que diz a respeito da interpretação dos sinais dos tempos, Francisco na sua reflexão convidou a uma atitude de discernimento questionando sobre a mensagem que Deus está a querer comunicar hoje por meios dos seus sinais. Para este discernimento ele indicou as atitudes de silêncio, reflexão e oração<sup>79</sup>.

Na sua primeira *Mensagem para o Dia Mundial do Migrante e do Refugiado* de 2014, intitulada «Migrantes e Refugiados: rumo a um mundo melhor», por ocasião do centenário dessas jornadas anuais, o Papa Francisco retoma uma expressão já utilizada por Bento XVI na mensagem de 2006, ao reconhecer o fenómeno da mobilidade humana como um verdadeiro «sinal dos tempos». Francisco sublinha que, entre as transformações características da modernidade, o aumento dos fluxos migratórios se destaca como um dos fenómenos mais significativos do nosso tempo, exigindo da Igreja uma leitura discernente e pastoralmente comprometida. Nessa mesma linha, no seu discurso aos bispos da Conferência Episcopal da Eslováquia, o Papa volta a empregar a mesma expressão, afirmando que «o fenómeno das migrações tornou-se um sinal dos tempos, que deve ser compreendido e enfrentado com sensibilidade e sentido de justiça»<sup>80</sup>.

Ao longo de mais de um século de celebração dessas jornadas, a Igreja tem demonstrado uma atenção constante ao fenómeno das migrações, reconhecendo-o

---

<sup>79</sup> Francisco, «Meditações matutinas na santa missa celebrada na capela da Domus Sanctae Marthae», acedido a 25 de março de 2025, [https://www.vatican.va/content/francesco/pt/cotidie/2015/documents/papa-francesco-cotidie\\_20151023\\_os-tempos-mudam.html](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/cotidie/2015/documents/papa-francesco-cotidie_20151023_os-tempos-mudam.html).

<sup>80</sup> Francisco, «Discurso aos bispos da Conferência Episcopal da Eslováquia em visita 'ad limina apostolorum'», acedido a 25 de março de 2025, [https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2015/november/documents/papa-francesco\\_20151112\\_ad-limina-slovacchia.html](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2015/november/documents/papa-francesco_20151112_ad-limina-slovacchia.html).

como um dos «sinais dos tempos» que continuam a interpelar a sua missão e ação pastoral. Consciente de que não pode, sozinha, resolver uma crise de tamanha complexidade e amplitude, a Igreja não se exime, contudo, de oferecer a sua contribuição concreta. Fá-lo através de respostas emergenciais de solidariedade, do acompanhamento pastoral e espiritual dos migrantes e refugiados, e da promoção de uma consciência global que incentive a comunidade internacional a adotar medidas mais firmes, justas e humanas diante desse desafio. Julio Martínez destaca que as migrações devem ser vistas como um elemento sistêmico da era global em que vivemos:

Embora os fenómenos migratórios possam ser vistos como uma constante ao longo da história, com características que variam em função das mudanças económicas e sociais, bem como da evolução da tecnologia e da cultura, hoje em dia não é possível compreender a migração sem ter em conta a globalização<sup>81</sup>.

Um fenómeno complexo que veio para ficar e que está desafiando a atual configuração dos Estados na resolução da crise. Apesar de que as migrações sejam um fenómeno natural, universal, que está circunscrito no direito de ir e vir das pessoas, assegurado pela Declaração Universal dos Direitos Humanos<sup>82</sup>, não resta dúvidas de que o problema se encontra quando esses deslocamentos são forçados pelos grandes desequilíbrios mundiais, como as guerras, as catástrofes naturais, situações de extrema pobreza, perseguição étnica, política, religiosa, etc<sup>83</sup>. Tem muitos rostos e causas diversas que levam as pessoas a empreenderem caminho sem muitas certezas sobre o que irão encontrar. O que buscam é assegurar que o valor mais sagrado que possuem, suas vidas, dignidade e familiares, encontre um lugar viável e seguro.

É precisamente sobre o caráter forçado, desumano e cruel das migrações contemporâneas que o Papa Francisco procura chamar a atenção da humanidade, e em particular dos líderes políticos, apelando a uma resposta justa, adequada e proporcional à gravidade da crise atual. No seu discurso ao Congresso dos Estados Unidos, durante a visita apostólica, o Papa sublinhou a urgência dessa responsabilidade comum, afirmando: «O nosso mundo está a enfrentar uma crise de refugiados de tais proporções

---

<sup>81</sup> Julio Luis Martínez, *Ciudadanía, migraciones y religión* (Madrid: San Pablo, 2007), 62.

<sup>82</sup> Cf. Declaração Universal dos Direitos Humanos, artigo 13º. 1. *Toda pessoa tem o direito de livremente circular e escolher a sua residência no interior de um Estado.* 2. *Toda pessoa tem o direito de abandonar o país em que se encontra, incluindo o seu, e o direito de regressar ao seu país.* Artigo que se encontra presente nas Constituições dos países democráticos. L. González Carvajal, *En defensa de los humillados y oprimidos: los derechos humanos ante la fe cristiana*, Santander 2005 – nesta obra encontra-se um interessante quadro comparativo entre a Declaração Universal dos Direitos Humanos e o reconhecimento da maioria desses direitos pelo Papa João XXIII na sua encíclica *Pacem in terris*.

<sup>83</sup> Cf. Rafael Maria Saenz de Diego, «Una nueva voz para nuestra época», *Populorum Progressio* 47, (2006): 179-194.

que não se via desde os tempos da II Guerra Mundial. Esta realidade coloca-nos diante de grandes desafios e decisões difíceis»<sup>84</sup>.

Alguns intelectuais de referência sublinham que se vive uma crise humanitária sem precedentes na história contemporânea<sup>85</sup> e, lamentavelmente, não se vislumbram sinais de que ela esteja próxima do fim. Os conflitos persistem em vários países do Oriente Médio, enquanto fronteiras marcadas pela violência permanecem fechadas ao clamor de homens, mulheres e crianças que buscam refúgio — seja no Sul da Europa e Norte da África, entre Israel e Palestina, na fronteira México–Estados Unidos, ou entre a República Dominicana e o Haiti. A burocracia, a lentidão dos processos e a falta de vontade política da comunidade internacional, incapaz de oferecer uma resposta ética, humana e eficaz, têm contribuído para o prolongamento desta tragédia. Milhões de pessoas continuam confinadas em imensos campos de refugiados espalhados pelo mundo, aguardando uma oportunidade de recomeço, enquanto as sociedades mais desenvolvidas mostram pouca disposição para promover a integração ou enfrentar as causas profundas das migrações em massa — como os conflitos armados, a pobreza e a instabilidade política.

Esta crise humanitária já ceifou milhares de vidas nas fronteiras ou nas águas do Mar Mediterrâneo, com imagens e relatos que continuam a comover o mundo, sem que se encontre uma solução definitiva. Os dados apresentados por instituições credíveis, como o Parlamento Europeu, revelam números alarmantes, especialmente ao analisarem a gravidade das crises na Síria e no Iraque.

Considerando que a atual crise de violência na Síria, em consequência da violência exercida pelo regime de Assad e pelos grupos terroristas, tem desencadeado uma catástrofe humanitária que atingiu uma escala sem precedentes na História, com mais de 200.000 mortos, na maior parte civis, mais de 7,6 milhões de pessoas deslocadas internamente e mais de 12,2 milhões de refugiados sírios que necessitam desesperadamente de assistência em território sírio; que 211 500 pessoas continuam a estar sitiadas - 185 000 das quais por forças governamentais e 26 500 por forças da oposição; que mais de 3,8 milhões de sírios fugiram do país, sobretudo para o Líbano (1.160.468 refugiados), Turquia (1.623.839 refugiados), Jordânia (621.773 refugiados), e Egito/Norte de África (160.772 refugiados) [...]. Considerando que a situação humanitária no Iraque causada pelo atual conflito e pela violência e repressão exercidas pela organização terrorista ISIL/Daesh continua a agravar-se, e que mais de 5,2 milhões de pessoas necessitam

---

<sup>84</sup> Francisco, «Discurso no Congresso dos EUA», acedido a 25 de março de 2025, [https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2015/september/documents/papa-francesco\\_20150924\\_usa-us-congress.html](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2015/september/documents/papa-francesco_20150924_usa-us-congress.html).

<sup>85</sup> Cf. Yuval Noah Harari, *Sapiens – História breve da humanidade* (Lisboa: Elsinore, 2017).

urgentemente de ajuda humanitária, e mais de 2,1 milhões de iraquianos estão deslocados internamente; que 3,6 milhões de pessoas vivem em áreas controladas pelo ISIL/Daesh, 2,2 milhões das quais necessitam de ajuda de emergência, e que estas pessoas se encontram em zonas de difícil acesso; considerando que o Iraque também alberga mais de 233 000 refugiados sírios<sup>86</sup>.

A situação vivida na Síria e no Iraque representa apenas um dos rostos mais dolorosos da atual crise humanitária, cuja dimensão é, na verdade, muito mais ampla e complexa. Mais do que simplesmente impressionar-se com os números e estatísticas apresentados por analistas, o Papa Francisco convida a olhar além dos dados, recordando que por detrás de cada número existe uma pessoa concreta — alguém com nome, rosto, história, família e sonhos. É esse apelo à humanização da crise que o Pontífice expressou de forma particularmente tocante nas palavras dirigidas aos membros do *Jesuit Refugee Service* (Serviço Jesuíta aos Refugiados – JRS):

O fenómeno das migrações forçadas hoje aumentou dramaticamente. Multidões de refugiados partem de diversos países do Médio Oriente, da África e da Ásia, procurando refúgio na Europa. O Alto Comissariado para os Refugiados das Nações Unidas avaliou que existem, em todo o mundo, quase 60 milhões de refugiados, o número mais elevado depois da segunda Guerra Mundial. Por detrás destas estatísticas há pessoas, cada uma com um nome, um rosto, uma história, e a sua inalienável dignidade de filhos de Deus<sup>87</sup>.

Uma vez reconhecido o sinal do Reino de Deus que se manifesta na realidade concreta, esse mesmo sinal interpela a Igreja a discerni-lo e interpretá-lo à luz do Evangelho, comprometendo-a, ao mesmo tempo, com atitudes muitas vezes exigentes e desafiadoras, como a defesa incondicional da dignidade humana, especialmente dos pobres, migrantes, refugiados e sofredores. Para o Papa Francisco, este constitui um princípio irrenunciável da missão cristã e do testemunho evangélico no mundo atual.

## 2.2. Defesa da dignidade humana

Estamos diante de um conceito nuclear para a Antropologia Teológica e para a Doutrina Social da Igreja, assim como para toda a missão evangelizadora da Igreja<sup>88</sup>. Toda e qualquer compreensão sobre o ser humano só encontra o seu sentido verdadeiro

---

<sup>86</sup> O Parlamento Europeu, «Resolução comum do Parlamento Europeu ante a crise humanitária na Síria e no Iraque, devido ao particular contexto do Estado Islâmico», acedido a 25 de março de 2015, <http://www.europarl.europa.eu/sides/getdoc.do?pubref=-//ep//text+motion+p8-rc-2015-0136+0+doc+xml+v0//pt>.

<sup>87</sup> Francisco, «Discurso aos membros do Serviço Jesuíta aos Refugiados», acedido a 25 de março de 2015, [https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2015/november/documents/papa-francesco\\_20151114\\_jesuit-refugee-service.html](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2015/november/documents/papa-francesco_20151114_jesuit-refugee-service.html).

<sup>88</sup> O capítulo I da Constituição Pastoral *Gaudium et spes* trata de forma ampla sobre a dignidade humana.

se está relacionada com o ato criador de Deus que o fez a sua «imagem e semelhança».

Diferente de todos os demais seres criados, o ser humano não possui valor, como as coisas, mas dignidade. Não deve ser jamais usado como meio, mas ser reconhecido como fim, em seu valor absoluto. São noções universais de fundamento racional, que o filósofo moderno Immanuel Kant (1724-1804) elaborou para assentar a base do seu sistema filosófico e moral<sup>89</sup>. Com esse tipo de raciocínio não se permite, pois, que o ser humano seja coisificado, instrumentalizado, como um produto, uma mercadoria qualquer. Há que respeitar a dignidade que confere identidade ao ser humano. A formulação clássica para fundamentar esse conceito, consiste no imperativo categórico do filósofo, de agir de tal maneira que se tome a humanidade, tanto em tua pessoa, quanto na pessoa de qualquer outro, sempre ao mesmo tempo como fim, nunca meramente como meio. Uma negação absoluta de qualquer tentativa de instrumentalização do ser humano.

O Papa Francisco afirmou na sua Mensagem para o Dia mundial do Migrante e Refugiado em 2016 para olhar os migrantes não pela perspectiva da lei, sendo regular ou irregular, mas «como pessoas que, tuteladas na sua dignidade podem contribuir para o bem-estar e o progresso de todos, de modo particular quando assumem responsabilmente deveres com quem os acolhe, respeitando gratamente o património material e espiritual do país que os hospeda, obedecendo às suas leis e contribuindo para os seus encargos»<sup>90</sup>.

Tudo o que toca a dimensão humana da vida se reveste de uma importância capital para a Igreja. Ela, como «experta em humanidade», está sempre comprometida com o desenvolvimento integral do ser humano, com o combate às realidades que ameaçam o seu desejo de plenitude e de encontrar sua identidade e sentido na relação com o transcendente (Cf. PP 19). A sua voz reivindica uma compreensão do ser humano como vocacionado a uma relação de diálogo com o seu Criador.

A atitude do Papa Francisco está em plena continuidade com a milenar tradição da Igreja na defesa incondicional da dignidade humana, em qualquer circunstância, sobretudo nas situações marcadas pelo sofrimento e pela injustiça. Na raiz desse compromisso encontra-se o reconhecimento de que a violação da dignidade humana é

---

<sup>89</sup> Cf. Immanuel Kant, *Fundamentação da metafísica dos costumes* (Lisboa: Edições 70, 2014).

<sup>90</sup> Francisco, «Mensagem para o Dia mundial do Migrante e do Refugiado 2016», acedido a 25 de março de 2025, [https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/migration/documents/papa-francesco\\_20150912\\_world-migrants-day-2016.html](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/migration/documents/papa-francesco_20150912_world-migrants-day-2016.html).

sempre fruto de múltiplas formas de violência estrutural, social e moral que geram dor e exclusão. É precisamente em nome do valor absoluto da pessoa humana e da necessidade de proteger toda forma de vida contra as ameaças que a desfiguram, que a Igreja reafirma, de modo constante e profético, a sua missão de defesa e promoção da dignidade de cada ser humano.

Essa mesma convicção está presente já nos primórdios da Doutrina Social da Igreja, particularmente na encíclica *Rerum novarum*, do Papa Leão XIII, onde se sublinha a importância de garantir às pessoas condições dignas de vida nos seus próprios países: «Ninguém, com efeito, desejaria trocar a sua pátria e a sua terra natal por uma região estrangeira, se nesta encontrasse os meios de levar uma vida mais tolerável» (RN 28). Contudo, quando essas condições básicas de vida não são garantidas e, pior ainda, quando as pessoas se tornam vítimas de perseguições políticas, religiosas ou ideológicas, não lhes resta alternativa senão abandonar a própria terra e procurar, em outra pátria, condições mais dignas de existência — ou mesmo a possibilidade de sobrevivência.

A Doutrina Social da Igreja reconhece e afirma o direito fundamental de toda pessoa a emigrar, ou seja, a deixar a sua terra natal em busca de um lugar onde possa viver com dignidade. Esse direito está intimamente ligado não apenas à liberdade de ir e vir, mas também ao princípio do destino universal dos bens, segundo o qual todos têm o direito de usufruir dos recursos necessários à própria subsistência e realização.

A Igreja, contudo, tem plena consciência de que o fenómeno migratório, sobretudo quando motivado pela necessidade e não pela escolha livre, comporta sérios riscos para a vida e a dignidade dos migrantes<sup>91</sup>. Na atualidade, esses riscos são agravados pela atuação do crime organizado, que se aproveita da vulnerabilidade dessas pessoas para obter lucro, explorando-as através do tráfico humano, da violência e do trabalho escravo.

Os desafios enfrentados pelos migrantes ao deixarem seus países são numerosos e atingem praticamente todas as dimensões da existência humana. Muitos veem-se expostos a situações que ameaçam não apenas a própria dignidade, mas também a de suas famílias — como a desintegração familiar e social, a intolerância, o preconceito,

---

<sup>91</sup> Cf. Pontifício Conselho da Pastoral para os Migrantes e os Itinerantes, «Erga migrantes caritas Christi», acedido a 25 de março de 2025, [https://www.vatican.va/roman\\_curia/pontifical\\_councils/migrants/documents/rc\\_pc\\_migrants\\_doc\\_20040514\\_erga-migrantes-caritas-christi\\_po.html](https://www.vatican.va/roman_curia/pontifical_councils/migrants/documents/rc_pc_migrants_doc_20040514_erga-migrantes-caritas-christi_po.html).

a violência, a insegurança e a dificuldade de inserção social e laboral. Somam-se a isso a solidão, o abandono, a angústia existencial, bem como as carências espirituais e religiosas que emergem da rutura com o seu contexto de fé e de pertença comunitária<sup>92</sup>.

Não é possível dissociar a defesa da dignidade humana da promoção e proteção dos direitos humanos. Neste ponto, a Igreja e a comunidade internacional caminham lado a lado, partilhando a convicção de que cada ser humano é portador de direitos e deveres universais, que devem ser reconhecidos, protegidos e promovidos em todas as circunstâncias<sup>93</sup>.

Entre os muitos pronunciamentos do Papa Francisco sobre este tema, destaca-se o discurso proferido no Parlamento Europeu, considerado um dos mais profundos em defesa da dignidade humana no contexto das migrações contemporâneas. Dirigindo-se a uma assembleia de líderes políticos, num momento em que a Europa enfrentava a chegada em massa de migrantes e refugiados às suas fronteiras, o Papa lançou um apelo vigoroso à responsabilidade e à solidariedade, usando palavras firmes e imagens incisivas para denunciar a falta de humanidade diante do sofrimento dos mais vulneráveis:

É necessário enfrentar juntos a questão migratória. Não se pode tolerar que o Mar Mediterrâneo se torne um grande cemitério! Nos barcos que chegam diariamente às costas europeias, há homens e mulheres que precisam de acolhimento e ajuda. A falta de um apoio mútuo no seio da União Europeia arrisca-se a incentivar soluções particularistas para o problema, que não têm em conta a dignidade humana dos migrantes, promovendo o trabalho servil e contínuas tensões sociais. A Europa será capaz de enfrentar as problemáticas relacionadas com a imigração, se souber propor com clareza a sua identidade cultural e implementar legislações adequadas capazes de tutelar os direitos dos cidadãos europeus e, ao mesmo tempo, garantir o acolhimento dos imigrantes; se souber adotar políticas justas, corajosas e concretas que ajudem os seus países de origem no desenvolvimento sociopolítico e na superação dos conflitos internos – a principal

---

<sup>92</sup> Cf. A Secção Migrantes e Refugiados, «Situações de emergência», acedido a 25 de março de 2025, <https://migrants-refugees.va/pt/recursos/situacoes-de-emergencia/> Nesta página estão indicadas as principais situações de emergência que afetam refugiados, requerentes de asilo, pessoas deslocadas, pessoas deslocadas pela crise climática e vítimas de tráfico nas várias regiões. O site apresenta uma breve descrição das situações e alguns recursos úteis para se obter mais informação.

<sup>93</sup> Cf. Serviço Jesuíta aos Refugiados, «Manifesto sobre os pactos globais sobre refugiados e para as migrações», acedido a 5 de abril de 2025, [https://www.jrsportugal.pt/wp-content/uploads/2019/01/manifesto-sobre-pactos-globais-sobre-refugiados-e-para-as-migra%C3%87%C3%95es\\_final.pdf](https://www.jrsportugal.pt/wp-content/uploads/2019/01/manifesto-sobre-pactos-globais-sobre-refugiados-e-para-as-migra%C3%87%C3%95es_final.pdf)

causa deste fenómeno – em vez das políticas interesseiras que aumentam e nutrem tais conflitos. É necessário agir sobre as causas e não apenas sobre os efeitos<sup>94</sup>.

O discurso do Papa Francisco no Parlamento Europeu é notável pela sua profundidade e amplitude, ao desenvolver uma reflexão sobre a estreita relação entre dignidade e transcendência, unindo-as na expressão «dignidade transcendente» da pessoa humana. O Papa sublinha que o ser humano possui direitos inalienáveis, cuja dignidade não pode ser condicionada ao arbítrio de ninguém, nem submetida a interesses económicos ou utilitários. Dirigindo-se aos parlamentares, recorda-lhes a sua vocação de cuidar da fragilidade — das populações e das pessoas mais vulneráveis — e conclui o seu apelo com o convite a construir uma Europa aberta e solidária, que não gire apenas em torno da economia, mas coloque no centro a sacralidade da pessoa humana. Neste sentido, revela-se necessário, tomando uma ideia proposta por Inês Espada Vieira, pensar a democracia como um «lugar» de compaixão<sup>95</sup>.

O trecho desse discurso que aqui se destaca contém o núcleo essencial da mensagem do Pontífice — uma síntese da sua visão ética, espiritual e política diante da crise migratória. Num momento particularmente delicado da história mundial, Francisco fala com a esperança de que as suas palavras em defesa da dignidade humana possam tocar o coração e a consciência política dos líderes europeus.

No centro dessa mensagem, o Papa apresenta cinco eixos fundamentais:

- a) Responsabilidade partilhada: Francisco insiste que a crise migratória é um desafio comum, que requer ação conjunta. Ninguém pode permanecer indiferente ou alheio, pois todos são chamados a participar na busca de soluções concretas.
- b) Denúncia profética: Em uma imagem poderosa, o Papa descreve o Mar Mediterrâneo como um «cemitério», denunciando a morte de milhares de migrantes e exigindo medidas urgentes para que tais tragédias não continuem a repetir-se.
- c) Ação coordenada e global: Francisco alerta que, sem cooperação internacional e visão global, as respostas fragmentadas e nacionalistas não apenas deixam de resolver o problema, como acabam por ferir ainda mais a dignidade humana.

---

<sup>94</sup> Francisco, «Discurso ao Parlamento Europeu em Estrasburgo», acedido a 5 de abril de 2025, [https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2014/november/documents/papa-francesco\\_20141125\\_strasburgo-parlamento-europeo.html](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2014/november/documents/papa-francesco_20141125_strasburgo-parlamento-europeo.html).

<sup>95</sup> Cf. Inês Espada Vieira, *Estoutro: refugiados e imigrantes pobres numa democracia compassiva* (Lisboa: UCP Editora, 2025).

- d) Identidade e valores da Europa: O Papa apela à Europa para que redescubra a sua identidade cultural e espiritual, enraizada em valores cristãos de solidariedade, justiça e hospitalidade, de modo a acolher os migrantes com humanidade, promovendo legislações inclusivas e protetoras para todos — europeus e estrangeiros.
- e) Soluções estruturais: por fim, Francisco sublinha a necessidade de atacar as causas profundas da migração, indo além das medidas paliativas. Defende o combate à pobreza, o desenvolvimento socioeconómico dos países de origem, a criação de oportunidades de trabalho, o investimento na educação e a superação dos conflitos através do diálogo e não da guerra.

Em última análise, o Papa Francisco deseja transmitir, por meio das suas palavras e gestos, que a defesa da dignidade humana deve alcançar tal grandeza que nenhum muro ou fronteira possa impedi-la de se desenvolver plena e livremente. O respeito por essa dignidade deve ser tão absoluto que nenhum ser humano seja considerado ilegal, nem submetido a qualquer forma de violência que atente contra o seu valor mais sagrado — a sua inviolável dignidade.

### **2.3. «Novas formas de pobreza e fragilidade»**

Ao celebrar o centenário da encíclica *Rerum novarum*, o Papa João Paulo II, na encíclica *Centesimus annus* (1991), atualiza o ensinamento do seu predecessor e reflete sobre as novas formas de pobreza geradas pelo sistema económico global contemporâneo. O Pontífice apela à solidariedade entre os Estados e à responsabilidade da comunidade internacional, reafirmando que, no centro de toda ética social-cristã, se encontra o princípio da dignidade humana<sup>96</sup>. Essa dignidade, inalienável e universal, não pode jamais ser instrumentalizada nem subordinada às dinâmicas de mercado. João Paulo II denuncia, de modo particular, as profundas desigualdades entre os países desenvolvidos e os em desenvolvimento, que perpetuam a pobreza e limitam o acesso equitativo aos bens e oportunidades<sup>97</sup>.

A pobreza, o subdesenvolvimento, a miséria, a falta de oportunidades de trabalho e de perspetivas de vida estão intimamente ligados à mobilidade humana,

---

<sup>96</sup> Cf. João Paulo II, *Centesimus annus*, 10 e *Sollicitudo rei socialis*, 15.

<sup>97</sup> Cf. Cáceres, «J. M. Bergoglio: Claves de su pensamiento social antes de ser elegido pontífice», 82.

sobretudo aos deslocamentos forçados<sup>98</sup>. Tais migrações ocorrem tanto no interior dos próprios países, em busca de regiões mais prósperas, quanto para terras estrangeiras, quando no país de origem não se encontram condições mínimas para uma vida digna.

Diferentemente dos movimentos migratórios do final do século XIX e início do século XX, compostos em grande parte por europeus que migravam para outros continentes em desenvolvimento, as migrações do final do século XX e início do XXI invertem esse fluxo. Agora, são os povos provenientes de nações empobrecidas, fragilizadas por crises e conflitos, que buscam refúgio e esperança nos países economicamente mais estáveis.

É verdade que emigrar requer recursos mínimos, o que significa que, muitas vezes, não são os mais pobres entre os pobres que conseguem partir. Aqueles que permanecem nos seus países, desprovidos até mesmo do essencial para se deslocarem, continuam a suportar condições de vida precárias, sobrevivendo dia após dia, com pouca ou nenhuma esperança de mudança.

O Papa Francisco, com vigor e insistência, denuncia uma “economia que mata” — uma economia que não coloca a vida humana no centro, que aprofunda desigualdades, que trata pessoas como mercadorias descartáveis, e que subordina a ética à lógica do consumo. A sua crítica dirige-se à cultura do descarte, que exclui os mais pobres e vulneráveis. Francisco evidencia ainda o escândalo de, em pleno século XXI, com todo o avanço técnico e científico, a humanidade continuar incapaz de erradicar a fome, não por falta de meios, mas por ausência de vontade política e solidariedade efetiva<sup>99</sup>.

---

<sup>98</sup> Cf. Conferencia Episcopal Española, *Iglesia, servidora de los pobres* (Madrid: Edice, 2015).

<sup>99</sup> Cf. Francisco, «Discurso as organizações caritativas católicas que atuam na Síria», acedido a 5 de abril de 2025, [https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2014/may/documents/papa-francesco\\_20140530\\_operatori-carita-siria.html](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2014/may/documents/papa-francesco_20140530_operatori-carita-siria.html); «Discurso aos participantes na plenária do Pontifício Conselho Justiça e Paz», acedido a 5 de abril de 2025, [https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2014/october/documents/papa-francesco\\_20141002\\_pont-consiglio-giustizia-e-pace.html](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2014/october/documents/papa-francesco_20141002_pont-consiglio-giustizia-e-pace.html). ; «Mensagem para a celebração do XLVIII Dia mundial da paz (1 de janeiro)», acedido a 5 de abril de 2025, [https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/peace/documents/papa-francesco\\_20141208\\_messaggio-xlviiii-giornata-mondiale-pace-2015.html](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/peace/documents/papa-francesco_20141208_messaggio-xlviiii-giornata-mondiale-pace-2015.html). ; «Angelus», acedido a 5 de abril de 2025, [https://www.vatican.va/content/francesco/pt/angelus/2015/documents/papa-francesco\\_angelus\\_20150906.html](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/angelus/2015/documents/papa-francesco_angelus_20150906.html); «Discurso no encontro com os bispos dos Estados Unidos», acedido a 5 de abril de 2025, [https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2015/september/documents/papa-francesco\\_20150923\\_usa-vescovi.html](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2015/september/documents/papa-francesco_20150923_usa-vescovi.html) e «Discurso aos participantes no encontro promovido pela “Fundação Banco Alimentar”», acedido a 5 de abril de 2025, [https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2015/october/documents/papa-francesco\\_20151003\\_banco-alimentare.html](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2015/october/documents/papa-francesco_20151003_banco-alimentare.html)

Dentro dessa relação entre pobreza e migração, torna-se evidente que, sem a superação das desigualdades sociais e econômicas, as pessoas continuarão a migrar em busca de segurança e de condições mais justas de vida. Aqueles que vivem confortavelmente e resistem à ampliação do bem-estar comum continuarão a ser desafiados pela presença daqueles que buscam apenas o direito básico à sobrevivência. Nas grandes cidades, observa-se o crescimento de uma arquitetura de exclusão, concebida para manter os pobres afastados, preservando uma aparente «paz social» que mascara a injustiça estrutural. Enquanto não se implantar uma verdadeira justiça social, que garanta a todos o acesso aos direitos fundamentais e aos bens essenciais à vida, dificilmente as classes privilegiadas poderão usufruir dos seus privilégios sem o incômodo das desigualdades que as sustentam.

Francisco reitera que a solução de grande parte das causas das migrações passa pela promoção do desenvolvimento integral e pela cooperação internacional com os países mais pobres. É necessário combater as causas na origem, e não apenas reagir aos efeitos da migração. Onde houver condições dignas de vida, paz e trabalho, as pessoas não sentirão necessidade de arriscar a própria vida em travessias perigosas, que frequentemente conduzem ao tráfico humano, à exploração laboral, à prostituição e até à morte. É contra essa violência estrutural da pobreza que se dirigem muitas das mensagens de Francisco sobre o vínculo profundo entre pobreza e migrações<sup>100</sup>.

Importa sublinhar que não compete à Igreja, nem mesmo à sua Doutrina Social, propor modelos económicos ou políticos específicos. A sua missão consiste em oferecer princípios orientadores e critérios éticos que iluminem a realidade humana à luz do Evangelho. Entre os princípios fundamentais da Doutrina Social da Igreja (DSI), destacam-se<sup>101</sup>:

---

<sup>100</sup> Cf. Francisco, «Mensagem para o Dia Mundial do Migrante e do Refugiado 2014», acedido a 5 de maio de 2025, [https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/migration/documents/papa-francesco\\_20130805\\_world-migrants-day.html](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/migration/documents/papa-francesco_20130805_world-migrants-day.html); «Discurso aos novos embaixadores junto a Santa Sé por ocasião da apresentação das credenciais», acedido a 5 de maio de 2025, [https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2013/december/documents/papa-francesco\\_20131212\\_credenziali-nuovi-ambasciatori.html](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2013/december/documents/papa-francesco_20131212_credenziali-nuovi-ambasciatori.html); «Mensagem para a XXIX Jornada Mundial da Juventude (Domingo de Ramos – 13 de abril de 2014)», acedido a 5 de maio de 2025, [https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/youth/documents/papa-francesco\\_20140121\\_messaggio-giovani\\_2014.html](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/youth/documents/papa-francesco_20140121_messaggio-giovani_2014.html); «Discurso ao parlamento europeu», acedido a 5 de maio de 2025, [https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2014/november/documents/papa-francesco\\_20141125\\_strasburgo-parlamento-europeo.html](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2014/november/documents/papa-francesco_20141125_strasburgo-parlamento-europeo.html) e «Discurso ao Corpo Diplomático acreditado junto da Santa Sé», acedido a 5 de maio de 2025, [https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2016/january/documents/papa-francesco\\_20160111\\_corpo-diplomatico.html](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2016/january/documents/papa-francesco_20160111_corpo-diplomatico.html)

<sup>101</sup> Cf. *Compêndio da Doutrina Social da Igreja* (Cascais: Principia, 2009), 81-104.

- a) o respeito pela dignidade transcendente da pessoa humana, que garante a igualdade essencial entre todos;
- b) o princípio do bem comum, que orienta a convivência social em vista da realização de todos;
- c) o princípio da destinação universal dos bens, que assegura que ninguém deve ser privado dos meios necessários para viver;
- d) o princípio da subsidiariedade, que promove o apoio mútuo entre as instâncias sociais, respeitando a autonomia das menores;
- e) o princípio da participação, fundamento da vida democrática e da corresponsabilidade cidadã;
- f) e o princípio da solidariedade, expressão concreta da dimensão social do ser humano e da virtude da caridade.

A estes, somam-se os valores fundamentais da vida social, verdade, liberdade, justiça e amor, sem os quais não é possível uma convivência humana autêntica e duradoura.

O *Documento de Aparecida* (2007), ao analisar o contexto atual da globalização e propor uma renovada pastoral social comprometida com o desenvolvimento humano integral, identifica novos rostos de pobreza que interpelam a Igreja e exigem dela uma presença solidária, profética e transformadora:

A globalização faz emergir, em nossos povos, novos rostos de pobre. Com especial atenção e em continuidade com as Conferências Gerais anteriores, fixamos nosso olhar nos rostos dos novos excluídos: os migrantes, as vítimas da violência, os deslocados e refugiados, as vítimas do tráfico de pessoas e sequestros, os desaparecidos, os enfermos de HIV e de enfermidades endêmicas, os toxicodependentes, idosos, meninos e meninas que são vítimas da prostituição, pornografia e violência ou do trabalho infantil, mulheres maltratadas, vítimas da exclusão e do tráfico para a exploração sexual, pessoas com capacidades diferentes, grandes grupos de desempregados/as, os excluídos pelo analfabetismo tecnológico, as pessoas que vivem na rua das grandes cidades, os indígenas e afro-americanos, agricultores sem-terra e os mineiros. A Igreja, com sua Pastoral Social, deve dar acolhida e acompanhar essas pessoas excluídas nas respectivas esferas<sup>102</sup>.

Trata-se de uma classificação ampla e inclusiva do conceito de pobreza, que

---

<sup>102</sup> Conselho Episcopal Latino-americano, *Documento de Aparecida* (São Paulo: Paulus, 2007), 402.

supera o reducionismo económico-financeiro que a define apenas em termos de rendimento — como aqueles que vivem com base em determinado valor monetário por dia. A reflexão proposta reconhece que a pobreza assume múltiplas dimensões e se manifesta em diversas formas de vulnerabilidade, marginalização e exclusão social. No Documento de Aparecida, os migrantes são colocados entre os primeiros rostos desses novos pobres, enquanto, na Exortação Apostólica *Evangelii gaudium*, o Papa Francisco os apresenta como um desafio direto ao coração do pastor universal.

Entre as novas formas de pobreza e fragilidade<sup>103</sup> nas quais os cristãos são chamados a reconhecer a presença do Senhor, Francisco retoma diversos rostos mencionados em Aparecida e faz sobressair a figura dos migrantes, considerados hoje uma das expressões mais urgentes e dramáticas da pobreza diante da crise humanitária global:

Embora aparentemente não nos traga benefícios tangíveis e imediatos, é indispensável prestar atenção e debruçar-nos sobre as novas formas de pobreza e fragilidade, nas quais somos chamados a reconhecer Cristo sofredor: os sem abrigo, os toxicodependentes, os refugiados, os povos indígenas, os idosos cada vez mais sós e abandonados, etc. Os migrantes representam um desafio especial para mim, por ser Pastor duma Igreja sem fronteiras que se sente mãe de todos. Por isso, exorto os países a uma abertura generosa, que, em vez de temer a destruição da identidade local, seja capaz de criar novas sínteses culturais (EG 210).

O coração de pastor do Papa Francisco é profundamente tocado pela existência de muros e fronteiras que dividem a família humana, impedindo que as pessoas vivam em liberdade, circulem com dignidade e recebam o auxílio de que necessitam. Diante dessa realidade, o Papa lança um apelo à derrubada de tais barreiras, convidando a humanidade a abrir caminhos de encontro e solidariedade, onde a vida possa fluir livremente do centro para a periferia e da periferia para o centro.

## 2.4. Periferias

Toda teologia nasce e se desenvolve a partir de dois lugares fundamentais, como afirma Leonardo Boff: o lugar da fé e o lugar da realidade social na qual essa fé é

---

<sup>103</sup> É fundamental notar que em 2017, o Papa destacou a necessidade de proteger crianças e adolescentes migrantes, muitas vezes desacompanhados, pedindo atenção especial à sua segurança, direitos e dignidade, evitando a exploração e acolhendo-os com amor e responsabilidade. Porventura é uma temática muito particular que também se pode ligar aos casos de abusos sexuais dentro da Igreja. Cf. Francisco, «Mensagem para o Dia Mundial do Migrante e do Refugiado 2017, acedido a 5 de maio de 2025, [https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/migration/documents/papa-francesco\\_20160908\\_world-migrants-day-2017.html](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/migration/documents/papa-francesco_20160908_world-migrants-day-2017.html).

vivida. O autor explica essa dinâmica recorrendo à metáfora patrística dos «dois olhos da teologia», a *teologia ante et retro oculata*. Com o olho voltado para trás, a teologia contempla a ação salvadora de Deus no passado, nas Sagradas Escrituras, nos concílios, na tradição viva do povo de Deus e no testemunho dos santos e doutores. Já com o olho voltado para a frente, ela se abre ao presente, procurando discernir os desafios que a realidade socio-histórica coloca à fé, de modo a articular reflexão e vida. Essa visão reconhece que a periferia tem algo a dizer à fé, tornando-se, como compreende o Papa Francisco, um verdadeiro lugar teológico<sup>104</sup>.

Francisco reconhece o migrante e o refugiado como pessoas nas periferias. É por isso que nas Mensagens ele destaca que «aqui se insere a vocação da Igreja a superar as fronteiras e favorecer ‘a passagem de uma atitude de defesa e de medo, de desinteresse ou de marginalização’». <sup>105</sup> Nas margens da sociedade nasce a vocação da Igreja para com os mais pobres e necessitados.

Na sua mensagem em 2021, ele acresce que «entre os habitantes das periferias existenciais, encontraremos muitos migrantes e refugiados, deslocados e vítimas de tráfico humano, aos quais o Senhor deseja que seja manifestado o seu amor e anunciada a sua salvação»<sup>106</sup>. Este reconhecimento é fundamental para compreender o contexto que os migrantes e os refugiados vivem e passam enquanto pessoas situadas nas periferias.

Em 2022, o Papa insiste que «ninguém deve ser excluído. O plano divino é essencialmente inclusivo e coloca, no centro, os habitantes das periferias existenciais. Entre estes, há muitos migrantes e refugiados, deslocados e vítimas de tráfico humano»<sup>107</sup>.

Durante as discussões que precederam o conclave de 2013, o cardeal cubano Jaime Ortega solicitou por escrito uma intervenção do então cardeal Jorge Mario Bergoglio, na qual já se evidenciava o conceito de periferia. Esse texto, posteriormente conservado, apresentava quatro pontos essenciais sobre a missão evangelizadora da Igreja, inspirados nas palavras de Paulo VI na encíclica *Evangelii nuntiandi* (80), sobre a «doce e confortadora alegria de evangelizar»<sup>108</sup>:

---

<sup>104</sup> Leonardo Boff, *La fe en la periferia del mundo: el caminar de la Iglesia con los oprimidos* (Santander: Sal Terrae, 1980), 9- 11.

<sup>105</sup> Francisco, «Mensagem para o Dia Mundial do Migrante e do Refugiado 2015», acessido a 20 de abril de 2025, [https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/migration/documents/papa-francesco\\_20140903\\_world-migrants-day-2015.html](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/migration/documents/papa-francesco_20140903_world-migrants-day-2015.html).

<sup>106</sup> Francisco, «Mensagem para o Dia Mundial do Migrante e do Refugiado 2021», acessido a 20 de abril de 2025, [https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/migration/documents/papa-francesco\\_20210503\\_world-migrants-day-2021.html](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/migration/documents/papa-francesco_20210503_world-migrants-day-2021.html).

<sup>107</sup> Francisco, «Mensagem para o Dia Mundial do Migrante e do Refugiado 2022», acessido a 20 de abril de 2025, <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/migration/documents/20220509-world-migrants-day-2022.html>.

<sup>108</sup> Relato encontrado em várias partes, que aqui reproduzimos a versão disponibilizada por Zenit: Cf. Zenit, «Discurso decisivo del Cardenal Bergoglio sobre la dulce y confortadora alegría de

- a) a necessidade de a Igreja sair de si mesma e ir ao encontro das periferias — não apenas geográficas, mas também existenciais: as do pecado, da dor, da injustiça, da ignorância religiosa, do pensamento e da miséria humana; a advertência de que uma Igreja autocentrada adoece, aprisiona Cristo e o impede de sair;
- b) o alerta de que, quando a Igreja deixa de ser mistério, cai na mundanidade espiritual, tornando-se uma instituição voltada para si mesma;
- c) por fim, a convicção de que o novo Papa deveria ser alguém capaz, a partir da contemplação e da adoração de Jesus Cristo, de impulsionar a Igreja a sair de si rumo às periferias existenciais, tornando-a uma mãe fecunda que vive «da doce e confortadora alegria de evangelizar».

Esses elementos permitem compreender a insistência de Francisco em propor uma Igreja em saída, missionária e evangelizadora, conforme desenvolve na *Evangelii gaudium*.

O Papa Francisco recorda que «o caminho de Jesus começou na periferia: vai dos pobres e com os pobres para todos». Enraizado na própria experiência de Cristo, o conceito de periferia é central na sua reflexão e possui dimensões tanto positivas quanto negativas, que, consideradas em conjunto, permitem uma leitura mais profunda da realidade<sup>109</sup>. Na sua primeira visita pastoral a uma paróquia da Diocese de Roma, Francisco escolheu deliberadamente uma comunidade situada na periferia, onde afirmou, com simplicidade e firmeza, que «o bispo de Roma está aqui, entre vocês», acompanhado apenas de seus secretários. Antes da celebração da missa, dirigiu aos presentes algumas palavras esclarecedoras: «A realidade entende-se melhor não a partir do centro, mas a partir da periferia»<sup>110</sup>.

Essa compreensão dinâmica entre centro e periferia constitui um dos fundamentos do seu magistério e da sua visão eclesiológica. É ela que sustenta o seu

---

evangelizar», acedido a 20 de abril de 2025, <https://es.zenit.org/articles/discurso-decisivo-del-cardenal-bergoglio-sobre-la-dulce-y-confortadora-alegria-de-evangelizar/>.

<sup>109</sup> Francisco, «Discurso numa visita ao bairro pobre de Kangemi, em Nairobi – Quênia», acedido a 20 de abril de 2025, [https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2015/november/documents/papa-francesco\\_20151127\\_kenya-kangemi.html](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2015/november/documents/papa-francesco_20151127_kenya-kangemi.html).

<sup>110</sup> Francisco, «Homilia na visita a Paróquia romana dos santos Isabel e Zacarias, Solenidade da Santíssima Trindade», acedido a 5 de maio de 2025, [https://www.vatican.va/content/francesco/pt/homilies/2013/documents/papa-francesco\\_20130526\\_omelia-parrocchia-elisabetta-zaccaria.html](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/homilies/2013/documents/papa-francesco_20130526_omelia-parrocchia-elisabetta-zaccaria.html).

esforço por uma Igreja descentrada, em saída, capaz de abandonar a autorreferencialidade e de se dirigir, com compaixão e coragem, às periferias geográficas e existenciais. Assim o explicou na vigília e missa de Pentecostes com os movimentos eclesiais, reafirmando que a verdadeira vitalidade da Igreja nasce quando esta se move para fora de si, em direção às fronteiras do sofrimento humano e da esperança:

Isto é um perigo: fecharmo-nos na paróquia, com os amigos, no movimento, com aqueles que pensam as mesmas coisas que eu... Sabeis o que sucede? Quando a Igreja se fecha, adoece, fica doente. Imaginai um quarto fechado durante um ano; quando lá entras, cheira a mofo e há muitas coisas que não estão bem. A uma Igreja fechada sucede o mesmo: é uma Igreja doente. A Igreja deve sair de si mesma. Para onde? Para as periferias existenciais, sejam elas quais forem..., mas sair. Jesus diz-nos: (...). «Ide pelo mundo inteiro! Ide! Pregai! Dai testemunho do Evangelho!» (cf. Mc 16, 15). Entretanto, o que acontece quando alguém sai de si mesmo? Pode suceder aquilo a que estão sujeitos quantos saem de casa e vão pela estrada: um acidente. Mas eu digo-vos: prefiro mil vezes uma Igreja acidentada, caída num acidente, que uma Igreja doente por fechamento! Ide para fora, saí<sup>111</sup>!

Deixar-se guiar pelo Espírito Santo, que governa e conduz a Igreja, é o ponto de partida para compreender a sua autêntica renovação missionária. A Igreja em saída, chamada a ir ao encontro das periferias geográficas e existenciais, constitui um elemento essencial da conversão pastoral e da nova etapa da evangelização promovida pelo Papa Francisco na *Evangelii gaudium*. O número 45 dessa exortação resume de forma admirável a intenção do Papa: uma Igreja que abandona a autorreferencialidade e se abre à ação do Espírito, para levar o Evangelho a todos os lugares e situações humanas:

A Igreja «em saída» é uma Igreja com as portas abertas. Sair ao encontro dos outros para chegar às periferias humanas não significa correr pelo mundo sem rumo e sem sentido. Muitas vezes, significa antes parar, deixar de lado a ansiedade para olhar nos olhos e ouvir, ou renunciar às urgências para acompanhar quem ficou à beira do caminho. Às vezes é como o pai do filho pródigo, que fica com as portas abertas para que, quando ele voltar, possa entrar sem dificuldade (EG 46)<sup>112</sup>.

Sair de si mesma significa aceitar um processo de mudança e de conversão interior, que exige uma nova mentalidade na relação com a cultura, com o mundo e com o próprio seguimento de Cristo. O discípulo missionário é aquele que,

---

<sup>111</sup> Francisco, «Discurso na vigília de Pentecostes com os movimentos eclesiais», acedido a 5 de maio de 2025, [https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2013/may/documents/papa-francesco\\_20130518\\_veglia-pentecoste.html](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2013/may/documents/papa-francesco_20130518_veglia-pentecoste.html).

<sup>112</sup> Cf. EG 20, 30, 53, 59, 63, 191, 197, 288.

impulsionado pelo exemplo de Jesus, se dispõe a caminhar, a escutar e a testemunhar o Evangelho onde quer que esteja, permitindo que a fé se torne presença viva e transformadora.

Na visão eclesiológica de Francisco, centro e periferia não se opõem, mas se complementam e se enriquecem mutuamente. Há aqui um forte apelo à superação das separações, tanto de ordem geográfica quanto existencial. A Igreja é chamada a ser espaço de comunhão e inclusão, onde as diferenças se convertem em oportunidades de encontro e reciprocidade.

Por isso, não pode haver divisão nas comunidades eclesiais entre clero e leigos, ricos e pobres, sábios e simples, idosos e jovens, norte e sul, nações desenvolvidas e em desenvolvimento. Todos, em Cristo, são convidados a viver a fraternidade e a superar as barreiras que fragmentam a comunhão. Assim recorda São Paulo na Carta aos Efésios (2,14-15): «Ele é a nossa paz: de ambos os povos fez um só, tendo derrubado o muro de separação e suprimido em sua carne a inimizade, a Lei dos mandamentos expressa em preceitos, a fim de criar em si mesmo um só Homem novo, estabelecendo a paz, e de reconciliar a ambos com Deus em um só Corpo, por meio da cruz, na qual ele matou a inimizade».

A periferia, no pensamento do Papa Francisco, é também compreendida como um lugar geográfico concreto, onde se concentram os pobres, marginalizados e excluídos da convivência social dos grandes centros urbanos. Nessas periferias vivem inúmeros migrantes e refugiados, vítimas de desigualdades estruturais e da indiferença social. É precisamente a essas periferias humanas e territoriais, marcadas por rostos e endereços bem definidos, que o Papa deseja fazer chegar a presença viva e próxima da Igreja:

O óleo precioso, que unge a cabeça de Aarão, não se limita a perfumá-lo a ele, mas espalha-se e atinge «as periferias». O Senhor dirá claramente que a sua unção é para os pobres, os presos, os doentes e quantos estão tristes e abandonados. A unção, amados irmãos, não é para nos perfumar a nós mesmos, e menos ainda para que a conservemos num frasco, pois o óleo tornar-se-ia rançoso... e o coração amargo. [...] É preciso chegar a experimentar assim a nossa unção, com o seu poder e a sua eficácia redentora: nas «periferias» onde não falta sofrimento, há

sangue derramado, há cegueira que quer ver, há prisioneiros de tantos patrões maus<sup>113</sup>.

Francisco insiste que as lideranças eclesiais devem estabelecer relações de proximidade com o povo fiel de Deus, a quem são chamadas a servir. A Igreja, por sua própria natureza, é «povo de Deus» e deve conservar a marca da proximidade pastoral, aquela que “tem o cheiro das ovelhas”, como o Papa expressou na homilia da Missa Crismal, ao refletir sobre o sacerdote como ungido do Senhor.

Os ministros e discípulos missionários são, portanto, enviados às periferias e fronteiras culturais, onde se entrelaçam as dimensões geográficas e existenciais da nova pobreza. Ali estão os destinatários privilegiados do Evangelho, a quem a Igreja é chamada a anunciar a Boa Nova que ilumina e transforma vidas. A missão fundamental é levar esperança, afirmar a dignidade e revelar o amor de Deus àqueles que se sentem abandonados. O anúncio evangélico recorda-lhes que não estão sozinhos, que Deus não os esqueceu e que cada vida humana é um dom precioso aos olhos do Criador<sup>114</sup>.

Como afirmou Dom Óscar Romero, reinterpretando as palavras de Santo Irineu de Lião, «*Gloria Dei, vivens homo*» (a glória de Deus é o homem vivo) para «*Gloria Dei, vivens pauper*» (a glória de Deus é o pobre que vive). Beatificado por Francisco em 23 de maio de 2015, Dom Romero encarnou, no contexto latino-americano, o modelo de pastor com «cheiro de ovelhas», atento às periferias humanas e comprometido com a defesa da vida e da justiça social:

O Papa Francisco exorta incansavelmente o seu clero e os católicos em geral a comprometerem-se nas fronteiras culturais do mundo, a saírem em busca de todos aqueles que precisam de ajuda, a desafiar os poderosos do mundo em nome dos necessitados, a defender o direito de todos os seres humanos a um trabalho digno e a mergulhar tão profundamente nas alegrias e nos sofrimentos daqueles a quem servem que se impregnem do ‘cheiro das ovelhas’<sup>115</sup>.

A proposta do Papa não é reduzir a presença da Igreja ao contacto com as realidades dolorosas da pobreza, mas reconhecer que ela deve estar também presente nas alegrias, conquistas e esperanças dos pobres, celebrando com eles os sinais de vida nova que florescem mesmo em meio à adversidade.

---

<sup>113</sup> Francisco, «Homilia na santa missa crismal», acedido a 11 de maio de 2025, [https://www.vatican.va/content/francesco/pt/homilies/2013/documents/papa-francesco\\_20130328\\_messa-crismale.html](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/homilies/2013/documents/papa-francesco_20130328_messa-crismale.html).

<sup>114</sup> Parte do texto considerado o testamento de Dom Oscar Romero, proferido por ele em 2 de fevereiro de 1980 no recebimento de uma homenagem pela Universidade de Lovaina, exatamente a 50 dias antes do seu assassinato em El Salvador no dia 24 de março de 1980.

<sup>115</sup> CH. Lowey, *Francisco, líder y papa*, 214.

A escolha dos países visitados pelo Papa Francisco nas suas viagens apostólicas revela, com clareza, o critério pastoral de privilegiar os lugares mais pobres e periféricos do mundo. Nos gestos simbólicos e proféticos realizados em Lampedusa, Ciudad Juárez e Lesbos, torna-se evidente a sua intenção de chamar a atenção da comunidade internacional para essas periferias humanas, comunicando, a partir delas, uma mensagem dirigida ao «centro», isto é, às grandes potências económicas e políticas do planeta. Nessas visitas, Francisco denuncia as consequências desumanas de um modelo social, político e económico que gera exclusão, marginalização, pobreza, sofrimento e morte em vastas regiões do mundo.

Sem dúvida, a experiência pessoal de proximidade com os pobres marcou profundamente a sensibilidade pastoral de Francisco. Durante os seus anos na Argentina, ele conheceu de perto as *villas miseria*, as favelas e os acampamentos urbanos que abrigam milhares de pessoas em condições indignas. Essa convivência direta com a realidade concreta da pobreza deixou uma marca indelével no seu coração de pastor, tornando-o atento aos gritos silenciosos que brotam desses lugares e consciente de que Deus fala através da vida dos pobres. Ele reconhece que as condições desumanas em que muitos vivem ferem a dignidade humana e contrariam o projeto criador de Deus.

Desde o início do seu ministério sacerdotal, Bergoglio insistia na importância do contacto direto com a realidade das periferias, especialmente para os jovens em formação religiosa. Enviava-os a dar catequese, escutar as famílias e partilhar os desafios diários das comunidades pobres, acreditando que a fé se fortalece no encontro com o sofrimento e a esperança do povo. Já como arcebispo de Buenos Aires, manteve uma relação próxima com os sacerdotes das periferias urbanas, apoiando-os pastoralmente e valorizando o seu trabalho entre os mais necessitados. Essa postura revela a sua convicção de que a fé cristã se aprende e se comunica a partir da vida concreta, e não à margem dela:

[S]e não formarmos ministros capazes de aquecer o coração das pessoas, de caminhar na noite com elas, de dialogarem com as suas ilusões e desilusões, de recompor as suas desintegrações, o que poderemos esperar para o caminho presente e futuro? Não é verdade que Deus se tenha obscurecido nelas.

Aprendamos a olhar mais profundamente: falta quem lhes aqueça o coração, como sucedeu com os discípulos de Emaús (cf. Lc 24,32)<sup>116</sup>.

Nas periferias onde vivem milhares de migrantes e refugiados, a presença humana e cristã torna-se sinal de esperança. Reconhecer no rosto dos pobres o rosto de Cristo sofredor transforma a pastoral em fonte de consolo e sentido. Uma presença solidária alimenta a esperança, renova o desejo de viver e mantém acesa a fé de quem sofre. Como ensina o Evangelho: «Em verdade vos digo: cada vez que o fizestes a um desses meus irmãos mais pequeninos, a mim o fizeste» (Mt 25,40).

O interesse do Papa em articular centro e periferia baseia-se na convicção de que deve haver troca de sabedoria, experiências e solidariedade recíproca. Essa visão está claramente expressa na encíclica *Laudato si'*, onde Francisco sublinha a necessidade de promover uma reflexão ética e teológica que parta da realidade dos pobres e não se afaste dela<sup>117</sup>. O Papa propõe um pensamento social, pastoral e teológico que integre as vozes das periferias no discernimento e na ação, evitando que a reflexão cristã se isole dos dramas concretos da humanidade.

Francisco adverte que a humanidade nem sempre tem consciência clara dos problemas que atingem os excluídos, que constituem a maior parte do planeta. Embora estejam presentes nos debates políticos e econômicos, as suas dificuldades costumam ser tratadas como questões secundárias ou simples danos colaterais. Na prática, os pobres acabam sempre relegados ao último lugar, pois muitos dos que detêm poder e influência vivem distantes dessa realidade, refletindo a partir do conforto de uma vida inacessível à maioria. Essa falta de contato direto e de empatia gera uma consciência anestesiada e análises parciais da realidade. Francisco recorda ainda que não se pode dissociar a ecologia da justiça social, pois «um verdadeiro compromisso ecológico deve integrar a escuta do clamor da terra e do clamor dos pobres» (LS 49).

Trata-se de uma advertência clara a não separar realidades que devem ser pensadas em unidade. A preocupação ecológica não pode ser dissociada da preocupação social, pois são precisamente os pobres os primeiros a sofrer as consequências do desequilíbrio ambiental e económico que afeta o planeta. Francisco

---

<sup>116</sup> Francisco, «Discurso ao episcopado brasileiro em Rio de Janeiro», acedido a 11 de maio de 2025, [https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2013/july/documents/papa-francesco\\_20130727\\_gmg-episcopato-brasile.html](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2013/july/documents/papa-francesco_20130727_gmg-episcopato-brasile.html)

<sup>117</sup> Cf. Francisco, «*Laudato si'*», acedido a 11 de maio de 2025, [https://www.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco\\_20150524\\_enciclica-laudato-si.html](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco_20150524_enciclica-laudato-si.html)

propõe, assim, uma visão integral da criação, onde a justiça social e o cuidado com a casa comum se iluminam mutuamente.

## 2.5. Migrantes e refugiados: «carne de Cristo»

Com essa perspectiva, o Papa aprofunda o mistério da Encarnação, revelando um Deus que, em Jesus Cristo, assume plenamente a condição humana e manifesta, de modo definitivo, o plano salvífico divino.

Na sua Mensagem em 2015, escreve uma realidade de fé vivida: «Jesus Cristo está sempre à espera de ser reconhecido nos migrantes e refugiados»<sup>118</sup>. Continua a reforçar a ideia em 2016 e manifesta que «a revelação bíblica encoraja a receção do estrangeiro, motivando-a com a certeza de que, assim fazendo, abrem-se as portas a Deus e, no rosto do outro, manifestam-se os traços de Jesus Cristo»<sup>119</sup>.

Ele repete este apelo em 2018, lembrando que «cada forasteiro que bate à nossa porta é ocasião de encontro com Jesus Cristo, que Se identifica com o forasteiro acolhido ou rejeitado de cada época»<sup>120</sup>. Ultimamente em 2024, o Papa ecoa que «por isso o encontro com o migrante, bem como com cada irmão e irmã que passa necessidade, 'é também encontro com Cristo. Disse-o Ele próprio. É Ele –faminto, sedento, estrangeiro, nu, doente, preso – que bate à nossa porta, pedindo para ser acolhido e assistido'»<sup>121</sup>. Muitas vezes, o Papa chama à nossa atenção a Cristo que está presente nos migrantes e nos refugiados.

Retoma-se aqui, de certo modo, a antropologia e a teologia de Santo Irineu de Lião, para quem a “carne de Deus” expressa a união inseparável entre o divino e o humano: o Verbo encarnado assume a fragilidade da criatura para restaurar a sua dignidade, por ser o homem criado «à imagem e semelhança de Deus». Como recorda González Faus, nessa encarnação «Deus e o homem permanecem unidos de forma irrevogável»:

Mas Irineu, cuja visão das coisas se esforça por ser confiante e obstinadamente harmoniosa, sabe que esse carácter salvífico não é mais do que a expressão da realidade última das coisas; e, por isso, o que Cristo é para ele dependerá radical

---

<sup>118</sup> Francisco, «Mensagem para o Dia Mundial do Migrante e do Refugiado 2015».

<sup>119</sup> Francisco, «Mensagem para o Dia Mundial do Migrante e do Refugiado 2016».

<sup>120</sup> Francisco, «Mensagem para o Dia Mundial do Migrante e do Refugiado 2018», acedido a 11 de maio de 2025, [https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/migration/documents/papa-francesco\\_20170815\\_world-migrants-day-2018.html](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/migration/documents/papa-francesco_20170815_world-migrants-day-2018.html).

<sup>121</sup> Francisco, «Mensagem para o Dia Mundial do Migrante e do Refugiado 2024», acedido a 11 de maio de 2025, <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/migration/documents/20240524-world-migrants-day-2024.html>.

e absolutamente do que ele é em si mesmo, e a salvação que Cristo traz está ligada ao que Cristo é. É por isso que grande parte da luta de Irineu contra os agnósticos vai salvar a realidade (humano-divina) de Cristo<sup>122</sup>.

Em maio de 2013, durante um discurso aos membros do Pontifício Conselho para os Migrantes e Itinerantes, o Papa Francisco fez a sua primeira abordagem direta e concreta sobre o fenómeno das migrações, demonstrando a sua profunda sensibilidade pastoral diante dessa realidade humana. Ainda que o tema já estivesse presente nas suas orações e na sua experiência pastoral anterior, foi nesse momento que o Papa começou a delinear os fundamentos da sua visão sobre a mobilidade humana.

Pouco tempo depois, a sua visita à ilha de Lampedusa, a primeira viagem do pontificado dentro da Itália, tornou-se um gesto simbólico e profético<sup>123</sup>. Muitos consideram essa visita o primeiro grande encontro público do Papa com o drama dos migrantes e refugiados, que continua a marcar o mundo contemporâneo. Todavia, o discurso dirigido ao Pontifício Conselho pode ser visto como uma preparação espiritual e teológica para esse gesto. Ele revela o modo como Francisco compreende a missão da Igreja: diante de uma tragédia humana de tamanha magnitude, a Igreja não pode permanecer indiferente, mas deve manifestar-se com gestos proféticos que tornem visível a mensagem evangélica e reafirmem a dignidade de cada pessoa humana.

O Papa Francisco procura chamar a atenção para o respeito incondicional a cada pessoa humana e aos seus direitos fundamentais. Nesse sentido, recorda as palavras do Papa Paulo VI, pronunciadas na homilia de encerramento do Concílio Vaticano II, onde afirmou: «Para a Igreja Católica, ninguém é estrangeiro, ninguém é excluído, ninguém está distante»<sup>124</sup>. Cada ser humano possui um valor único e irrepetível, e ninguém é supérfluo na grande família dos filhos de Deus e muito menos no coração da Igreja.

A sua sensibilidade social e espiritual para com os que mais sofrem leva-o a reconhecer neles a «carne de Cristo», presente nos rostos marcados pela dor, pela exclusão e pela pobreza. Ao mesmo tempo, essa postura desperta nos outros as forças morais e espirituais necessárias para romper com o comodismo e a indiferença,

---

<sup>122</sup> Jose Ignacio González Faus, *Carne de Dios. Significado salvador de la Encarnación en la teología de San Ireneo* (Barcelona: Herder, 1969), 13-14.

<sup>123</sup> Cf. Agnor Snarzela, «A bioética de Francisco: elementos para a construção de uma bioética global cristã», *Horizonte* 18, n. 56 (2020), acessado a 11 de maio de 2025, <https://periodicos.pucminas.br/horizonte/article/view/19534>.

<sup>124</sup> Henri Fesquet, *Diario del concilio* (Barcelona: Nova Terra, 1967), 1244.

motivando-os a agir concretamente em favor da dignidade humana. É nesse dinamismo, entre a compaixão e o compromisso, que reside o poder de atração do Papa e o testemunho convincente de que o caminho por ele proposto é o verdadeiro caminho do discípulo de Cristo: reconhecer nos migrantes e refugiados a carne viva de Cristo, a quem todos são chamados a cuidar e servir.

Entre as diversas intervenções do seu pontificado, destacam-se quatro mensagens principais em que o Papa Francisco relaciona os pobres, migrantes e refugiados à presença viva de Cristo, ajudando a compreender a dimensão teológica e espiritual da pobreza. Por detrás dessas mensagens, transparece também o seu empenho pastoral em promover ações concretas de solidariedade, criando programas de apoio e proteção que salvem vidas ameaçadas pela violência, fome e marginalização.

Ao dirigir-se aos membros do Pontifício Conselho para os Migrantes e Itinerantes, Francisco reafirmou a missão essencial da Igreja: ir ao encontro do Cristo migrante e refugiado, reconhecendo a sua presença real nas pessoas que sofrem deslocamento e exclusão. Encorajou, ainda, o trabalho conjunto com outras instituições e organismos sociais, a fim de oferecer respostas articuladas e eficazes aos desafios crescentes que o fenómeno migratório apresenta no mundo contemporâneo:

Estimados amigos, não vos esqueçais da carne de Cristo que está na carne dos refugiados: a carne deles é a carne de Cristo. Também vós tendes a tarefa de orientar para novas formas de coresponsabilidade todos os Organismos comprometidos no campo das migrações forçadas. Infelizmente, trata-se de um fenómeno em expansão contínua, e, portanto, a vossa missão é cada vez mais exigente, para favorecer respostas concretas de proximidade e de acompanhamento das pessoas, tendo em consideração as diversas situações locais<sup>125</sup>.

Na mensagem dirigida aos jovens em preparação para a Jornada Mundial da Juventude, o Papa Francisco lança um apelo à conversão ao mundo dos pobres, convidando-os à proximidade com os que sofrem, para que possam reconhecer neles a presença viva do Senhor, a quem desejam amar e servir. O amor e o serviço cristão, afirma o Papa, exigem coragem: a coragem de mudar o estilo de vida, de transformar mentalidades e de assumir a defesa da vida e da dignidade dos migrantes e refugiados.

---

<sup>125</sup> Francisco, «Discurso aos participantes na sessão plenária do Conselho Pontifício dos Imigrantes e Refugiados», acedido a 15 de maio de 2025, [https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2013/may/documents/papa-francesco\\_20130524\\_migranti-itineranti.html](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2013/may/documents/papa-francesco_20130524_migranti-itineranti.html).

Frente as antigas e novas formas de pobreza (o desemprego, a migração, muitas dependências de vários tipos) vencer a tentação da indiferença. Os pobres são uma oportunidade concreta de encontrar o próprio Cristo, de tocar a sua carne sofredora<sup>126</sup>.

Num outro momento, ao dirigir-se aos membros da Fundação Banco Alimentar, Francisco denuncia o escândalo e o pecado da fome, que continua a ceifar vidas em pleno século XXI, apesar da abundância de recursos que poderiam ser partilhados equitativamente. Faz então um apelo a não reduzir os pobres, migrantes e refugiados a meros números ou estatísticas, mas a reconhecê-los como pessoas concretas, irmãos e irmãs nos quais o Senhor se faz presente:

A situação agravou-se com o aumento dos fluxos migratórios, que trazem à Europa milhares de refugiados que fogem dos próprios países e carecem de tudo. [...] Não esqueçais que são pessoas, não números. [...] Tendo isto sempre presente, sabereis olhar para elas nos rostos, apertar-lhes a mão, descobrir nelas a carne de Cristo e ajudá-las a reconquistar a dignidade<sup>127</sup>.

Com a expressão «migrantes e refugiados: carne de Cristo», Francisco adentra o campo teológico, sem, contudo, abandonar a dimensão sociológica e pastoral que marca suas intervenções. Ao identificar Cristo na pessoa do pobre e ao denunciar as injustiças sociais e religiosas que atentam contra a dignidade humana, o Papa aproxima-se profundamente da espiritualidade e da ação pastoral de São Alberto Hurtado (1901–1952). O jesuíta chileno, cuja obra *Hogar de Cristo* permanece como símbolo do compromisso cristão com os pobres e marginalizados, inspirou-se precisamente nessa mesma visão teológica: Cristo presente no pobre<sup>128</sup>.

Hurtado uniu cristologia e ética, compreendendo que a fé encarnada exige um compromisso social efetivo. No contexto das transformações sociais do século XX, procurou levar a Doutrina Social da Igreja às classes populares e trabalhadoras, despertando consciências adormecidas e fazendo nascer uma presença eclesial junto dos mais abandonados. A sua experiência fundadora nasce de um encontro pessoal com

---

<sup>126</sup> Francisco, «Mensagem para a XXIX Jornada Mundial da Juventude», acedido a 15 de maio de 2025, [https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/youth/documents/papa-francesco\\_20140121\\_messaggio-giovani\\_2014.html](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/youth/documents/papa-francesco_20140121_messaggio-giovani_2014.html)

<sup>127</sup> Francisco, «Discurso aos participantes no encontro promovido pela "Fundação Banco Alimentar"», acedido a 15 de maio de 2025, [https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2015/october/documents/papa-francesco\\_20151003\\_banco-alimentare.html](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2015/october/documents/papa-francesco_20151003_banco-alimentare.html).

<sup>128</sup> Atualmente o *Hogar de Cristo* encontra-se presente praticamente em todo o país através de 474 obras, atendendo a mais de 21 mil pessoas necessitadas. Para conhecer melhor a dimensão dessa obra fundada por Alberto Hurtado pode-se obter mais informações através do site: <http://www.hogardecristo.cl/>.

um pobre em Santiago do Chile, durante uma noite fria e chuvosa — encontro no qual reconheceu o próprio Cristo sem abrigo:

Cristo vaga pelas nossas ruas na pessoa de tantos pobres, enfermos e desalojados. [...] Cristo, acurralado sob as pontes, nas crianças que não têm pai, nem o beijo da mãe sobre a fronte... Cristo não tem lar! Não queremos nós, que temos casa, comida e meios, dar-Lhe um<sup>129</sup>?

Dessa forma, torna-se evidente que uma profunda cristologia conduz inevitavelmente a um compromisso social autêntico. Não se trata de ideologia, mas de fé cristológica, como recordou Bento XVI em Aparecida: «A opção preferencial pelos pobres está implícita na fé cristológica naquele Deus que se fez pobre por nós para enriquecer-nos com sua pobreza (cf. 2Cor 8,9)»<sup>130</sup>. O próprio Francisco reforça essa dimensão teológica da pobreza, afirmando: «Tocar a carne de Cristo, assumir o sofrimento dos pobres [...]. A pobreza, para nós cristãos, não é uma categoria sociológica, mas teológica [...]. A Igreja pobre para os pobres começa pelo dirigir-se à carne de Cristo»<sup>131</sup>.

Essa expressão, «tocar a carne de Cristo», revela uma das dimensões mais significativas da teologia de Francisco. Ela traduz a experiência concreta do encontro com Deus através do contato sensível com o sofrimento humano, evocando também o caráter encarnado e afetivo da religiosidade popular, em que ver e tocar os sinais do sagrado; o sacrário, o altar, as imagens, constituem expressões legítimas da fé. O Papa deseja que essa fé sensível e devocional se manifeste também no encontro com os pobres, migrantes e refugiados, de modo que o amor a Deus se concretize no cuidado pela vida e pela dignidade das pessoas.

É esse o sentido da exortação da Primeira Carta de São João (1Jo 4,19–20): «Quem não ama o seu irmão a quem vê, não pode amar a Deus a quem não vê». O Deus que nos ama primeiro, que «primerea», nas palavras do Papa, convida-nos a responder com amor concreto, através do serviço aos que sofrem. Permanecer indiferentes diante

---

<sup>129</sup> Tony Mifsud, *El sentido social: el legado ético del Padre Hurtado* (Santiago de Chile: Centro de Espiritualidad Ignaciana, 2005), 26.

<sup>130</sup> Bento XVI, «Discurso na sessão inaugural dos trabalhos da V Conferência Episcopal da América Latina e do caribe», acedido a 15 de maio de 2025, [https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2007/may/documents/hf\\_ben-xvi\\_spe\\_20070513\\_conference-aparecida.html](https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2007/may/documents/hf_ben-xvi_spe_20070513_conference-aparecida.html)

<sup>131</sup> Francisco, «Discurso na vigília de Pentecostes com os movimentos eclesiais», acedido a 24 de maio de 2025, [https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2013/may/documents/papa-francesco\\_20130518\\_veglia-pentecoste.html](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2013/may/documents/papa-francesco_20130518_veglia-pentecoste.html).

do sofrimento humano é negar a própria fé; tocar a carne de Cristo nos pobres é participar do mistério da Encarnação<sup>132</sup>.

Por fim, Francisco dirige um apelo concreto e profético às comunidades religiosas, convidando-as a transformar conventos e casas vazias em espaços de acolhida para migrantes e refugiados:

Os conventos vazios não servem à Igreja para serem transformados em hotéis e ganhar dinheiro [...]. Os conventos vazios não são vossos; são para a carne de Cristo, que são os refugiados<sup>133</sup>.

Hoje, esse apelo se concretiza em diversas iniciativas de acolhimento e hospitalidade, nas quais comunidades religiosas oferecem abrigo temporário e integração a migrantes e refugiados, testemunhando a solidariedade evangélica e a fé encarnada que o Papa propõe<sup>134</sup>. Trata-se de um sinal vivo de conversão pastoral, que desafia a Igreja a superar a mundanidade espiritual e a recuperar o sentido evangélico do serviço e da partilha.

## 2.6. Cultura da indiferença

Os conceitos de globalização e indiferença foram amplamente refletidos e aprofundados por Jorge Mario Bergoglio ainda durante o seu ministério como arcebispo de Buenos Aires. Para ele, a indiferença nasce do hábito de conviver com a dor, o sofrimento e a injustiça sem se deixar afetar por eles. Em sua mensagem de início da Quaresma de 2009, Bergoglio descreveu essa realidade com notável lucidez:

Há paisagens às quais acabamos por nos acostumar de tanto vê-las. O grande risco do costume é a indiferença: já nada nos causa assombro, nem nos toca, nem nos alegra, nem nos inquieta [...]. Com o costume vem a indiferença: já não nos interessam as vidas, as histórias, as necessidades ou o futuro dessas pessoas. Quantas vezes seus olhares nos obrigaram a baixar os nossos para poder seguir

---

<sup>132</sup> Expressão várias vezes usada por Francisco para ressaltar que Deus sempre se antecipa ao ser humano, como usou pela primeira vez, no discurso na vigília de Pentecostes com os movimentos eclesiais em 18.05.2013, [https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2013/may/documents/papa-francesco\\_20130518\\_veglia-pentecoste.html](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2013/may/documents/papa-francesco_20130518_veglia-pentecoste.html).

<sup>133</sup> Francisco, «Discurso na visita ao 'Centro Astalli' de Roma para assistência aos refugiados», acedido a 24 de maio de 2025, [https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2013/september/documents/papa-francesco\\_20130910\\_centro-astalli.html](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2013/september/documents/papa-francesco_20130910_centro-astalli.html).

<sup>134</sup> A Conferência europeia dos provinciais jesuítas tem colocado em marcha em vários países programas de acolhida aos migrantes e refugiados, que em Espanha são chamadas de «Comunidades de hospitalidade».

adiante... E, no entanto, esse é o cenário que nos rodeia — e, quer o vejamos ou não, fazemos parte dele<sup>135</sup>.

O combate à cultura da indiferença é um dos eixos centrais do pensamento do Papa Francisco sobre as migrações e as crises humanitárias contemporâneas. Ele identifica na sociedade moderna — marcada pelo individualismo, pela busca do bem-estar e pela economia que privilegia o lucro sobre a pessoa humana — uma espécie de insensibilidade moral coletiva. Trata-se de uma «cegueira ética» que faz com que o sofrimento alheio deixe de comover e mobilizar. Para o Papa, a indiferença tornou-se globalizada, disseminada em todas as culturas e instituições.

Na Mensagem de 2016, ele escreve que «a indiferença e o silêncio abrem a estrada à cumplicidade, quando assistimos como expectadores às mortes por sufocamento, privações, violências e naufrágios»<sup>136</sup>. Em 2019 ele identifica «as sociedades economicamente mais avançadas tendem, no seu seio, para um acentuado individualismo que, associado à mentalidade utilitarista e multiplicado pela rede mediática, gera a ‘globalização da indiferença’»<sup>137</sup>.

Diante disso, Francisco propõe como resposta uma «globalização da fraternidade», baseada na solidariedade, na defesa da dignidade humana e no respeito pelos direitos fundamentais. A sua denúncia é dirigida tanto às pessoas quanto às instituições — incluindo os próprios cristãos —, pois, como afirma, «encontrar um sem-teto morto de frio não é notícia; um escândalo, sim, isso é notícia». Ele revela, assim, a perda do sentido de compaixão e responsabilidade fraterna que caracteriza o nosso tempo<sup>138</sup>.

Essa anestesia moral manifesta-se também na reação pública às tragédias dos migrantes e refugiados: a notícia da dor já não provoca indignação nem solidariedade, mas apenas uma emoção passageira. A comoção transforma-se em sentimentalismo efêmero, sem compromisso real. Francisco insiste que é preciso passar da emoção à ação, do sentimento vazio ao envolvimento concreto, assumindo uma responsabilidade

---

<sup>135</sup> Cf. Jorge Mario Bergoglio, «Homilia de Quarta-feira de Cinzas sobre ‘Ayunar es amar’», em 25 de fevereiro de 2009, acessado a 24 de maio de 2025, [http://www.arzbaires.org.ar/inicio/homilias/homilias2009.htm#ayunar\\_es\\_amar](http://www.arzbaires.org.ar/inicio/homilias/homilias2009.htm#ayunar_es_amar).

<sup>136</sup> Francisco, «Mensagem para o Dia Mundial do Migrante e do Refugiado 2016».

<sup>137</sup> Francisco, «Mensagem para o Dia Mundial do Migrante e do Refugiado 2019», acessado a 24 de maio de 2025, [https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/migration/documents/papa-francesco\\_20190527\\_world-migrants-day-2019.html](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/migration/documents/papa-francesco_20190527_world-migrants-day-2019.html).

<sup>138</sup> Francisco, «Discurso na vigília de Pentecostes com os movimentos eclesiais», acessado a 31 de maio de 2025, [https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2013/may/documents/papa-francesco\\_20130518\\_veglia-pentecoste.html](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2013/may/documents/papa-francesco_20130518_veglia-pentecoste.html).

afetiva e efetiva pela transformação da realidade.

Foi durante a sua visita à ilha de Lampedusa (2013) que o Papa expressou a sua crítica mais contundente à globalização da indiferença, denunciando a perda dos valores humanos fundamentais: «Perdemos o sentido da responsabilidade fraterna. Tornamo-nos uma sociedade que esqueceu a experiência de chorar, de ‘padecer com’: a globalização da indiferença tirou-nos a capacidade de chorar»<sup>139</sup>.

Os gestos proféticos de Francisco em Lampedusa — e mais tarde em Lesbos — são, portanto, denúncias vivas dessa indiferença coletiva. Ele quis dar rosto e voz às vítimas das migrações forçadas, expondo ao mundo as consequências humanas da passividade e da omissão política. Suas palavras e ações constituem um apelo urgente à conversão das consciências e das estruturas, para que a solidariedade se traduza em políticas públicas concretas e atitudes de hospitalidade.

Para o Papa, a indiferença é uma doença social e espiritual. Ela corrói o tecido humano e impede que o ser humano realize plenamente o seu potencial de comunhão. Nessa sociedade moralmente adormecida, é necessário despertar a consciência coletiva e reavivar o coração — como o profeta Ezequiel anuncia: «Dar-vos-ei um coração novo, tirarei o coração de pedra e vos darei um coração de carne» (Ez 36,26). Somente um coração sensível e misericordioso pode resistir à frieza da indiferença.

O Deus revelado por Jesus de Nazaré não é um Deus indiferente, mas um Deus que ouve o clamor do seu povo e desce para libertá-lo. Seguindo esse exemplo divino, Francisco convida todos os cristãos a pensar e agir com o coração, unindo razão e afeto — *affectum et intellectum* — de modo que a compreensão da realidade passe também pela empatia e pela compaixão<sup>140</sup>.

Devemos ter cuidado com um sinal triste da globalização da indiferença: habituarmos-nos lentamente ao sofrimento dos outros, como se fosse uma coisa normal [...]. É preciso reagir contra as novas formas de escravidão, o tráfico de pessoas e o descarte dos mais frágeis<sup>141</sup>.

---

<sup>139</sup> Francisco, «Homilia em Lampedusa pelas vítimas dos naufrágios», acedido a 31 de maio de 2025, [https://www.vatican.va/content/francesco/pt/homilies/2013/documents/papa-francesco\\_20130708\\_omelia-lampedusa.html](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/homilies/2013/documents/papa-francesco_20130708_omelia-lampedusa.html).

<sup>140</sup> Francisco, «Mensagem por ocasião da 103ª Sessão da Conferência da Organização Internacional do Trabalho (OIT)», acedido a 31 de maio de 2025, [https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/pont-messages/2014/documents/papa-francesco\\_20140522\\_messaggio-ilo.html](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/pont-messages/2014/documents/papa-francesco_20140522_messaggio-ilo.html).

<sup>141</sup> Francisco, «Discurso as organizações caritativas católicas que atuam na Síria», acedido a 31 de maio de 2025, [https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2014/may/documents/papa-francesco\\_20140530\\_operatori-carita-siria.html](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2014/may/documents/papa-francesco_20140530_operatori-carita-siria.html).

Por fim, o Papa vincula a «globalização da indiferença» à «cultura do descarte», que reduz o ser humano ao valor de sua utilidade. Nessa lógica, migrantes, refugiados e pobres tornam-se descartáveis, considerados um incômodo ou um peso social. Contra essa mentalidade, Francisco proclama que ninguém é supérfluo aos olhos de Deus, e que a fé autêntica exige uma ética da solidariedade, capaz de restaurar a dignidade dos que foram deixados à margem.

## 2.7. Cultura do descarte

O posicionamento mais recente do Papa Francisco sobre a cultura do descarte foi expresso na audiência geral de 4 de maio, durante a catequese sobre a parábola da ovelha perdida (Lc 15,3-7). Nessa ocasião, o Papa afirmou de forma contundente que Deus desconhece tal cultura, pois o seu amor é inclusivo e universal.»<sup>142</sup>.

Essa crítica não é nova. Já no número 49 da encíclica *Laudato Si'*, Francisco alertava para o fato de que o problema dos pobres costuma ser tratado como um «apêndice» ou um «dano colateral» dentro da lógica do sistema económico, social e político dominante, um sistema que exclui e marginaliza aqueles que não produzem ou não consomem conforme as exigências do mercado. Na lógica divina, porém, acontece o contrário: cada pessoa importa e possui valor absoluto, especialmente os pobres, nos quais a imagem de Deus se encontra desfigurada pela miséria e pela injustiça. Por isso, são eles os prediletos do Reino, como proclamou Jesus nas Bem-Aventuras (Mt 5,3–12). Nas sua primeira Mensagem em 2014, o Papa apela que «é necessário passar de uma atitude de defesa e de medo, de desinteresse ou de marginalização - que, no final, corresponde precisamente à 'cultura do descartável' – para uma atitude que tem por base a 'cultura do encontro'»<sup>143</sup>. No fundo desta ideia é o apelo dele à «conversão de atitudes». Em 2019, ele defende os migrantes e os refugiados e reitera que «a atitude para com eles constitui a campanha de alarme que avisa do declínio moral em que se incorre, se se continua a dar espaço à cultura do descarte»<sup>144</sup>.

Francisco tem denunciado, de modo particular, a negação da dignidade humana nas situações em que o trabalho, elemento essencial da realização pessoal e da

---

<sup>142</sup> Francisco, «Audiência geral», acedido a 31 de maio de 2025, [https://www.vatican.va/content/francesco/pt/audiences/2016/documents/papa-francesco\\_20160504\\_udienza-generale.html](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/audiences/2016/documents/papa-francesco_20160504_udienza-generale.html).

<sup>143</sup> Francisco, «Mensagem Mundial para o Dia do Migrante e do Refugiado 2014».

<sup>144</sup> Francisco, «Mensagem Mundial para o Dia do Migrante e do Refugiado 2019».

cidadania, é negado ou precarizado. A ausência dessa oportunidade transforma o ser humano em vítima direta da cultura do descarte:

O trabalho não é necessário só para a economia, mas para a pessoa humana, para a sua dignidade, para a sua cidadania e também para a inclusão social. A imigração aumenta a competição, mas os migrantes não devem ser culpabilizados, porque são vítimas das iniquidades, desta economia que descarta e das guerras. Entristece ver o espetáculo destes dias, no qual seres humanos são tratados como mercadoria! Somos chamados a reafirmar o não a uma economia do descartável, não a idolatria do dinheiro, não a corrupção, não a iniquidade que gera violência<sup>145</sup>.

A cultura do descarte, portanto, é componente estrutural de um modelo económico e cultural que já não coloca o ser humano no centro, mas o reduz a objeto. As suas vítimas não são apenas os pobres e os migrantes, mas também os idosos abandonados, os jovens excluídos, as pessoas com deficiência, as mulheres vítimas de violência, e as crianças privadas de afeto e proteção. Durante a sua visita ao Quênia, Francisco enumerou essas situações como rostos concretos da exclusão contemporânea, frutos de um sistema que sacrifica vidas humanas «aos ídolos do lucro e do consumo»<sup>146</sup>.

A cultura do descarte, portanto, é componente estrutural de um modelo económico e cultural que já não coloca o ser humano no centro, mas o reduz a objeto. As suas vítimas não são apenas os pobres e os migrantes, mas também os idosos abandonados, os jovens excluídos, as pessoas com deficiência, as mulheres vítimas de violência, e as crianças privadas de afeto e proteção. Durante a sua visita ao Quênia, Francisco enumerou essas situações como rostos concretos da exclusão contemporânea, frutos de um sistema que sacrifica vidas humanas «aos ídolos do lucro e do consumo».

O Papa insiste que o ser humano não pode ser tratado como mercadoria, nem instrumentalizado a ponto de ver a sua dignidade violada. É moralmente intolerável assistir com indiferença à proliferação do tráfico humano, do trabalho escravo, da prostituição forçada e de outras formas de exploração degradante. As imagens de migrantes e refugiados aglomerados nas fronteiras, confinados em campos superlotados ou vagando pelas ruas de cidades onde não se sentem acolhidos são um

---

<sup>145</sup> Francisco, «Discurso no encontro com o mundo do trabalho, na visita pastoral a Turim», acedido a 2 de junho de 2025, [https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2015/june/documents/papa-francesco\\_20150621\\_torino-mondo-lavoro.html](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2015/june/documents/papa-francesco_20150621_torino-mondo-lavoro.html).

<sup>146</sup> Francisco, «Discurso na visita ao Centro das Nações Unidas em Nairobi (*U.N.O.N*)», acedido a 2 de junho de 2025, [https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2015/november/documents/papa-francesco\\_20151126\\_kenya-unon.html](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2015/november/documents/papa-francesco_20151126_kenya-unon.html).

símbolo vivo dessa cultura de exclusão — uma «massa sobrando», manipulada conforme os interesses dos poderosos.

Na sua primeira mensagem para o Dia Mundial do Migrante e do Refugiado (2014), que assinalou o centenário dessa celebração, Francisco contrapôs à cultura do descarte a «cultura do encontro». Sob o tema «Migrantes e refugiados: rumo a um mundo melhor», ele propôs o encontro, o diálogo e a integração como caminhos concretos para superar a exclusão e reconstruir laços de fraternidade universal:

É necessário passar de uma atitude de defesa e de medo, de desinteresse ou de marginalização, que, no final, corresponde precisamente à ‘cultura do descartável’, para uma atitude baseada na ‘cultura do encontro’, a única capaz de construir um mundo mais justo e fraterno. [...] Os meios de comunicação também são chamados a promover esta conversão de atitudes e a incentivar uma mudança de comportamento em relação aos migrantes e refugiados<sup>147</sup>.

Para Francisco, a Igreja, tanto em sua dimensão institucional quanto no testemunho de cada cristão, deve contribuir ativamente para desconstruir preconceitos e favorecer a integração social entre nativos e estrangeiros. O Papa recorda que o ser humano é, por natureza, um ser de relação: foi criado para o encontro, para o diálogo e para a comunhão. Por isso, ninguém deve ser deixado sozinho especialmente aqueles que mais necessitam de acolhimento e solidariedade.

## 2.8. Cultura do encontro

O Papa Francisco menciona a cultura do encontro e do acolhimento como uma conversão e logo na sua primeira mensagem<sup>148</sup> ele usa esta expressão como uma das palavras-chaves do seu pontificado. Menciona de novo nas suas mensagens em 2015 e em 2016.

Toda a tradição do Povo de Israel testemunha que Deus estabelece uma relação profundamente dialogal com a criação. Ele encontra-se com as suas criaturas, faz aliança, revela o seu projeto e age com paciência e misericórdia diante das respostas limitadas do ser humano, mas nunca desiste dele. O encontro entre Deus e a humanidade é, portanto, fonte de identidade e de cultura, um espaço de reciprocidade onde a vida se manifesta e se renova:

Pode-se afirmar que, desde o princípio, Deus, por meio da sua Palavra, de modo livre e amoroso, revelou-se, comunicou-se e entrou em relação com o mundo e

---

<sup>147</sup> Francisco, «Mensagem para o Dia Mundial do Migrante e do Refugiado 2014».

<sup>148</sup> Cf. Francisco, «Mensagem para o Dia Mundial do Migrante e do Refugiado 2014».

com a humanidade, com a história e a natureza, que dele dependem, chamando à existência todas as criaturas<sup>149</sup>.

Construir uma cultura do encontro significa aprender a sair de si mesmo para abrir-se ao outro, reconhecendo a riqueza da diversidade como dom e não como ameaça. Num mundo globalizado, plural e multicultural, toda tentativa de uniformização está condenada ao fracasso, pois a riqueza humana floresce precisamente na diferença. Essa atitude não implica perder a própria identidade, mas, ao contrário, pressupõe consciência de si, somente quem sabe quem é pode encontrar-se verdadeiramente com o outro, reconhecendo e respeitando os seus valores e a sua história.

Ao referir-se aos conflitos de convivência entre migrantes e residentes em Roma, realidade presente em muitas outras cidades do mundo, o Papa Francisco indica o diálogo e a convivência pacífica como caminho para a superação das tensões e a promoção da cultura do encontro:

Durante estes dias, em Roma, houve tensões fortes entre residentes e imigrantes. Episódios semelhantes ocorrem em várias cidades europeias, especialmente em bairros periféricos. A comunidade cristã compromete-se de modo concreto para que não haja desencontro, mas encontro. Cidadãos e imigrantes, juntamente com representantes das instituições, podem reunir-se até mesmo num salão paroquial para enfrentar esta situação. O importante é não ceder à tentação do conflito. É possível dialogar, escutar, elaborar projetos comuns e, assim, superar a suspeita e o preconceito, construindo uma convivência segura, pacífica e inclusiva<sup>150</sup>.

Nenhum tipo de diferença, seja de cultura, religião, classe social, gênero ou origem, deve romper o vínculo do respeito e do diálogo entre os seres humanos, nem justificar atitudes de violência ou indiferença. Quando se reconhece que todos partilham a mesma origem e destino, percebe-se que habitamos a mesma casa comum, somos formados da mesma matéria e animados pelo mesmo sopro de vida. Esses elementos bastam para reconhecer a igual dignidade de todos e a necessidade de relações fraternas e igualitárias, que acolham a alteridade como expressão do próprio mistério de Deus — o Tu eterno, de quem fala Martin Buber, no qual «toda vida verdadeira é encontro»<sup>151</sup>.

---

<sup>149</sup> Enrique Sanz Giménez-Rico, *Ya en el principio. Fundamentos veterotestamentarios de la moral cristiana* (Madrid: San Pablo, 2008), 46.

<sup>150</sup> Francisco, «Angelus», acedido a 2 de junho de 2025, [https://www.vatican.va/content/francesco/pt/angelus/2014/documents/papa-francesco\\_angelus\\_20141116.html](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/angelus/2014/documents/papa-francesco_angelus_20141116.html).

<sup>151</sup> Cf. Martin Buber, *Yo y tú* (Buenos Aires: Nueva Vision, 1977), 15.

Os conflitos, guerras e violências que marcam o mundo revelam, contudo, a dificuldade de viver com as diferenças, de renunciar a interesses pessoais e de defender os mais frágeis. Quando tais atitudes são abandonadas, prevalecem as relações de poder e dominação, que geram exclusão e impõem barreiras ao acolhimento e à integração.

Na cosmovisão de Francisco, cada ser humano é único e insubstituível, e a sua dignidade deve ser sempre respeitada e protegida. Por isso, a cultura do encontro se opõe radicalmente à cultura da exclusão e do descarte, que não apenas elimina objetos, mas também descarta pessoas, dos mais vulneráveis às periferias da vida: crianças, idosos, pobres, doentes e migrantes.

A convivência humana se enriquece quando se deixa guiar pelo diálogo fecundo, pela paciência e pela tolerância diante da diferença, renunciando à tentação de instrumentalizar ou eliminar o outro apenas porque a sua integração exige esforço.

O próprio Papa Francisco é testemunha viva dessa cultura do encontro. Nenhuma diferença o impede de dialogar e construir pontes: aproxima-se de pessoas de outras religiões, acolhe os que o criticam, atua em favor da paz entre os povos, busca integrar todos na Igreja e reconhece o direito de discordar. Os seus gestos e palavras tornam-se sinais concretos de que um mundo melhor é possível, se todos se comprometerem com a construção paciente e cotidiana dessa cultura do encontro.

Ao olhar para os anos do seu pontificado, é possível identificar várias «pontes» simbólicas que expressam essa transformação: do inverno eclesial à primavera da esperança; de uma Igreja-fortaleza a uma casa aberta e acolhedora; de Papa a Bispo de Roma; do palácio apostólico à Casa Santa Marta; da doutrina abstrata ao encontro concreto; da exclusividade à inclusão; de uma Igreja autorreferencial às periferias do mundo<sup>152</sup>.

## **2.9. Globalização da solidariedade**

Na sua mensagem em 2015, o Papa Francisco apela «à solidariedade para com os migrantes e os refugiados há que unir a coragem e a criatividade necessárias para desenvolver, a nível mundial, uma ordem económico-financeira mais justa e equitativa, juntamente com um maior empenho a favor da paz, condição indispensável de todo o

---

<sup>152</sup> Cf. Leonardo Boff, *Francisco de Roma y Francisco de Asís. ¿Una primavera en la Iglesia?*, 77-79.

verdadeiro progresso»<sup>153</sup>. É um convite geral para todos que trabalham por um mundo mais humano, digno e solidário.

Em 2016, ele reitera que «a solidariedade, a cooperação, a interdependência internacional e a distribuição equitativa dos bens da terra são elementos fundamentais para atuar, em profundidade e com eficácia, sobretudo nas áreas de partida dos fluxos migratórios...»<sup>154</sup>. Esta afirmação não é uma novidade, mas é um apelo constante que ele faz ao longo do seu pontificado.

A referência constante à solidariedade coloca o Papa Francisco em continuidade direta com o magistério de São João Paulo II, que introduziu este princípio de modo explícito na Doutrina Social da Igreja. Na encíclica *Sollicitudo rei socialis*, João Paulo II detalha o sentido profundo da solidariedade, entendida não como simples sentimento de compaixão, mas como virtude social e exigência moral que se manifesta no compromisso efetivo com o bem comum<sup>155</sup>.

A proposta de Francisco para um mundo melhor consiste em reconhecer os aspetos positivos da globalização e inserir nessa dinâmica global os valores centrais do cristianismo, especialmente o amor-caridade e a solidariedade. Assim, ele contrapõe à «globalização da indiferença» uma globalização da solidariedade, capaz de gerar comunhão e fraternidade entre os povos.

Na sua primeira mensagem para a XXIX Jornada Mundial da Juventude, o Papa confiou aos jovens a missão de colocar a solidariedade no coração da cultura humana, enfrentando os contravalores da sociedade contemporânea e cultivando uma proximidade real com os pobres — não teórica, mas concreta:

Para viver esta Bem-aventurança, todos necessitamos de conversão em relação aos pobres. Devemos cuidar deles, ser sensíveis às suas carências espirituais e materiais. A vós, jovens, confio de modo particular a tarefa de colocar a solidariedade no centro da cultura humana. Diante das antigas e novas formas de pobreza — o desemprego, a migração, as múltiplas dependências —, temos o dever de permanecer vigilantes e conscientes, vencendo a tentação da indiferença. (...) Devemos aprender a estar com os pobres. Não nos limitemos a belas palavras: encontremo-los, olhemo-los nos olhos, ouçamo-los<sup>156</sup>.

---

<sup>153</sup> Francisco, «Mensagem para o Dia Mundial do Migrante e do Refugiado 2015».

<sup>154</sup> Francisco, «Mensagem para o Dia Mundial do Migrante e do Refugiado 2016».

<sup>155</sup> Cf. João Paulo II, *Sollicitudo rei socialis*, 9, 21, 23, 26, 33, 36, 38-40, 45-47; e Cáceres, 87.

<sup>156</sup> Francisco, «Mensagem para a XXIX Jornada Mundial da Juventude», acedido a 12 de junho de 2025, [https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/youth/documents/papa-francesco\\_20140121\\_messaggio-giovani\\_2014.html](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/youth/documents/papa-francesco_20140121_messaggio-giovani_2014.html).

No contexto das migrações, globalizar a solidariedade significa não permanecer indiferente diante do sofrimento dos migrantes e refugiados, mas responder de modo concreto e cooperativo. Um migrante resumiu de forma simples o sentido dessa virtude: «O problema de um é problema de todos». Suas palavras traduzem o núcleo afetivo da solidariedade: ser presença e partilhar o sofrimento do outro como se fosse o próprio.

Quem já enfrentou momentos de solidão e recebeu o apoio solidário de alguém sabe o quanto essa presença alivia e fortalece. Saber que não se está só, que alguém se importa simplesmente porque reconhece no outro um ser humano, é uma experiência profundamente transformadora. Globalizar a solidariedade começa, portanto, por romper o isolamento e a exclusão, especialmente daqueles migrantes que, embora tenham chegado a um novo destino, ainda não se sentem plenamente integrados à sociedade.

No discurso ao Parlamento Europeu, Francisco identificou a solidão como uma das «doenças sociais» mais difundidas na Europa, perceptível inclusive nos olhares perdidos dos migrantes nas grandes cidades, privados de vínculos e de esperança. Por isso, o Papa propõe a solidariedade como antídoto à solidão, uma solidariedade que une afeto e compromisso, e que ele mesmo encarna em seus gestos pessoais e em nome de toda a Igreja.<sup>157</sup> A solidariedade possui, portanto, duas dimensões complementares:

- Afetiva, quando se traduz em empatia, presença e compaixão;
- Efetiva, quando se manifesta em ações concretas, no uso dos dons, dos bens e dos recursos a favor dos necessitados.

Essa segunda dimensão é expressão prática do amor cristão. Santo Inácio de Loyola, nos números 230-231 dos *Exercícios Espirituais*, descreve assim o verdadeiro amor:

O amor deve colocar-se mais nas obras do que nas palavras. O amor consiste na comunicação recíproca: dar e comunicar à pessoa amada o que se tem ou pode, e vice-versa; de modo que, se um possui ciência, a partilhe com quem não tem, e o mesmo quanto às honras ou riquezas, em tudo reciprocamente<sup>158</sup>.

---

<sup>157</sup> Francisco, «Mensagem para a celebração do XLVII Dia Mundial da Paz» (1 de janeiro de 2014), acessado a 12 de junho de 2025, [https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/peace/documents/papa-francesco\\_20131208\\_messaggio-xxvii-giornata-mondiale-pace-2014.html](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/peace/documents/papa-francesco_20131208_messaggio-xxvii-giornata-mondiale-pace-2014.html) «Homilia em Aman-Palestina, na Peregrinação a Terra Santa no 50º aniversário do encontro em Jerusalém entre o Papa Paulo VI e o Patriarca Atenágoras», acessado a 12 de junho de 2025, [chrome-extension://efaidnbmnnnibpcajpcglclefindmkaj/https://www.vatican.va/content/francesco/pt/homilies/2014/documents/papa-francesco\\_20140524\\_terra-santa-omelia-amman.pdf](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/homilies/2014/documents/papa-francesco_20140524_terra-santa-omelia-amman.pdf).

<sup>158</sup> Cf. Ignacio de Loyola, *Ejercicios Espirituales* (Santander: Sal Terrae, 1991).

Enquanto a dimensão afetiva da solidariedade responde às necessidades emocionais e humanas dos migrantes e refugiados, a dimensão efetiva busca atender também as carências materiais e estruturais, oferecendo uma resposta integral às suas realidades. Ambas são indispensáveis na superação da atual crise humanitária.

Francisco traduziu esse princípio em gestos concretos, como as visitas a Lampedusa, Ciudad Juárez e Lesbos — autênticos sinais proféticos que despertaram a consciência mundial para as consequências humanas do fenômeno migratório<sup>159</sup>.

O princípio da solidariedade, por sua vez, está intimamente ligado ao princípio da subsidiariedade da Doutrina Social da Igreja: as instâncias maiores devem apoiar, proteger e colaborar com as menores, partilhando recursos e responsabilidades. Daí o apelo do Papa aos Estados mais desenvolvidos para que não virem as costas aos povos que necessitam de ajuda humanitária, mas respondam prontamente diante de situações de emergência em que a vida e a dignidade humanas estão em risco.

A solidariedade, embora pertença à tradição da Igreja, foi também profundamente desenvolvida pelos papas anteriores. Paulo VI, em *Populorum progressio*, falou do «dever de solidariedade». João Paulo II, em *Sollicitudo rei socialis*, definiu-a como «determinação firme e perseverante de empenhar-se pelo bem comum, porque todos somos responsáveis por todos». Bento XVI, em *Caritas in veritate*, reafirmou a solidariedade como necessidade moral urgente no contexto da economia global. Francisco, ao retomar essa herança, renova o chamado para que a solidariedade se torne parte viva da dinâmica global contemporânea, expressão concreta da fé cristã.

Contra a lógica individualista que tenta eliminar a palavra «solidariedade» do vocabulário social, Francisco recorda que essa é uma palavra profundamente cristã, enraizada no Evangelho:

Hoje, infelizmente, uma economia especulativa torna-os cada vez mais pobres, privando-os do essencial, como a casa e o trabalho. Isto é inaceitável! Quem vive a solidariedade não aceita esta situação e reage. E muitas pessoas desejam eliminar do dicionário a palavra «solidariedade», porque para uma determinada cultura ela parece um palavrão. Não! A solidariedade é uma palavra cristã! E por este motivo

---

<sup>159</sup> Francisco, «Homilia em Lampedusa pelas vítimas dos naufrágios», acedido a 12 de junho de 2025, [https://www.vatican.va/content/francesco/pt/homilies/2013/documents/papa-francesco\\_20130708\\_omelia-lampedusa.html](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/homilies/2013/documents/papa-francesco_20130708_omelia-lampedusa.html).

vós sois uma família para os desabrigados, amigos das pessoas portadores de deficiência que — quando são amadas — exprimem uma grande humanidade<sup>160</sup>!

Viver a solidariedade e permitir que ela alcance dimensões universais é, para Francisco, viver o Evangelho em sua forma mais autêntica. A solidariedade não é apenas um valor humanitário, mas uma expressão concreta da fé, capaz de unir crentes e não crentes no compromisso comum de defender a dignidade humana e transformar o mundo com amor.

## 2.10. Cooperação internacional

Papa Francisco, que sempre foi uma figura internacional tal como os outros papas, convidou a comunidade internacional «para salvaguardar a Casa Comum e torná-la cada vez mais parecida com o plano original de Deus, devemos empenhar-nos em garantir a cooperação internacional, a solidariedade global e o compromisso local, sem deixar ninguém de fora»<sup>161</sup>.

Em 2023, ele sublinhou que «é necessário um esforço conjunto de cada país e da Comunidade Internacional para assegurar a todos o direito de não ter que emigrar, ou seja, a possibilidade de viver em paz e com dignidade na própria terra»<sup>162</sup>. Nunca se cansou em fazer apelos ao mundo quanto aos migrantes e aos refugiados.

O Papa parte da convicção de que, diante do fenômeno global da mobilidade humana, nenhum país é capaz, isoladamente, de oferecer uma resposta adequada. Torna-se imprescindível tanto uma leitura compartilhada da realidade migratória como a construção conjunta de estratégias e uma ação articulada entre as nações, estejam elas diretamente implicadas na crise ou não.

É nesse horizonte que se fundamentam os constantes apelos do Papa à cooperação internacional, como o que dirigiu aos líderes políticos durante a sua visita à Ilha de Lesbos, ao lado do Patriarca Ecumênico Bartolomeu e do Arcebispo

---

<sup>160</sup> Francisco, «Discurso em Trastevere na visita à Comunidade de Santo Egídio», acedido a 12 de junho de 2025, [https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2014/june/documents/papa-francesco\\_20140615\\_comunita-sant-egidio.html](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2014/june/documents/papa-francesco_20140615_comunita-sant-egidio.html).

<sup>161</sup> Francisco, «Mensagem para o Dia Mundial do Migrante e do Refugiado 2020», acedido a 12 de junho de 2025, [https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/migration/documents/papa-francesco\\_20200513\\_world-migrants-day-2020.html](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/migration/documents/papa-francesco_20200513_world-migrants-day-2020.html).

<sup>162</sup> Francisco, «Mensagem para o Dia Mundial do Migrante e do Refugiado 2023», acedido a 12 de junho de 2025, <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/migration/documents/20230511-world-migrants-day-2023.html>.

Hieronimos de Atenas e de toda a Grécia:

Nós, Papa Francisco, Patriarca Ecumênico Bartolomeu e Arcebispo Hieronimos de Atenas e de toda a Grécia, reunimo-nos na Ilha grega de Lesbos para manifestar a nossa profunda preocupação pela situação trágica de numerosos refugiados, migrantes e requerentes de asilo que têm chegado à Europa fugindo de situações de conflito e, em muitos casos, de ameaças diárias à sobrevivência. A opinião mundial não pode ignorar a crise humanitária colossal criada pelo incremento da violência e dos conflitos armados, pela perseguição e deslocamento de minorias religiosas e étnicas, e pelo desenraizamento de famílias inteiras, violando a sua dignidade e os seus direitos fundamentais. [...] Apelamos a todos os líderes políticos para que usem todos os meios possíveis a fim de garantir que os indivíduos e as comunidades, incluindo os cristãos, possam permanecer nos seus países de origem e gozar do direito fundamental de viver em paz e segurança<sup>163</sup>.

A globalização transformou profundamente a maneira como os governos estabelecem políticas externas e lidam com problemas que ultrapassam suas fronteiras. Francisco faz uma crítica a um modelo de governança fragmentado, incapaz de responder de modo eficaz a desafios transnacionais, e insiste na necessidade de uma cooperação global baseada no bem comum, não em interesses privados.

Na encíclica *Laudato si'*, retomando as propostas de João XXIII e Bento XVI, o Papa reafirma a urgência de uma «autoridade política mundial», dotada de competência real para regular a economia global, garantir a segurança alimentar, promover o desarmamento integral, proteger o meio ambiente e gerir de forma ética os fluxos migratórios. Tal autoridade deveria atuar em favor de toda a humanidade, transcendendo os interesses nacionais e respondendo às grandes desigualdades e crises humanitárias do nosso tempo (LS 175).

Apesar de avanços pontuais, a atual estrutura da comunidade internacional ainda se mostra incapaz de oferecer respostas eficazes à crise migratória. Milhares de migrantes e refugiados continuam a perder a vida em travessias arriscadas — sobretudo no Mar Mediterrâneo —, fugindo de guerras e perseguições que parecem não ter fim.

Francisco expressa essa preocupação em diversas ocasiões, apelando repetidamente à intervenção da Organização das Nações Unidas e da comunidade internacional:

---

<sup>163</sup> Francisco, «Discurso em Lesbos na declaração conjunta de Sua Santidade Bartolomeu I, Patriarca Ecumênico de Constantinopla, de Sua Beatitude Hieronimos, arcebispo de Atenas e de toda a Grécia e Papa Francisco», acedido a 24 de junho de 2025, [https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2016/april/documents/papa-francesco\\_20160416\\_lesvos-dichiarazione-congiunta.html](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2016/april/documents/papa-francesco_20160416_lesvos-dichiarazione-congiunta.html).

Pedimos paz, antes de tudo, para a amada Síria e o Iraque, para que cesse o fragor das armas e se restabeleça a convivência entre os diferentes grupos que compõem esses países. Que a comunidade internacional não permaneça inerte perante a imensa tragédia humanitária e o drama dos inúmeros refugiados<sup>164</sup>.

Ao renovar o meu apelo urgente à comunidade internacional para pôr fim à tragédia em curso, encorajo os organismos competentes das Nações Unidas — em particular os responsáveis pela segurança, pela paz e pela assistência aos refugiados — a prosseguir os seus esforços, em conformidade com a Carta das Nações Unidas<sup>165</sup>.

Esses apelos refletem o reconhecimento de que a crise migratória superou a capacidade de resposta das nações e exige ações coordenadas e solidárias em escala global.

Nas suas mensagens, o Papa também reconhece e valoriza o trabalho de inúmeras pessoas e instituições, dentro e fora da Igreja, que se dedicam a defender a vida e a dignidade dos migrantes e refugiados, garantindo-lhes acolhida, proteção e acesso a direitos fundamentais. Com humildade, Francisco reconhece que, embora muitas organizações atuem com competência, a Igreja continua a ser uma das instituições mais presentes e comprometidas nas fronteiras do sofrimento humano — como afirmou ao se dirigir aos bispos do México, incentivando-os a permanecer próximos dos migrantes e de suas famílias<sup>166</sup>.

Por trás dessas ideias e apelos está o testemunho pessoal de Francisco: o desejo de uma Igreja pobre para os pobres, atenta aos sinais dos tempos, comprometida em enfrentar as causas estruturais da pobreza e do deslocamento forçado, e que reconhece nos migrantes e refugiados a «carne de Cristo». Uma Igreja que atua como hospital de campanha, pronta para curar os feridos da história; que se recusa a permanecer indiferente diante da morte de milhares; que denuncia a cultura do descarte e trabalha para instaurar uma cultura do encontro e da solidariedade global, colocando o bem comum no centro da ação pastoral e política.

---

<sup>164</sup> Francisco, «Mensagem ‘Urbi et Orbi’ de Páscoa», acedido a 24 de junho de 2025, [https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/urbi/documents/papa-francesco\\_20150405\\_urbi-et-orbi-pasqua.html](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/urbi/documents/papa-francesco_20150405_urbi-et-orbi-pasqua.html).

<sup>165</sup> Francisco, «Carta ao Secretário-Geral da ONU sobre a situação do norte de Iraque», acedido a 24 de junho de 2025, [https://www.vatican.va/content/francesco/pt/letters/2014/documents/papa-francesco\\_20140809\\_lettera-ban-ki-moon-iraq.html](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/letters/2014/documents/papa-francesco_20140809_lettera-ban-ki-moon-iraq.html).

<sup>166</sup> Francisco, «Discurso aos participantes no encontro promovido pelo Pontifício Conselho ‘Cor Unum’», acedido a 24 de junho de 2025, [https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2015/september/documents/papa-francesco\\_20150917\\_cor-unum.html](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2015/september/documents/papa-francesco_20150917_cor-unum.html).

O gesto de Francisco ao levar consigo três famílias sírias muçulmanas de Lesbos para Roma é profundamente simbólico: além de prestar ajuda concreta e imediata, o Papa quis oferecer um sinal visível de esperança e de responsabilidade partilhada. Seu gesto é um convite para que outros líderes, instituições e cidadãos façam o mesmo — acolhendo, apoiando e integrando famílias deslocadas pela guerra e pela fome.

No fundo, a credibilidade moral e espiritual do pontificado de Francisco nasce precisamente dessa coerência entre palavra e gesto. Ele é um papa que une humanidade e firmeza, que transita com naturalidade entre o campo político, o ecumênico e o pastoral, e que fala ao coração do mundo com simplicidade e autoridade moral. Um líder espiritual que não apenas anuncia a Boa Nova, mas a encarna concretamente na sua ação em favor da dignidade de cada ser humano.

### **Capítulo 3 – A ação pastoral junto dos migrantes e refugiados: contextos, eixos e critérios**

O presente capítulo visa aprofundar a nossa reflexão sobre os eixos e critérios de ação pastoral junto de migrantes e refugiados. Inspirado pelo modelo pastoral do Papa Francisco, especialmente nas dimensões do discernimento, da proximidade e da misericórdia, o capítulo propõe uma leitura teológico-pastoral que integra fé e justiça, espiritualidade e ação transformadora.

Adicionalmente, são apresentadas propostas para uma ação pastoral em comunhão com os migrantes e refugiados, enfatizando a importância da pastoral urbana como um espaço privilegiado de encontro, escuta e integração intercultural. Por fim, são sugeridas ações pastorais concretas que possam fortalecer uma presença eclesial comprometida, compassiva e profética junto daqueles que se veem forçados a deixar a sua terra.

#### **3.1. Os migrantes e refugiados: uma pastoral contextualizada**

As lógicas de ação pastoral exigem um enorme esforço de contextualização, já que a ação não pode ser pensada fora das condições que a permitem, nem pode alienar os intervenientes. Assim, nesta secção apresenta-se uma breve caracterização da ação pastoral no contexto urbano e a leitura de um «caso», que facilita uma reflexão teológica ancorada no devir social e eclesial.

##### **3.1.1. O contexto da pastoral urbana**

A pastoral urbana<sup>167</sup> adquiriu novas dimensões nos últimos anos, em resultado das crescentes complexidades da migração e dos desafios enfrentados pelos refugiados. O Papa Francisco, um defensor da justiça social e um ativista das populações marginalizadas, apelou a uma resposta compassiva e proativa à situação dos migrantes e refugiados, especialmente em ambientes urbanos.

Os ensinamentos transmitidos enfatizam o apelo do Evangelho à solidariedade, à dignidade e à inclusão, exortando a Igreja e a sociedade a abraçar estas comunidades vulneráveis com corações abertos e soluções práticas. O presente ensaio explora a visão do Papa Francisco para a pastoral urbana com migrantes e refugiados, centrando-se em

---

<sup>167</sup> Cf. Tiago Freitas, *A Igreja regressa à cidade* (Prior Velho: Paulinas Editora, 2025), 11-29.

temas-chave como o acolhimento, a proteção, a promoção e a integração destes indivíduos no tecido da vida urbana<sup>168</sup>.

Os seus ensinamentos enfatizam o apelo do Evangelho à solidariedade, à dignidade e à inclusão, exortando a Igreja e a sociedade a abraçar estas comunidades vulneráveis com corações abertos e soluções práticas. Este ensaio explora a visão do Papa Francisco para a pastoral urbana com migrantes e refugiados, centrando-se em temas-chave como o acolhimento, a proteção, a promoção e a integração destes indivíduos no tecido da vida urbana<sup>169</sup>.

As áreas urbanas constituem, frequentemente, o principal destino dos migrantes e refugiados que procuram segurança, oportunidades ou um novo início e novos cenários<sup>170</sup>. Contudo, as cidades também podem ser locais de alienação, exploração e negligência para os recém-chegados. Os migrantes e refugiados enfrentam, com frequência, barreiras linguísticas, culturais e sistémicas que dificultam a sua integração e o acesso a serviços essenciais. Neste contexto desafiante, o Papa Francisco enquadra o papel da Igreja como um papel de acompanhamento e defesa. O autor defende que as cidades não devem ser meramente locais de poder económico ou político, mas também «oficinas de solidariedade», onde os marginalizados podem encontrar comunidade e apoio<sup>171</sup>.

A centralidade da temática do acolhimento do estrangeiro, conforme mandatado na Bíblia, é evidenciada pela posição do Papa Francisco. Com base em passagens como Mateus 25:35, «Eu era estrangeiro e tu acolheste-me», o autor defende a ideia de que os cristãos devem identificar Cristo em cada migrante e refugiado. A instituição eclesial é repetidamente desafiada a criar espaços de hospitalidade, tanto físicos como espirituais, onde estes indivíduos se sintam seguros e valorizados<sup>172</sup>. Para tal, é imperativo

---

<sup>168</sup> Cf. Carlos Galli, *Dios vive en la ciudad: hacia una nueva pastoral urbana a la luz de Aparecida y del proyecto misionero de Francisco* (Buenos Aires: Herder, 2014), 213.

<sup>169</sup> Cf. Carlos Galli, *Dios vive en la ciudad*, 214.

<sup>170</sup> Cf. Andrea Riccardi, *Periferias: crise e novidade para a Igreja* (Cascais: Princípia Editora, 2019), 11-15.

<sup>171</sup> Cf. Stanley Hauerwas, *In Good Company: The Church as Polis* (Notre Dame: University of Notre Dame Press, 1995), 15.

<sup>172</sup> Cf. Solange Maria do Carmo e Moisés Sbardelotto, «Novas configurações dos sujeitos urbanos» em *Pastoral Urbana: práticas e desafios*, ed. Carlos Alberto Motta Cunha e Solange Maria do Carmo (São Paulo: Paulus, 2024), 101-112.

desmantelar a xenofobia e a indiferença que frequentemente permeiam as sociedades urbanas.

Na sua exortação apostólica *Evangelii gaudium* e no documento *Fratelli tutti*, o Papa Francisco apela a uma «cultura do encontro» como antídoto para a exclusão e a divisão. A pastoral urbana deve, portanto, atribuir prioridade ao diálogo e à colaboração, fomentando relações que preencham as lacunas entre as comunidades nativas e os recém-chegados. Para Francisco, o acolhimento não se esgota num ato de caridade, mas reconhece-se como inerente à dignidade humana.

O Papa Francisco também sublinha a importância de proteger os migrantes e os refugiados contra os perigos. Muitos destes indivíduos procuram refúgio da guerra, da perseguição ou da pobreza extrema, contudo, acabam por se confrontar com novos perigos nos ambientes urbanos, tais como o tráfico, a exploração ou o abuso. A prestação de cuidados pastorais efetivos deve abranger tanto as necessidades físicas imediatas como a segurança a longo prazo.

Neste caso, a intervenção da Igreja é dupla: por um lado, consiste em fornecer apoio direto e, por outro, em promover uma transformação sistémica. Segundo Francisco, as paróquias urbanas podem atuar como santuários onde os migrantes obtêm alimentos, abrigo e assistência jurídica. Simultaneamente, a Igreja deve atuar como uma voz profética, pronunciando-se contra políticas ou práticas que ponham em perigo os direitos humanos e a dignidade. A mensagem do Papa Francisco é clara: a proteção não é uma opção, mas um imperativo moral enraizado na justiça e na misericórdia.

Para além das necessidades imediatas, encara a pastoral urbana como um meio de capacitar os migrantes e os refugiados para prosperarem<sup>173</sup>. Esta premissa implica a disponibilização de educação, formação profissional e oportunidades de crescimento pessoal e espiritual. O autor sublinha que os migrantes e os refugiados não devem ser considerados como meros recetores de ajuda, mas sim como agentes ativos no contexto da promoção do bem comum.

O Sumo Pontífice destaca repetidamente o contributo inestimável dos migrantes para o enriquecimento das comunidades que os acolhem. Em contextos urbanos, estes espaços podem contribuir para a diversificação cultural, o fortalecimento das economias

---

<sup>173</sup> Cf. Andrea Riccardi, *Periferias: crise e novidade para a Igreja*, 55-59.

locais e a revitalização dos bairros<sup>174</sup>. A instituição eclesiástica deve criar vias para tais contribuições, garantindo que os migrantes e os refugiados sejam inteiramente integrados na vida social, cultural e económica da cidade.

A integração, o derradeiro pilar da abordagem do Papa Francisco, é simultaneamente um objetivo e um processo. A integração não implica a assimilação ou a perda de identidade cultural, mas sim um enriquecimento mútuo, no qual tanto os migrantes como as comunidades de acolhimento são transformados para melhor. Para Francisco, a integração representa uma realidade teológica e prática que reflete a unidade do Corpo de Cristo.

No contexto da pastoral urbana, a integração requer esforços deliberados para fomentar a inclusão em todas as dimensões: social, económica, política e espiritual<sup>175</sup>. As paróquias e as dioceses podem desempenhar um papel fundamental, através da disponibilização de aulas de línguas, orientação cultural e diálogo inter-religioso<sup>176</sup>. Ademais, as celebrações litúrgicas podem converter-se em espaços de culto partilhado, refletindo as diversas origens dos paroquianos.

As paróquias urbanas encontram-se no epicentro desta missão<sup>177</sup>. Frequentemente, estas entidades representam os primeiros pontos de contacto para os migrantes e refugiados que procuram assistência ou comunidade. O Papa Francisco concebe as paróquias como «hospitais de campanha», locais de cura e esperança onde os marginalizados se sentem acompanhados e apoiados. O Papa também sublinha a importância da colaboração com outras tradições religiosas, com a sociedade civil e com os governos locais para responder eficazmente às necessidades complexas destas populações.

As comunidades religiosas e as organizações leigas, inspiradas pelos ensinamentos de Francisco, são exortadas a adotarem medidas criativas e ousadas nos seus contextos urbanos<sup>178</sup>. Os programas que promovem a interação entre residentes de longa data e recém-chegados, por exemplo, têm o potencial de desconstruir estereótipos

---

<sup>174</sup> Cf. Alzirinha Souza, «Evangelização em contexto urbano: chaves permanentes para o desafio de uma pastoral em saída» em *Pastoral Urbana: práticas e desafios*, 113-124.

<sup>175</sup> Cf. Miguel Debiasi, *Reinvenção da Igreja no mundo urbano* (São Paulo: Paulus, 2023), 31-49.

<sup>176</sup> Cf. Alfredo José Gonçalves, «Atención pastoral de migrantes» em *Interculturalidad en la vida y en la misión*, ed. Lazar T. Stanislaus e Martin Ueffing (Estella: Editorial Verbo Divino, 2017), 495-514.

<sup>177</sup> Cf. António Rego, *Deus na cidade* (Apelação: Paulus, 2003), 6.

<sup>178</sup> Cf. Jean Richard e Rosana Manzini, «Pastoral urbana: a Igreja chamada ser sal da terra e luz no mundo em urbanização» em *Pastoral Urbana: práticas e desafios*, 57-76.

e fomentar a compreensão mútua. Ademais, as dioceses urbanas podem assumir uma posição de liderança na promoção de políticas habitacionais justas, garantindo o acesso equitativo aos serviços de saúde e facilitando o acesso à cidadania para migrantes e refugiados.

A abordagem do Papa Francisco à pastoral urbana com migrantes e refugiados constitui um apelo profundo à ação por parte da Igreja e da sociedade. Enraizada no Evangelho e informada pelas realidades da migração moderna, a comunidade eclesial desafia os indivíduos e as comunidades a responderem com generosidade, coragem e esperança. O acolhimento, proteção, promoção e integração de migrantes e refugiados por parte da pastoral urbana pode transformar as cidades em espaços de encontro e fraternidade, onde cada pessoa é valorizada como filho de Deus<sup>179</sup>. A visão do Papa Francisco não se cinge a uma resposta a uma crise global, constituindo-se também como um testemunho do poder duradouro da fé e do amor na construção de um mundo mais justo e inclusivo.

### **3.1.2. Serviço Jesuíta aos Refugiados: perspectivas sobre um «caso»**

O Serviço Jesuíta aos Refugiados (JRS)<sup>180</sup> é uma organização não governamental de cariz humanitário, de orientação católica, fundada pela Companhia de Jesus, também denominada Jesuítas, que visa apoiar refugiados, pessoas deslocadas e requerentes de asilo em todo o mundo. A instituição foi fundada em 1980, emergindo como uma resposta ao aumento exponencial de indivíduos forçados a fugir de seus lares em consequência de conflitos, perseguições e violações de direitos humanos.

JRS foi fundado pelo Padre Pedro Arrupe, o Superior Geral dos Jesuítas na altura, na sequência da Guerra do Vietname e da situação dos refugiados que fugiam do Sudeste Asiático, especialmente do Vietname, Laos e Camboja. Em 1979, o Padre Arrupe foi testemunha do enorme sofrimento das pessoas deslocadas e identificou uma necessidade urgente de ação humanitária, fundamentada na missão jesuíta de justiça e serviço aos outros. Foi realizada uma apelação aos Jesuítas de todo o mundo, solicitando a sua ajuda

---

<sup>179</sup> Cf. Patrick Kofi Kodom, «Migrants and Their Potentials» em *Missionary Disciples in Global Contexts*, ed. Lazar T. Stanislaus e VanThanh Nguyen (Siegburg: Franz Schmitt Verlag, 2018), 239-246.

<sup>180</sup> Todas as informações pertinentes sobre a organização e as notícias atualizadas e os relatórios dos seus membros e beneficiários se encontram no website oficial: <https://jrs.net/en/home/>

para enfrentar a crise. Em resposta, o JRS foi oficialmente estabelecido a 14 de novembro de 1980, com a missão de servir, acompanhar e defender os refugiados.

Em Portugal, a criação do JRS ocorreu em 1992, tendo como objetivo principal a prestação de uma variedade de serviços aos imigrantes forçados. Estes serviços incluem apoio social, apoio psicológico, apoio médico, apoio jurídico, integração profissional, cursos de língua portuguesa e abrigo para imigrantes sem-abrigo. O JRS Portugal acompanha igualmente imigrantes detidos pelo Estado, mais concretamente na Unidade de Alojamento de Santo António.<sup>181</sup>

O JRS fundamenta-se em três pilares: acompanhamento, serviço e advocacia. Os princípios em questão revestem-se de uma importância fundamental para a missão da organização, que consiste em fornecer não só assistência material aos refugiados, mas também apoio psicológico e espiritual, de modo a contribuir para a cura, reconstrução e recuperação da esperança das pessoas.

O acompanhamento implica uma colaboração estreita entre o JRS e os refugiados, assegurando a presença e o apoio contínuo nas atividades diárias. O serviço em apreço abarca a prestação de auxílio substancial, incluindo a provisão de alimentos, alojamento e cuidados de saúde. Além disso, incorpora serviços de caráter contínuo, tais como a educação e a formação profissional. A advocacia, enquanto campo de atuação jurídica, pressupõe a intervenção em políticas que protejam os direitos dos refugiados e abordem as causas fundamentais da deslocação.

A missão e os valores do JRS são orientados pelos ensinamentos sociais católicos, enfatizando a dignidade de cada pessoa humana e a importância da solidariedade com as comunidades marginalizadas.

À medida que a necessidade de assistência aos refugiados se intensificou durante as décadas de 1980 e 1990, o JRS experimentou um crescimento exponencial. A organização desenvolveu uma presença em zonas de conflito e áreas com grandes populações de refugiados, incluindo regiões em África, Ásia, América Latina e Europa.

Inicialmente, os programas centravam-se na prestação de ajuda e assistência de emergência, contudo, evoluíram para incluir serviços mais abrangentes, como educação,

---

<sup>181</sup> Cf. Serviço Jesuíta aos Refugiados, «About Us», acessado a 8 de setembro de 2025, <https://jrs.net/en/country/portugal/>.

aconselhamento e assistência jurídica, com o propósito de capacitar os refugiados para o futuro.

Ao longo da sua história, o JRS tem enfrentado desafios relacionados com a mudança da demografia dos refugiados, o aumento dos conflitos e políticas governamentais mais rigorosas em matéria de imigração e asilo. Em resposta à crise dos refugiados sírios, que teve início em 2011, o JRS procedeu ao aumento exponencial dos seus serviços no Médio Oriente e na Europa, com o objetivo de acomodar o elevado número de pessoas que necessitavam de apoio. A pandemia da doença causada pelo vírus SARS-CoV-2 (covid-19) também obrigou o JRS a uma adaptação, com a implementação de programas de aprendizagem remota para a educação e o aumento do apoio à saúde e ao saneamento nos campos de refugiados.

Atualmente, o JRS encontra-se ativo em mais de 50 países, prestando assistência a cerca de 800.000 refugiados anualmente. Os esforços continuam a ser canalizados para a prestação de soluções sustentáveis, com o intuito de facilitar a integração dos refugiados nas comunidades de acolhimento ou o seu regresso em segurança aos respetivos países de origem. O trabalho do JRS mantém-se alinhado com a sua missão de acompanhar, servir e defender as pessoas deslocadas, atribuindo prioridade à dignidade e aos direitos de cada indivíduo.

O Serviço Jesuíta aos Refugiados (JRS) é uma organização que se destaca não só pela sua ajuda humanitária, mas também pelo seu empenho em acompanhar os refugiados nas suas viagens, encarnando um espírito de solidariedade e compaixão que tem marcado o seu legado durante mais de quatro décadas.

### **3.2. Eixos de ação pastoral**

O Papa Francisco tem assumido uma posição de destaque no que diz respeito à necessidade de uma resposta humanitária aos migrantes e refugiados, instando a Igreja Católica a adotar uma postura de compreensão, apoio e ações concretas, fundamentadas nos princípios do Evangelho. A abordagem adotada enfatiza a dignidade, a integração e a solidariedade, com um enfoque em quatro princípios orientadores: acolhimento, proteção, promoção e integração.

A proposta pastoral em apreço, inspirada nos seus ensinamentos, visa orientar as comunidades católicas na prestação de cuidados a migrantes e refugiados, promovendo

uma ação evangelizadora que una fé e compromisso social. Com base nos princípios da dignidade humana, da solidariedade e da acolhida fraterna, esta iniciativa visa sensibilizar os fiéis para os desafios enfrentados por estas populações vulneráveis, incentivando a criação de redes de apoio que proporcionem não apenas assistência material, mas também acompanhamento espiritual e integração comunitária. Desta forma, pretende-se que as comunidades se tornem espaços de hospitalidade e esperança, refletindo concretamente o amor de Cristo por todos, especialmente pelos que se encontram em situação de deslocamento e sofrimento.

Em 2017, o Papa Francisco introduziu o presente quadro com o intuito de orientar a Igreja e a comunidade internacional quanto à resposta às necessidades dos migrantes e refugiados<sup>182</sup>:

**Acolher:** criar vias legais, seguras e acessíveis para a migração, em vez de forçar as pessoas a recorrer a rotas perigosas. Este princípio enfatiza a necessidade de uma abordagem humanizada e segura no acolhimento dos migrantes, assegurando o acesso a vias legais e acessíveis que lhes permitam mudar de país sem incorrer em riscos desnecessários. Frequentemente, na ausência de alternativas legais, os migrantes são compelidos a utilizar rotas perigosas, enfrentando exploração, violência ou até mesmo a morte. A criação de vias seguras implica o reconhecimento do direito de cada indivíduo de procurar uma vida melhor e a garantia de que esse processo ocorra com respeito, dignidade e proteção, tanto para os migrantes como para os países que os acolhem.

**Proteger:** assegurar que os direitos dos migrantes sejam respeitados e que eles sejam protegidos da exploração, do tráfico humano e da violência. Este princípio implica que os países e a sociedade devem garantir a segurança e a dignidade dos migrantes, reconhecendo que estes possuem os mesmos direitos humanos dos demais cidadãos. O termo “proteger” é utilizado para designar a criação de leis, políticas e ações que visem evitar abusos, tais como a exploração no trabalho, o tráfico de pessoas, a discriminação ou a violência. Além disso, é imprescindível proporcionar apoio e acesso à justiça, de modo a garantir que os migrantes possam viver sem temor e usufruir de oportunidades equitativas. Em suma, a proteção implica a salvaguarda da vida e dos direitos humanos, bem como o tratamento digno e compassivo de todos os migrantes.

---

<sup>182</sup> Cf. Francisco, «Mensagem para o Dia Mundial do Migrante e do Refugiado 2017».

**Promover:** trabalhar para garantir que os migrantes tenham acesso a oportunidades que lhes permitam desenvolver-se e contribuir de forma significativa para as suas novas comunidades. Este princípio implica que é fundamental disponibilizar aos migrantes as condições necessárias para o seu desenvolvimento e integração plena na sociedade. O termo “promover” implica a criação de oportunidades reais, tais como o acesso à educação, ao trabalho digno, à saúde e à participação social, de modo a permitir o desenvolvimento das capacidades e talentos individuais. O apoio concedido aos migrantes tem um impacto positivo não só nas suas próprias vidas, como também nas comunidades que os acolhem. Este impacto é caracterizado pelo enriquecimento cultural, pela introdução de novas ideias e pela valorização da força de trabalho. Em suma, promover implica valorizar o potencial de cada pessoa migrante e ajudá-la a integrar-se de forma ativa e construtiva na sociedade.

**Integrar:** apoiar a integração a longo prazo, promover a compreensão mútua e incentivar o intercâmbio cultural. Este princípio enfatiza a importância de proporcionar aos migrantes um sentimento de pertença na nova sociedade, não apenas no momento da chegada, mas também durante todo o processo de adaptação. A integração social, económica e cultural constitui um imperativo para a promoção da participação ativa dos imigrantes na vida da comunidade que os acolhe, fomentando o seu envolvimento contínuo no processo de aprendizagem e de contribuição para a sociedade. Este processo implica a promoção da compreensão mútua, ou seja, o incentivo tanto aos migrantes como aos habitantes locais para que conheçam e respeitem as diferenças, construindo relações baseadas no diálogo e na empatia. Adicionalmente, o princípio da integração valoriza o intercâmbio cultural, na medida em que cada cultura proporciona um contributo único que pode enriquecer a convivência e fortalecer a união social. Deste modo, a integração consiste na transformação da diversidade numa força unificadora, em vez de uma força separadora.

Destes quatro verbos conjugados, nascem os eixos principais que são enumerados e elaborados como propostas pastorais para com os migrantes e refugiados.

#### a) Desenvolver comunidades acolhedoras

As paróquias e organizações católicas devem promover ambientes onde os migrantes se sintam acolhidos, seguros e respeitados<sup>183</sup>. Este princípio abrange a hospitalidade prática, que inclui a prestação de auxílio nas necessidades básicas, tais como abrigo, alimentação e vestuário, especialmente para as famílias recém-chegadas.

É evidente que o desenvolvimento de comunidades acolhedoras não se esgota na provisão de assistência material<sup>184</sup>. De facto, o processo em apreço envolve a construção de uma cultura autêntica de encontro, na qual cada indivíduo é reconhecido na sua dignidade e integrado na vida comunitária.

Quando as paróquias e organizações de inspiração católica assumem este compromisso, fortalecem os laços de solidariedade, promovem a inclusão e testemunham concretamente os valores do Evangelho. Desta forma, o acolhimento transforma-se num caminho de comunhão, no qual tanto o sujeito que acolhe como o sujeito acolhido experimentam o amor de Deus de forma viva e transformadora.

#### b) Formação cultural e apoio linguístico

Oferecer aulas de línguas, orientação cultural e assistência na tradução para ajudar os migrantes e refugiados a orientarem-se no seu novo ambiente<sup>185</sup>. Esta abordagem visa proporcionar uma experiência inclusiva e valorizadora desde o primeiro momento de contacto.

A formação cultural e o apoio linguístico são componentes fundamentais para assegurar uma integração verdadeira e digna dos migrantes e refugiados. Ao facultar oportunidades de aprendizagem linguística e de compreensão dos costumes locais, as comunidades contribuem para a superação de barreiras de comunicação e para a participação ativa das pessoas na sociedade que as acolhe.

Ademais, este processo evidencia respeito e valorização pela identidade do indivíduo, promovendo um sentimento de pertença e confiança recíproca. Neste sentido,

---

<sup>183</sup> Cf. Joachim Andrade, «Pastoral da Acolhida e da Missão: ir ao encontro de migrantes e refugiados» em *Migrações, refúgio e comunidade cristã: reflexões pastorais para a formação de agentes*, ed. Carmem Lussi e Roberto Marinucci (São Paulo: Paulus, 2018), 129-140.

<sup>184</sup> Cf. Marileda Baggio, «A acolhida do migrante como paradigma da Igreja sempre reformanda» em *Migrações, refúgio e comunidade cristã: Reflexões pastorais para a formação de agentes*, 99-112.

<sup>185</sup> Cf. Gemma Tulud Cruz, *An Intercultural Theology of Migration: Pilgrims in the Wilderness* (Leiden: Brill, 2010), 13-32.

a aprendizagem pode ser concebida como um ato de acolhimento e solidariedade, que se revela fundamental para o desenvolvimento de relações humanas mais justas e fraternas.

c) Envolver os leigos e os voluntários

Formar os membros da paróquia e os voluntários para que se envolvam nos esforços de acolhimento, oferecendo amizade e apoio prático à integração dos migrantes e refugiados na comunidade local<sup>186</sup>.

A inclusão de indivíduos não especialistas e participantes voluntários é fundamental para que o acolhimento de migrantes e refugiados se transforme numa intervenção coletiva sustentável e duradoura. Quando os indivíduos que compõem a paróquia são devidamente formados e incentivados a participar, o acolhimento deixa de ser meramente uma responsabilidade institucional e passa a constituir uma manifestação concreta da fé e da fraternidade cristã. Através da amizade, do apoio prático e da partilha de experiências, estabelece-se uma rede de solidariedade que facilita a integração dos recém-chegados e enriquece a própria comunidade, tornando-a mais humana, aberta e comprometida com o Evangelho.

d) Assistência jurídica e administrativa

Prestar apoio aos migrantes e refugiados no que diz respeito à documentação legal e aos processos de imigração<sup>187</sup>. A instituição eclesial pode estabelecer parcerias com organizações de assistência jurídica ou criar as suas próprias estruturas de apoio para orientar os indivíduos através dos complexos sistemas jurídicos e de imigração.

A assistência jurídica e administrativa configura-se como uma expressão concreta da caridade cristã e da tutela da dignidade humana. Muitos migrantes e refugiados enfrentam sistemas legais complexos e, na ausência de orientação adequada, correm o risco de exclusão ou exploração.

A disponibilização de apoio por parte da Igreja configura-se como um autêntico símbolo de justiça e misericórdia, contribuindo para o exercício dos direitos e a construção de uma vida estável no novo país. Esta ação não só facilita a integração, como

---

<sup>186</sup> Cf. Pierette Hondagneu-Sotelo, *God's Heart Has No Borders: How Religious Activists Are Working for Immigrant Rights* (Berkeley, CA: University of California Press, 2008), 1-26.

<sup>187</sup> Cf. Paolo Parise e José Carlos Pereira, «Pastoral da caridade e compromisso pelos direitos humanos das pessoas em mobilidade» em *Migrações, refúgio e comunidade cristã: reflexões pastorais para a formação de agentes*, ed. Carmem Lussi e Roberto Marinucci (São Paulo: Paulus, 2018), 151-162.

também atesta o compromisso da comunidade cristã com a promoção do bem comum e da solidariedade entre os povos.

#### e) Defesa dos direitos

A Igreja deve ser uma defensora ativa dos direitos dos migrantes, promovendo políticas que protejam as populações vulneráveis da exploração, do tráfico ou do tratamento injusto<sup>188</sup>.

O Papa Francisco tem vindo a enfatizar a necessidade de se conceder uma voz aos migrantes e de se implementar políticas que priorizem a sua dignidade e segurança. A defesa dos direitos dos migrantes é compreendida como uma expressão fundamental da missão da Igreja no mundo contemporâneo. A condição de cristão pressupõe a abstenção de uma atitude de indiferença perante as injustiças, impondo-se, em contrapartida, a assunção de uma postura ativa em prol dos mais desfavorecidos.

Quando a Igreja se manifesta em prol dos migrantes, promovendo políticas que assegurem a sua dignidade e segurança, está a concretizar o mandamento do amor ao próximo e a reafirmar o valor inalienável de cada vida humana. Tal como o Papa Francisco sustenta, outorgar expressão aos migrantes equivale a reconhecer neles a imagem de Cristo, estimulando a criação de uma sociedade mais equitativa, fraterna e altruísta.

#### f) Criar espaços seguros

Estabelecer programas nas paróquias e dioceses que ofereçam apoio psicológico e traumático, especialmente para aqueles que fogem da guerra, da violência e da perseguição<sup>189</sup>. Espaços seguros para aconselhamento, reuniões comunitárias e reflexão podem proporcionar a cura e auxiliar na reconstrução da confiança.

A criação de espaços seguros emerge como uma necessidade premente e uma prática intrínseca à natureza humana e cristã. Um número considerável de indivíduos que se deslocam até às nossas comunidades manifesta feridas invisíveis, resultantes do medo, da perda e da dor. A disponibilização de um ambiente de escuta, compreensão e apoio

---

<sup>188</sup> Cf. Gemma Tulud Cruz, *Toward a Theology of Migration: Social Justice and Religious Experience* (New York: Palgrave Macmillan, 2014), 53-76.

<sup>189</sup> Cf. John P. Wilson & Boris Drozdek, eds., *Broken Spirits: The Treatment of Traumatized Asylum Seekers, Refugees and War and Torture Victims* (London: Routledge, 2004), 5-10.

psicológico constitui uma forma concreta de lhes restituir a esperança e o sentido de pertença.

Os espaços em apreço devem transcender a mera localização física, erigindo-se como ambientes de confiança, onde cada indivíduo se sinta valorizado e livre para partilhar a sua narrativa pessoal. A hipótese que se formula é que, ao fomentar o acolhimento emocional e espiritual, a Igreja contribui para o processo de cura interior dos migrantes e refugiados, auxiliando-os na reconstrução das suas vidas com dignidade e fé.

#### g) Apoio à educação e ao emprego

Disponibilização de recursos e programas que auxiliem os migrantes e refugiados na aquisição de competências, na conclusão dos seus estudos e na inserção no mercado de trabalho. O Papa Francisco concebe a educação como um meio para a dignidade e a autossuficiência, que se revelam vitais para a integração social<sup>190</sup>.

Compreende-se que o apoio à educação e ao emprego se apresenta como um elemento fundamental para que os migrantes e refugiados possam reconstruir as suas vidas com dignidade e autonomia, de acordo com as recomendações da literatura especializada. Através da formação e do acesso a oportunidades de trabalho, não só garantem o seu próprio sustento e o das suas famílias, como também contribuem ativamente para a sociedade que os acolhe.

A educação é concebida como um meio poderoso de transformação, com a capacidade de restaurar a esperança e de abrir caminhos para um futuro melhor. Inspirado pelo pensamento do Papa Francisco, compreende-se que a promoção da educação e do emprego constitui igualmente a promoção da dignidade humana e a promoção de uma integração fundamentada no respeito, na valorização e na partilha de talentos.

---

<sup>190</sup> Cf. Paolo Parise e José Carlos Pereira, «Pastoral da caridade e compromisso pelos direitos humanos das pessoas em mobilidade» em *Migrações, refúgio e comunidade cristã: reflexões pastorais para a formação de agentes*, 151-162.

#### h) Capacitação através da formação profissional

A oferta de formação profissional e de programas de colocação profissional auxilia os migrantes e refugiados na construção de uma vida sustentável, estabelecendo uma ponte para a autossuficiência e reduzindo a dependência da ajuda externa<sup>191</sup>.

A formação profissional emerge como um elemento crucial para fomentar a verdadeira integração e autonomia dos migrantes e refugiados. Quando lhes são proporcionadas oportunidades de adquirir conhecimentos práticos, desenvolver novas competências e aplicar os seus talentos, estas pessoas desenvolvem confiança e sentem-se valorizadas.

Ademais, a formação profissional proporciona oportunidades de emprego digno e estável, promovendo a autonomia e a participação na sociedade. Defende-se a tese de que o investimento em capacitação representa um investimento na dignidade humana, na medida em que proporciona não apenas meios de subsistência, mas também esperança, reconhecimento e um novo sentido de pertença à comunidade.

#### i) Formação espiritual e pastoral

Desenvolver programas que alimentem o crescimento espiritual dos migrantes e refugiados, respeitando as suas diversas origens<sup>192</sup>. As paróquias podem proporcionar celebrações litúrgicas em diversas línguas, fomentar a formação de grupos de oração para migrantes e celebrar a diversidade cultural no seio da comunidade eclesial.

A formação espiritual e pastoral é fundamental para fortalecer a fé e o sentido de pertença dos migrantes e refugiados dentro da comunidade cristã<sup>193</sup>. A disponibilização de locais de oração, celebrações e liturgias que respeitem a diversidade cultural e linguística é fundamental para a afirmação da universalidade e inclusividade da Igreja.

Esta abordagem pastoral não apenas promove o enriquecimento espiritual, mas também estabelece laços de comunhão e respeito mútuo entre indivíduos de origens

---

<sup>191</sup> Cf. Agnes Brazal, «Cultural Rights of Migrants: A Philosophical and Theological Exploration» em *Intercultural Church: Bridge of Solidarity in the Migration Context*, ed. Agnes M. Brazal e Emmanuel S. de Guzman (USA: Borderless Press, 2015), 69-90.

<sup>192</sup> Cf. Jacqueline Maria Hagan, *Migration Miracle: Faith, Hope and Meaning on the Undocumented Journey* (Cambridge, MA: Harvard University Press, 2008), 82-113.

<sup>193</sup> Cf. Daniel G. Groody, «The Spirituality of Migrants: Mapping na Inner Geography» em *Contemporary Issues of Migration and Theology*, ed. Elaine Padilla e Peter C. Phan (New York: Palgrave Macmillan, 2013), 139-156.

diversas. Desta forma, é possível observar que a valorização da diversidade na fé promove o enriquecimento de toda a comunidade, tornando-a um reflexo mais autêntico do amor e da unidade que Cristo ensina.

j) Promover o diálogo intercultural

Incentivar o diálogo aberto entre os migrantes e as comunidades locais, ajudando ambos os grupos a partilhar experiências, a compreender as diferenças culturais e a construir o respeito mútuo<sup>194</sup>. O Papa Francisco acredita que a verdadeira integração exige esforços tanto dos migrantes como das comunidades de acolhimento.

A promoção do diálogo intercultural é, por conseguinte, fundamental para a construção de pontes de entendimento e harmonia entre os migrantes e as comunidades locais<sup>195</sup>. O encontro entre culturas distintas configura-se como uma oportunidade de crescimento mútuo, na qual cada parte pode adquirir conhecimentos, partilhar experiências e enriquecer-se mutuamente.

Tal como o Papa Francisco, sustenta-se que a integração verdadeira não decorre de forma unilateral, mas requer abertura, escuta e boa vontade por parte de ambos os lados. Quando o diálogo é cultivado com respeito e empatia, as diferenças são transmutadas em pontos de união, fortalecendo os laços comunitários e promovendo uma convivência baseada na fraternidade e no amor cristão<sup>196</sup>.

k) Incentivar eventos comunitários e a participação mútua

Organizar eventos que promovam a coesão da comunidade, como festivais culturais, serviços inter-religiosos e refeições partilhadas. Este facto contribui para que os migrantes se sintam parte integrante de uma comunidade mais vasta, enriquecendo a cultura local.

A noção de que o desenvolvimento de eventos comunitários e a participação mútua devem constituir uma prioridade nas paróquias e comunidades cristãs que aspiram a vivenciar autenticamente o espírito de acolhimento é fundamental. A realização destes

---

<sup>194</sup> Cf. Peter C. Phan, «The Experience of Migration as Source of Intercultural Theology» in *Contemporary Issues of Migration and Theology*, ed. Elaine Padilla e Peter C. Phan (New York: Palgrave Macmillan, 2013), 179-210.

<sup>195</sup> Cf. Gemma Tulud Cruz, *Toward a Theology of Migration: Social Justice and Religious Experience*, 105-126.

<sup>196</sup> Cf. Agnes Brazal e Emmanuel de Leon, «Bridge of Solidarity: Ministries in an Intercultural Church» em *Intercultural Church: Bridge of Solidarity in the Migration Context*, 135-162.

encontros possibilita a aproximação entre migrantes e habitantes locais, facilitando a partilha de experiências e o intercâmbio de conhecimentos.

Este processo possibilita a superação de preconceitos e a construção de laços de confiança, contribuindo para o fortalecimento da coesão social. Para além do fortalecimento dos laços humanos, estas atividades têm o efeito de tornar visível a beleza da diversidade, que é um reflexo da própria riqueza do corpo de Cristo. Nestes momentos, é possível identificar uma oportunidade de evangelização pela convivência, na qual o amor, o respeito e a solidariedade se manifestam como um testemunho vivo da fé cristã e um instrumento de unidade entre os povos.

#### l) Construir redes de apoio

Ligar os migrantes às redes de apoio locais, incluindo centros comunitários, prestadores de cuidados de saúde e instituições de ensino, para garantir que têm acesso a serviços essenciais e que estão integrados no tecido social da sua nova casa<sup>197</sup>.

A construção de redes de apoio é fundamental para garantir que os migrantes e refugiados possam desfrutar de uma vida com dignidade e segurança nas suas novas comunidades de acolhimento<sup>198</sup>. Ao estabelecer vínculos com serviços locais, tais como centros comunitários, instituições de ensino e sistemas de saúde, a Igreja e as organizações parceiras contribuem para a criação de uma infraestrutura sólida que facilita a integração social e o bem-estar dessas pessoas.

Estas redes podem ser equiparadas a infraestruturas de solidariedade, que não apenas suprem necessidades práticas, mas também fomentam o sentimento de pertença e inclusão. Neste sentido, o fortalecimento destas conexões requer uma abordagem holística, que visa não só a assistência material, mas também o apoio emocional e comunitário.

#### m) Colaborar com outras organizações

Estabelecer parcerias com ONG, agências governamentais e outras comunidades religiosas para aumentar os recursos e o impacto. A criação de uma coligação de

---

<sup>197</sup> Cf. Thomas Ogletree, *Hospitality to the Stranger: Dimensions of Moral Understanding* (Philadelphia: Fortress Press, 1985), 35-57.

<sup>198</sup> Cf. Roberto Marinucci, «Migrações, representações sociais e ação socio-pastoral» em *Migrações, refúgio e comunidade cristã: Reflexões pastorais para a formação de agentes*, ed. Carmem Lussi e Roberto Marinucci (São Paulo: Paulus, 2018), 23-36.

organizações por parte da Igreja permite a disponibilização de um sistema de apoio mais abrangente e eficaz aos migrantes<sup>199</sup>.

A colaboração com outras entidades constitui uma expressão concreta da unidade e da corresponsabilidade na missão de servir os mais vulneráveis. Quando a Igreja se associa a organizações não governamentais, instituições governamentais e outras comunidades religiosas, forma-se uma rede de solidariedade mais forte e abrangente, capaz de responder de forma mais eficaz às necessidades complexas dos migrantes e refugiados.

Esta colaboração permite a partilha de recursos, conhecimentos e experiências, evitando a duplicação de esforços e garantindo um apoio mais humano e coordenado. Esta atitude colaborativa reflete, provavelmente, o espírito do Evangelho, na medida em que demonstra que a preocupação com o próximo transcende fronteiras e pertenças institucionais, constituindo-se como uma responsabilidade partilhada, impulsionada pelo amor, pela justiça e pela procura do bem comum.

n) Promover a compreensão e a solidariedade no seio da paróquia

O Papa Francisco salienta a importância de educar os fiéis sobre a responsabilidade cristã de apoiar os migrantes<sup>200</sup>. A homilia, o estudo bíblico e a discussão comunitária podem ser utilizados como estratégias pedagógicas para relembrar aos católicos o apelo do Evangelho a amar e acolher o estrangeiro.

É imperativo fomentar a compreensão e a solidariedade no seio da paróquia, de modo que o acolhimento aos migrantes se torne parte integrante da prática cristã. A formação e a sensibilização dos fiéis contribuem para a transformação de atitudes e o desenvolvimento de uma consciência mais aberta e compassiva.

Quando a comunidade paroquial reflete, à luz do Evangelho, sobre o dever de amar e acolher o estrangeiro, nasce uma fé mais madura e comprometida com a justiça e a fraternidade. As homilias, os encontros de oração e os estudos bíblicos podem atuar como fontes de inspiração para a implementação de ações concretas de serviço e

---

<sup>199</sup> Cf. Gemma Tulud Cruz, *Toward a Theology of Migration: Social Justice and Religious Experience*, 13-32.

<sup>200</sup> Cf. Paulina Guzik, «Communicating migration – Pope Francis’ strategy of reframing refugee issues», *Church, Communication and Culture* 3, n. 2 (2018):106-135.

hospitalidade, contribuindo para a transformação da paróquia num verdadeiro espaço de comunhão e testemunho cristão. Desta forma, a solidariedade deixa de ser apenas uma ideia e passa a ser um estilo de vida que expressa o amor de Cristo no mundo.

o) Medir o impacto e adaptar-se

Avaliar regularmente a eficácia dos programas e adaptá-los para satisfazer as necessidades em evolução dos migrantes e refugiados<sup>201</sup>. O contributo dos próprios migrantes pode orientar este processo, garantindo que os esforços da Igreja permanecem pertinentes, respeitosos e com impacto.

A Igreja adota uma postura de atenção e discernimento contínuos no seu trabalho de apoio a migrantes e refugiados. A mensuração do impacto e a adaptação representam o reconhecimento de que as necessidades destas pessoas podem sofrer alterações ao longo do tempo e que as respostas pastorais e sociais devem evoluir em conformidade com essas transformações.

Através da avaliação regular e do diálogo com os próprios migrantes, é possível identificar o que está a funcionar bem e o que necessita de melhorias, garantindo que os programas sejam realmente eficazes e humanos. Esta prática reflete uma Igreja dinâmica e atenta, que aprende com a experiência e age com humildade e responsabilidade para servir melhor, permanecendo fiel à sua missão de acolher, proteger, promover e integrar.

p) A cultura do encontro

Esta proposta pastoral, baseada nos ensinamentos do Papa Francisco, tem como objetivo promover uma cultura do encontro em que a Igreja se torne uma casa para os migrantes e refugiados, integrando-os na vida da comunidade e respeitando a sua dignidade humana<sup>202</sup>.

Os princípios orientadores, nomeadamente acolher, proteger, promover e integrar, apelam à intervenção ativa da Igreja na vida das pessoas deslocadas, através da defesa de políticas justas e da encarnação do amor de Cristo em ação.

---

<sup>201</sup> Cf. Michele Pistone & John Hoeffner, *Stepping Out of the Brain Drain: Applying Catholic Social Teaching in a New Era of Migration* (Lanham, MD: Lexington Books, 2007), 29-74.

<sup>202</sup> Cf. Julio Martinez, *La cultura del encuentro* (Madrid: San Pablo, 2017), 18.

A cultura do encontro, inspirada nos ensinamentos do Papa Francisco, constitui uma proposta pastoral que incentiva a Igreja a transcender a sua realidade e a aproximar-se com ternura e compromisso daqueles que se encontram nas periferias, especialmente os migrantes e refugiados. Esta não é meramente uma atitude de acolhimento, mas antes uma expressão de uma forma de vida evangélica que reconhece a presença de Cristo no rosto do outro e promove a transformação das comunidades em espaços de comunhão, diálogo e esperança.

Ao acolher, proteger, promover e integrar, a Igreja concretiza o mandamento do amor e assume um papel profético na construção de uma sociedade mais justa e fraterna. Esta cultura do encontro requer uma atitude de abertura ao diálogo, o respeito pelas diferenças e a implementação de ações concretas que demonstrem solidariedade e inclusão. Desta forma, a Igreja transforma-se verdadeiramente numa «casa comum», onde todos, independentemente da sua origem, encontram um lugar de pertença, dignidade e fé partilhada.

### **3.3. Critérios de ação pastoral**

Depois de se identificarem os eixos de ação pastoral, é fundamental enumerar os critérios de ação para determinar os valores teológicos que enquadram os eixos no âmbito da teologia prática, e não apenas como teorias e ideias sobre a temática da teologia da migração.

Neste sonho de uma igreja em sínodo, apresentam-se alguns princípios orientadores que podem servir de bússola aos agentes pastorais no seu trabalho com migrantes e refugiados:

a) Acolhimento fraterno: inspirada na Sagrada Escritura, a Igreja deve ser um lar para todos, promovendo uma hospitalidade genuína.

O acolhimento fraterno constitui um princípio profundamente enraizado na Sagrada Escritura, que exorta a Igreja a funcionar como um verdadeiro lar para todos<sup>203</sup>. Inspirada pelo exemplo de Cristo, que acolhia indiscriminadamente, a comunidade cristã é chamada a abrir as portas e os corações, oferecendo escuta, compreensão e cuidado

---

<sup>203</sup> Cf. Marileida Baggio e Luiz Carlos Susin, «O clamor das migrações e o magistério da Igreja», *Ver. Inter. Mob. Hum.* 20, n. 39 (2012): 211-228.

sincero. Este acolhimento não se cinge à hospitalidade material, manifestando-se, sobretudo, na capacidade de reconhecer em cada pessoa a presença de Deus, valorizando a sua dignidade e história.

O acolhimento fraterno, para além de uma atitude de cortesia, consubstancia-se numa expressão concreta do amor cristão, contribuindo para a transformação da Igreja num espaço de comunhão e esperança<sup>204</sup>. A promoção de uma hospitalidade genuína implica a criação de um ambiente em que todos se sintam pertencentes e amados, especialmente os que sofrem, os marginalizados e os que procuram sentido para as suas vidas. Desta forma, a Igreja cumpre a sua função de atuar como um sinal vivo do Reino de Deus, constituindo-se como um espaço de encontro, reconciliação e paz.

b) Dignidade humana: todo migrante e refugiado possui uma dignidade inalienável que deve ser respeitada e promovida.

O princípio da dignidade humana estabelece que todos os migrantes e refugiados, independentemente da sua origem, cultura, religião ou condição social, são portadores de um valor inalienável, uma vez que foram criados à imagem e semelhança de Deus<sup>205</sup>. Esta dignidade não está dependente de documentos, estatuto legal ou aceitação social, tratando-se de um dom intrínseco que deve ser respeitado, protegido e promovido em todas as circunstâncias. A Igreja, à luz do Evangelho, é chamada a defender a vida e a integridade de cada pessoa, denunciando toda a forma de discriminação, exploração e indiferença que fere a dignidade dos mais vulneráveis.

A promoção da dignidade humana implica a criação de condições que permitam a reconstrução das vidas dos migrantes e dos refugiados de forma segura, justa e esperançosa<sup>206</sup>. Este processo implica a prestação de acolhimento, a integração e a disponibilização de oportunidades reais de participação social e comunitária, reconhecendo as contribuições individuais e valorizando as identidades culturais. Desta forma, a comunidade cristã emerge como um sinal do amor misericordioso de Deus,

---

<sup>204</sup> Cf. Ross Langmead, «Refugees as Guests and Hosts: Towards a Theology of Mission among Refugees and Asylum Seekers» em *Religion, Migration, and Identity: Methodological and Theological Explorations*, ed. Martha Frederiks e Dorottya Nagy (Boston: Brill, 2016), 171-188.

<sup>205</sup> Cf. Daniel G. Groody, «Crossing the Divide: Foundations of a Theology of Migration and Refugees», *Theological Studies* 70 (2009): 638-667.

<sup>206</sup> Cf. Gioacchino Campese, *Hacia una teología desde la realidad de las migraciones: métodos y desafíos* (Mexico: Sistema Universitario Jesuita, 2008), 55-94.

comprometida em construir uma sociedade mais fraterna, solidária e humana, onde ninguém é invisível ou descartado.

c) Justiça social e direitos humanos: defesa dos direitos dos migrantes, incluindo acesso à moradia, trabalho e educação<sup>207</sup>.

O princípio da justiça social e dos direitos humanos estabelece que todos os indivíduos, incluindo os migrantes e os refugiados, possuem o direito a condições de vida dignas, participação social e oportunidades de desenvolvimento integral<sup>208</sup>. Inspirada na Doutrina Social da Igreja, esta perspetiva reconhece que a justiça transcende a caridade individual, exigindo o compromisso com a transformação das estruturas que geram exclusão, desigualdade e sofrimento. A defesa dos direitos dos migrantes configura-se, portanto, como uma expressão concreta do amor cristão e da solidariedade, visando assegurar-lhes o acesso à habitação, trabalho digno, educação e saúde, como fundamentos para uma vida plena e autónoma.

A promoção da justiça social requer o reconhecimento dos migrantes como sujeitos de direitos, não se limitando a vê-los como meros recetores de ajuda. Esta expressão pode ser compreendida como o compromisso de promover políticas públicas inclusivas, de combater os preconceitos e de fomentar a integração social e cultural num ambiente de respeito mútuo<sup>209</sup>. Quando a Igreja e a sociedade se unem para garantir esses direitos, transformam-se em instrumentos do Reino de Deus, onde prevalecem a equidade, a fraternidade e a dignidade de todos os seres humanos.

e) Diálogo intercultural e inter-religioso: construção de pontes entre diferentes culturas e tradições religiosas<sup>210</sup>.

O princípio do diálogo intercultural e inter-religioso incentiva a construção de pontes entre povos, culturas e tradições de fé, reconhecendo na diversidade uma riqueza e não uma ameaça<sup>211</sup>. Inspirada pelo espírito evangélico de respeito e fraternidade, a

---

<sup>207</sup> Cf. Thomas Massaro, *Living Justice: Catholic Social Teaching in Action* (New York: Rowman & Littlefield Publishers, 2015), 10-15.

<sup>208</sup> Cf. Jorge E. Castillo Guerra, «Contributions of the Social Teaching of the Roman Catholic Church on Migration», *Exchange* 44, n. 4 (2015): 403-427.

<sup>209</sup> Cf. Christopher Magezi, «Migration crisis and the Church: A response to lacunae and considerations for Christian ministry engagement», *Verbum et Ecclesia* 38, n. 1 (2017): 1-9.

<sup>210</sup> Cf. Louis J. Luzbetak, *The Church and Cultures: New Perspectives in Missiological Anthropology* (New York: Orbis, 1988), 225-291.

<sup>211</sup> Cf. José Antunes da Silva, *Diálogo profético* (Fátima: Missionários do Verbo Divino, 2014), 123-183.

Igreja tem a responsabilidade de fomentar o encontro sincero e o mútuo entendimento entre diferentes expressões culturais e religiosas. Este diálogo não visa a uniformização, mas antes a promoção da comunhão na diversidade, concebendo um espaço no qual cada indivíduo tenha a possibilidade de expressar a sua identidade e, concomitantemente, se disponibilizar para a aquisição de conhecimento a partir da interação com os outros.

Viver o diálogo intercultural e inter-religioso significa cultivar atitudes de escuta, empatia e cooperação, favorecendo a paz e a convivência harmoniosa<sup>212</sup>. No âmbito das migrações, este princípio adquire uma importância acrescida, uma vez que o encontro entre diferentes povos pode originar tanto conflitos como oportunidades de crescimento humano e espiritual. Ao fomentar o respeito mútuo e a colaboração entre culturas e religiões, a Igreja testemunha o amor universal de Deus e contribui para a edificação de uma sociedade mais justa, solidária e pacífica<sup>213</sup>.

d) Sinodalidade: caminhar juntos, envolvendo toda a comunidade na missão de acolhida e integração<sup>214</sup>.

O princípio da sinodalidade expressa o chamado da Igreja a caminhar unida, como Povo de Deus que discerne, decide e age em comunhão<sup>215</sup>. Inspirada nas primeiras comunidades cristãs, a sinodalidade promove a participação ativa de todos os fiéis, leigos, religiosos e ministros ordenados, na missão e na vida da comunidade eclesial. No âmbito da acolhida e integração de migrantes e refugiados, este princípio implica que toda a comunidade é corresponsável pela criação de espaços de escuta, partilha e apoio, onde ninguém se sinta excluído ou esquecido.

A caminhada conjunta pressupõe o reconhecimento dos dons e das vozes de cada pessoa, atribuindo valor à contribuição dos migrantes como parte integrante da Igreja. A sinodalidade, portanto, não se apresenta apenas como um método de ação pastoral, mas antes como uma forma de ser Igreja: uma comunidade que acolhe, dialoga e constrói em

---

<sup>212</sup> Cf. Agnes Brazal e Emmanuel de Leon, «Mapping the Church on the Move» em *Intercultural Church: Bridge of Solidarity in the Migration Context*, 117-134.

<sup>213</sup> Cf. Roger Schroeder, «La interculturalidad como paradigma de misión» em *Interculturalidad en la vida y en la misión*, 417-438.

<sup>214</sup> Cf. Rafael Luciani, *Synodality: A New Way of Proceeding in the Church* (New York: Paulist Press, 2022), 12-15.

<sup>215</sup> Cf. Kristin M. Colberg e Jos Moons, *The Future of Synodality: How we move forward from here* (Minnesota: Liturgical Press, 2025), 9-38.

conjunto caminhos de fraternidade e inclusão<sup>216</sup>. Desta forma, o testemunho cristão adquire maior autenticidade e fidelidade ao Evangelho, revelando a verdadeira identidade de uma Igreja que se apresenta como uma casa a colhedora para todos.

---

<sup>216</sup> Cf. Timothy Radcliffe, *Listening Together: Meditations on Synodality* (Minnesota: Liturgical Press, 2024), 3-16.

## Conclusão

Em jeito de conclusão, é possível afirmar que o exemplo de Francisco convoca todos os batizados para a construção, em conjunto, de uma Igreja ministerial, samaritana e misericordiosa. A presente comunicação visa a recuperação da cultura da misericórdia, cujos gestos de amor e serviço são apresentados por Jesus através do exemplo do bom samaritano. Este, em última análise, consiste em amar a cada pessoa como o próprio Deus ama. A capacidade de se libertar de preconceitos, barreiras culturais, sociais e religiosas, de forma a acolher o outro na sua diferença, é uma competência que deve ser fomentada.

A dignidade inerente à condição humana e à filiação divina deve ser reconhecida e respeitada. Num contexto social fortemente marcado por uma postura de despreço pela misericórdia, é essencial que a comunidade cristã demonstre uma expressão mais pronunciada da força da fé, através de gestos de solidariedade e misericórdia para com aqueles que enfrentam dificuldades ao longo da história. Neste momento específico, esses rostos concretos são representados por milhares de migrantes e refugiados. Muitos deles são crianças, que cresceram afetadas pelo impacto da ganância e da indiferença humanas.

A análise da parábola do bom samaritano permite identificar um modelo moral da ação profética. Uma instituição eclesial estruturada em conformidade com os passos delineados por ele apresentará, como característica principal, a edificação de uma cultura da misericórdia. Tal como ocorreu com o personagem da narrativa, Jesus convida-nos a estarmos próximos de todos os seres humanos que necessitem da nossa ajuda, a quem poderemos ser o próximo no caminho, para agirmos com misericórdia.

Tal como sucedeu com o samaritano, o primeiro passo que Francisco nos ensina para que possamos construir uma Igreja mais samaritana, mais misericordiosa, está na capacidade de observar. Esta é uma análise da realidade, das pessoas, do nosso mundo, numa perspetiva mais abrangente. Esta é uma visão que transcende a superficialidade do imediato, penetrando os nossos sentidos e afetando a nossa sensibilidade.

Torna-se imperativo retirar da invisibilidade muitos daqueles que, lamentavelmente, se encontram caídos pelo caminho, vítimas da cultura do descarte, como atualmente temos a oportunidade de observar na crise do fenómeno migratório. Como o samaritano não se limitou a observar a situação do indivíduo caído, mas aproximou-se e lhe prestou cuidados, uma instituição religiosa que manifeste a mesma

compaixão não pode permanecer insensível perante uma situação de sofrimento que tenha observado. É necessário captar o invisível das situações de sofrimento, de modo a suscitar a compaixão. Frequentemente, é necessário abdicar do seu próprio percurso, a fim de se dedicar inteiramente àqueles que solicitam a sua voz, presença e ação misericordiosa.

A instituição eclesial é chamada a favorecer contextos de misericórdia para quem se encontra em circunstâncias de sofrimento e vulnerabilidade física e espiritual. A presente reflexão não se cinge a acalmar a consciência por meio da prática de «obras de misericórdia», mas, antes, estende-se à necessidade de expressar, por meio do testemunho, o princípio mais genuíno da misericórdia, que deve estar sempre vivo e latente nas estruturas de evangelização. Esta é a segunda fase que Francisco nos instrui no processo de construção desta Igreja mais samaritana, misericordiosa: agir com misericórdia perante um olhar que captou o que estava invisível, negando a dignidade de filhos de Deus a um ser humano.

É imperativo realizar o que está ao alcance, não negar a proximidade, estender a mão e oferecer as estruturas de que se dispõe para que estas estejam ao serviço da vida e da dignidade do ser humano. Esta é uma ação que deve ser sempre ponderada, por meio de um discernimento prudente, que vise identificar a melhor forma de atuar, de modo a combater as causas e não apenas os efeitos.

É imperativo empreender esforços para edificar uma cultura de misericórdia e transformar as estruturas injustas e desumanas do nosso mundo. Para que a comunidade humana seja uma comunidade fraterna, na qual as desigualdades não se apresentem de forma tão acentuada e não condenem uma parte significativa da humanidade a viver de forma desumana, é necessário que o amor, a compaixão e a misericórdia, segundo os ensinamentos de Jesus, conforme relatado pelo evangelista Lucas, sejam o princípio orientador da vida humana. Francisco reafirma, assim, a importância da dimensão social da evangelização.

A evangelização contemporânea deve incluir a construção de uma cultura de misericórdia, conforme o apelo constante do Papa Francisco. É necessário lutar por políticas públicas (locais, nacionais e internacionais) que eliminem as causas de tanto dor e sofrimento. A necessidade de intervenção emerge como uma imperativa moral, na medida em que é preciso sarar o mundo ferido pelo nosso próprio egoísmo. Esta é a única forma de edificar o Reino.

## **Bibliografia**

### **I. Fontes e documentos**

#### **a) Magistério do Papa Francisco**

Francisco. «Homilia na Basílica São João de Latrão, capela papal, para a tomada de posse da cátedra do bispo de Roma». AAS 105 (2013).

Francisco. «Homilia na Santa Missa pelas vítimas dos naufrágios». Viagem apostólica em Lampedusa (Itália). AAS 105 (2013).

Francisco. «Homilia na visita a Paróquia romana dos santos Isabel e Zacarias, Solenidade da Santíssima Trindade». AAS 105 (2013).

Francisco. «Homilia na Santa Missa crismal». AAS 105 (2013).

Francisco. «Discurso na vigília de Pentecostes com os movimentos eclesiais». AAS 105 (2013).

Francisco. «Discurso em Assis no encontro com os jovens da região de Úmbria». AAS 105 (2013).

Francisco. «Discurso aos participantes na sessão plenária do Conselho Pontifício dos Imigrantes e Refugiados». AAS 105 (2013).

Francisco. «Discurso na visita ao 'Centro Astalli' de Roma para assistência aos refugiados». AAS 105 (2013).

Francisco. «Lumen fidei» AAS 105 (2013).

Francisco. «Evangelii gaudium». AAS 105 (2013).

Francisco. «Mensagem para o Dia Mundial do Migrante e do Refugiado 2014». AAS 106 (2014).

Francisco. «Homilia em Aman-Palestina, na Peregrinação a Terra Santa no 50º aniversário do encontro em Jerusalém entre o Papa Paulo VI e o Patriarca Atenágoras». AAS 106 (2014).

Francisco. «Discurso ao Parlamento Europeu em Estrasburgo». AAS 106 (2014).

Francisco. «Discurso em Trastevere na visita à Comunidade de Santo Egídio». AAS 106 (2014).

Francisco. «Discurso à Cúria Romana para as felicitações de Natal». AAS 106 (2014).

Francisco. «Laudato si». AAS 107 (2015).

- Francisco. «Mensagem para o Dia Mundial do Migrante e do Refugiado 2015». AAS 107 (2015).
- Francisco. «Discurso na cerimônia de boas-vindas na Casa Branca em Washington-Estados Unidos». AAS 107 (2015).
- Francisco. «Discurso no Congresso dos EUA». AAS 107 (2015).
- Francisco. «Discurso aos bispos da Conferência Episcopal da Eslováquia em visita 'ad limina apostolorum'». AAS 107 (2015).
- Francisco. «Discurso aos membros do Serviço Jesuíta aos Refugiados». AAS 107 (2015).
- Francisco. «Discurso numa visita ao bairro pobre de Kangemi, em Nairobi – Quênia». AAS 107 (2015).
- Francisco. «Discurso na visita ao Centro das Nações Unidas em Nairobi (*U.N.O.N*)». AAS 107 (2015).
- Francisco. «Discurso no encontro com o mundo do trabalho, na visita pastoral a Turim». AAS 107 (2015).
- Francisco. «Discurso aos participantes no encontro promovido pelo Pontifício Conselho 'Cor Unum'». AAS 107 (2015).
- Francisco. «Amoris laetitia». AAS 108 (2016).
- Francisco. «Mensagem para o Dia Mundial do Migrante e do Refugiado 2016». AAS 108 (2016).
- Francisco. «Discurso aos participantes na plenária da Congregação para a Doutrina da Fé». AAS 108 (2016).
- Francisco. «Discurso do Santo Padre no Encontro com as autoridades e a população». Memória das vítimas das migrações. Visita Apostólica a Lesbos (Grécia). AAS 108 (2016).
- Francisco. «Declaração conjunta de Sua Santidade Bartolomeu I, Patriarca Ecuménico de Constantinopla, de Sua Beatitude Hieronymos, Arcebispo de Atenas e de toda a Grécia e do Papa Francisco». Visita Apostólica a Lesbos (Grécia). AAS 108 (2016).
- Francisco. «Discurso do Santo Padre na visita aos refugiados». Visita Apostólica a Lesbos (Grécia). AAS 108 (2016).
- Francisco. «Mensagem para o Dia Mundial do Migrante e do Refugiado 2017». AAS 109 (2017).
- Francisco. «Gaudete et exsultate». AAS 110 (2018).
- Francisco. «Mensagem para o Dia Mundial do Migrante e do Refugiado 2018». AAS 110 (2018).

Francisco. «Christus vivit». AAS 111 (2019).

Francisco. «Mensagem para o Dia Mundial do Migrante e do Refugiado 2019». AAS 111 (2019).

Francisco. «Fratelli Tutti». AAS 112 (2020).

Francisco. «Mensagem para o Dia Mundial do Migrante e do Refugiado 2020». AAS 112 (2020).

Francisco. «Querida Amazônia». AAS 112 (2020).

Francisco. «Mensagem para o Dia Mundial do Migrante e do Refugiado 2021». AAS 113 (2021).

Francisco. «Mensagem para o Dia Mundial do Migrante e do Refugiado 2022». AAS 114 (2022).

Francisco. «Laudate Deum». AAS 115 (2023).

Francisco. «Mensagem para o Dia Mundial do Migrante e do Refugiado 2023». AAS 115 (2023).

Francisco. «Dilexit nos». AAS 116 (2024).

Francisco. «Mensagem para o Dia Mundial do Migrante e do Refugiado 2024». AAS 116 (2024).

## **b) Outras fontes e documentos**

*Bíblia Sagrada*. Lisboa: Difusora Bíblica, 2000.

*Catecismo da Igreja Católica*. Coimbra: Gráfica de Coimbra, 1993.

Concílio Ecuménico Vaticano II. *Documentos do Concílio Vaticano II: Constituições, decretos, declarações e mensagens conciliares*. Coimbra: Gráfica de Coimbra, 1998.

Consejo Episcopal Latinoamericano (CELAM). *Documento de Medellín. II Conferencia General del Episcopado Latinoamericano*, 1968. <https://celam.org/wp-content/uploads/2021/05/2-conferencia-general-medellin.pdf>

Consejo Episcopal Latinoamericano (CELAM). *Documento de Puebla. III Conferencia General del Episcopado Latinoamericano*, 1979. [https://www.celam.org/documentos/Documento\\_Conclusivo\\_Puebla.pdf](https://www.celam.org/documentos/Documento_Conclusivo_Puebla.pdf)

Conselho Episcopal Latino-americano. *Documento de Aparecida*. São Paulo: Paulus, 2007.

Obras Missionárias Pontificias. *Doutrina Missionária da Igreja (Textos do Magistério Pontifício)*. Lisboa: CRICE, 1999.

Pontifício Conselho da Pastoral para os Migrantes e Itinerantes & Pontifício Conselho *Cor Unum*. *Acolher Cristo nos refugiados e nas pessoas deslocadas à força: Diretrizes pastorais*. AAS 105 (2013).

Pontifício Conselho da Pastoral para os Migrantes e Itinerantes. *Erga migrantes caritas Christi* (A caridade de Cristo para com os migrantes). AAS 96 (2004): 762-822.

Pontifício Conselho «Justiça e Paz». *Compêndio da Doutrina Social da Igreja*. Cascais: Principia, 2005.

Secção Migrantes e Refugiados. *Rumo aos pactos globais sobre migrantes e sobre refugiados 2018*. Consultado em 01.04.2020. <https://migrants-refugees.va/wp-content/uploads/2018/03/A4-PT-Towards-the-Global-Compacts-2018-HOME.pdf>.

Secção Migrantes e Refugiados. *Responder aos desafios dos refugiados e migrantes: vinte pontos de ação para os pactos globais*. Consultado em 01.04.2020. [https://migrants-refugees.va/wp-content/uploads/2019/03/20-Pontos-de-A%C3%A7%C3%A3o-para-os-Pactos-Globais.PT\\_.pdf](https://migrants-refugees.va/wp-content/uploads/2019/03/20-Pontos-de-A%C3%A7%C3%A3o-para-os-Pactos-Globais.PT_.pdf).

Secção Migrantes e Refugiados. *Responder aos desafios dos refugiados e migrantes: vinte pontos de ação pastoral*. Consultado em 01.04.2020. [https://migrants-refugees.va/wp-content/uploads/2019/03/20-Pontos-de-A%C3%A7%C3%A3o-Pastoral.PT\\_.pdf](https://migrants-refugees.va/wp-content/uploads/2019/03/20-Pontos-de-A%C3%A7%C3%A3o-Pastoral.PT_.pdf).

### **c) Livros-entrevistas do Papa Francisco**

Francisco. *O verdadeiro poder é servir: por uma Igreja mais humilde. Um novo compromisso de fé e de renovação social*. Lisboa: Nascente, 2013.

Francisco. *Papa Francisco: Conversas com Jorge Bergoglio, Francesca Abrogetti e Sergio Rubin*. Lisboa: Paulinas, 2013.

Francisco. *Temos de ser normais: em conversa aberta com Antonio Spadaro*. Lisboa: Paulinas, 2014.

Francisco. *O nome de Deus é misericórdia: Uma conversa com Andrea Tornielli*. Lisboa: Planeta, 2016.

Francisco. *Conversas em Altos Voos: Encontros e entrevista com o Papa Francisco de Aura Miguel*. Lisboa: Paulus, 2017.

Francisco. *Um futuro de fé: uma conversa franca com o sociólogo Dominique Wolton*. Lisboa: Planeta, 2017.

Francisco. *Deus é jovem: Uma conversa com Thomas Leoncini*. Lisboa: Planeta, 2018.

Francisco e Carlo Musso. *Esperança: A Autobiografia*. Traduzido por Carlos Aboim. Lisboa: Nascente, 2025.

## II. Estudos e ensaios

Allen, Jr., John L. *Against the Tide: The Radical Leadership of Pope Francis*. Missouri: Liguori Publications, 2014.

Allen, Jr., John L. *The Francis Miracle: Inside the Transformation of the Pope and the Church*. New York: Time Books, 2015.

Allen, Jr., John L. *La Iglesia del futuro: Diez tendencias que están revolucionando la Iglesia católica*. Madrid: San Pablo, 2016.

Andrade, Joachim. «Pastoral da Acolhida e da Missão: ir ao encontro de migrantes e refugiados» em *Migrações, refúgio e comunidade cristã: reflexões pastorais para a formação de agentes*, ed. Carmem Lussi e Roberto Marinucci (São Paulo: Paulus, 2018), 129-140.

Baggio, Marileda. «A acolhida do migrante como paradigma da Igreja sempre reformanda» em *Migrações, refúgio e comunidade cristã: Reflexões pastorais para a formação de agentes*, 99-112.

Baggio, Marileda e Luiz Carlos Susin. «O clamor das migrações e o magistério da Igreja». *Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana* 20, n. 39 (2012): 211-228.

Bergoglio, Jorge Mario. *Quo nomine vis vocari? Francisco. Reflexiones de un pastor. Misión*. Buenos Aires: Editorial Santa Maria, 2013.

Boff, Leonardo. *Francisco de Assis e Francisco de Roma: uma nova primavera na Igreja*. Lisboa: Pergaminho, 2014.

Brazal, Agnes M. & Emmanuel S. de Guzman. *Intercultural Church: Bridge of Solidarity in the Migration Context*. USA: Borderless Press, 2015.

Brazal, Agnes. «Cultural Rights of Migrants: A Philosophical and Theological Exploration» em *Intercultural Church: Bridge of Solidarity in the Migration Context*, editado por Agnes M. Brazal e Emmanuel S. de Guzman. USA: Borderless Press, 2015.

Cámara, Javier e Sebastián Pfaffen. *Aquel Francisco*. Córdoba: Raiz de Doz, 2014.

Campese, Gioacchino. *Hacia una teología desde la realidad de las migraciones: Método y desafíos*. México: Cátedra, 2008.

Campese, Gioacchino. «‘Não és mais estrangeira nem hóspede’: a teologia das migrações no século XXI». *Ciberteologia* 8, n. 37 (2011): 63-94.

Campese, Gioacchino. «The Irruption of Migrants: Theology of Migration in the 21st Century». *Theological Studies* 73, n. 1 (2012): 3-32.

- Cruz, Gemma Tulud. *Toward a Theology of Migration: Social Justice and Religious Experience*. New York: Palgrave Macmillan, 2014.
- Cruz, Gemma Tulud. «Los migrantes y la Iglesia en la era de la globalización». *Concilium* 361 (2015): 91-98.
- Fernández, Víctor Manuel e Paolo Rodari. *El programa del Papa Francisco: ¿Adónde nos quiere llevar?* Buenos Aires: San Pablo, 2014.
- Frederiks, Martha & Dorottya Nagy, ed. *Religion, Migration, and Identity: Methodological and Theological Explorations*. Series: Theology and Mission in World Christianity. Boston: Brill, 2016.
- Gaeta, Saverio. *Papa Francisco: a vida e os desafios*. Lisboa: Paulus, 2013.
- Galli, Carlos María. *Dios vive en la ciudad: hacia una nueva pastoral urbana a la luz de Aparecida y del proyecto misionero de Francisco*. Barcelona: Herder Editorial, 2014.
- Gómez Navarro, Eusebio. *El Dios Samaritano: un viaje por la misericordia*. Burgos: Fonte, 2016.
- Guerra, Jorge Castillo. «Teología de la Migración: movilidad humana y transformaciones teológicas». *Theologica Xaveriana* 63, n. 176 (2013): 637-401.
- Guerra, Jorge Castillo. «Contributions to the Social Teaching of the Roman Catholic Church on Migration». *Exchange* 44, n. 4 (2015): 403-427.
- Groody, Daniel e Gioacchino Campese, ed. *A Promised Land, A Perilous Journey: Theological Perspectives on Migration*. Notre Dame, Indiana: University of Notre Dame Press, 2008.
- Groody, Daniel. «Morir para vivir: los inmigrantes sin papeles y el misterio pascual». *Concilium* 328 (2008): 119-132.
- Groody, Daniel. «Crossing the Divide: Foundations of Theology of Migration and Refugee». *Theological Studies* 70 (2009): 638-667.
- Groody, Daniel. «A Theology of Migration: A new method for understanding a God on the move». *America: The Jesuit Review*. Issue 763, February 7, 2011.
- Groody, Daniel. «Objetivos en movimiento: inmigrantes, globalización y tráfico con seres humanos». *Concilium* 341 (2011): 17-28.
- Groody, Daniel. Homeward Bound: A Theology of Migration for Fullness of Life, Justice and Peace, *The Ecumenical Review* 64, n. 3 (2012): 299.
- Gutierrez, Gustavo. *En busca de los pobres de Jesucristo*. Salamanca: Ediciones Sigueme, 1993.
- Guzik, Paulina. «Communicating migration – Pope Francis’ strategy of reframing refugee issues». *Church, Communication and Culture* 3, n. 2 (2018): 106-135.

- Ivereigh, Austen. *The Great Reformer: Francis and the Making of a Radical Pope*. London: Allen & Unwin, 2014.
- Javier, Edgar. *Dialogue: Our Mission Today*. Quezon City: Claretian Publications, 2006.
- Kasper, Walter. *A misericórdia. Condição fundamental do Evangelho e chave da vida cristã*. Cascais: Lucerna, 2015.
- Kasper, Walter. *Papa Francisco: A revolução da misericórdia e do amor*. Prior Velho: Paulinas, 2015.
- Kasper, Walter e Raffaele Luise. *Testemunha da misericórdia: A minha viagem com Francisco*. Prior Velho: Paulinas, 2016.
- Lowney, Chris. *Francisco, líder y papa*. Santander: Sal Terrae, 2014,
- Lowney, Chris. *A liderança segundo Francisco*. Barcarena: Marcador, 2015.
- Luciani, Rafael. «La opción teológico-pastoral del Papa Francisco» *Perspectiva Teológica* 48, n. 1 (2016): 81-115.
- Luciano, Rafael. «La centralidad del Pueblo en la teología sociocultural del papa Francisco». *Concilium* 376 (2018): 83-96.
- Luciani, Rafael. *Synodality: A New Way of Proceeding in the Church*. New York: Paulist Press, 2022.
- Lussi, Carmem. «La movilidad humana como lugar teológico. Elementos de teología de las emigraciones». *Concilium* 328 (2008): 51-64.
- Lussi, Carmem e Roberto Marinucci, ed. *Migrações, refúgio e comunidade cristã: Reflexões pastorais para a formação de agentes*. São Paulo: Paulus, 2018.
- Luzbetak, Louis. *The Church and Cultures: New Perspectives in Missiological Anthropology*. New York: Orbis Books, 1988.
- Magezi, Christopher. «Migration Crisis and the Church: A response to a lacunaeans considerations for Christian ministry engagement». *Verbum et Ecclesia* 38, n. 1 (2017): 1-9.
- Manuel, Paul Christopher. «How the Theological Priorities of Pope Francis Inform His Policy Goals». In *Pope Francis as a Global Actor*, ed. Alynna J. Lyon et al. . Cham: Palgrave Macmillan, 2018, 23-40
- Marujo, António e Joaquim Franco. *Papa Francisco: a revolução imparável*. Queluz de Baixo: Manuscrito, 2017.
- Müller, Gerhard Ludwig. *Del lado de los pobres. Teología de la Liberación*. Madrid: San Pablo, 2013.

- Müller, Gerhard Ludwig. *Iglesia pobre para los pobres. La misión liberadora de la Iglesia*. Madrid: San Pablo, 2014.
- Padilla, Elaine e Peter C. Phan, ed. *Contemporary Issues of Migration and Theology*. New York: Palgrave Macmillan, 2013.
- Passos, João Décio. «As reformas do Papa Francisco: conjuntura, significados e perspectivas». *Perspectiva Teológica* 49, n. 2 (2017): 353-374.
- Phan, Peter C. «Embracing, Protecting, and Loving the Stranger: A Roman Catholic Theology of Migration». Em *Theology of Migration in the Abrahamic Religions*, ed. Elaine Padilla e Peter C. Phan, 77-110. New York: Palgrave Macmillan, 2014.
- Phan, Peter C. «Deus Migrator—God the Migrant: Migration of Theology and Theology of Migration». *Theological Studies* 77, n. 4 (2016): 845-868.
- Rego, António. *Deus na cidade*. Apelação: Paulus, 2003.
- Rego, Antonio e Miguel Pina e Cunha. *Papa Francisco: as lições de liderança*. Lisboa: Edições Sílabo, 2015.
- Riccardi, Andrea. *Periferias. Crise e novidade para a Igreja*. Cascais: Lucerna, 2019.
- Scannone, Juan Carlos. «El papa Francisco y la teología del Pueblo». *Razón y Fe* 271, n. 1395 (2014): 31-50.
- Scannone, Juan Carlos. *La teología del Pueblo: raíces del Papa Francisco*. Maliaño: Sal Terrae, 2017.
- Silva, José Antunes da. *Diálogo Profético*. Fátima: Verbo Divino, 2014.
- Sistach, Lluís Martínez. *La pastoral de las grandes ciudades*. Madrid: PPC (Trad. Port. Paulus), 2015.
- Spadaro, António e Carlos Maria Galli, ed. *La riforma e le riforme nella Chiesa*. Brescia: Queriniana, 2016.
- Stanislaus, Lazar e vanThanh Nguyen, ed. *Missionary Discipleship in Glocal Contexts*. Siegburg: Franz Schmitt Verlag, 2018.
- Stanislaus, Lazar e Martin Ueffing, ed. *Interculturalidad. En la vida y en la misión*. Estella: Verbo Divino, 2017.
- Vieira, Inês Espada. *Estoutro: refugiados e imigrantes pobres numa democracia compassiva*. Lisboa: UCP Editora, 2025.